



Nacionalismo e Conflitos Étnicos no Cáucaso

Subversão e colapso do Estado na Transcaucásia Czarista e Soviética (1830-1991)

João Pedro Teixeira Romão Sequeira

Orientador: Professor Doutor Álvaro Correia de Nóbrega



“Aos Povos do Cáucaso” – Pintura de Dmitry Stakhievich Moor – 1921.

Dissertação para obtenção de grau de Mestre
Em Estratégia

JUNHO 2014

VALORIZAMOS PESSOAS



Instituto Superior
de Ciências Sociais e Políticas
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Nacionalismo e Conflitos Étnicos no Cáucaso

Subversão e Colapso do Estado na Transcaucásia Czarista e Soviética
(1830-1991)

João Pedro Teixeira Romão Sequeira

Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em Estratégia

Orientador: Professor Doutor Álvaro Luís Correia de Nóbrega

Junho 2014

VALORIZAMOS PESSOAS

WWW.ISCSP.ULISBOA.PT



Instituto Superior
de Ciências Sociais e Políticas
UNIVERSIDADE DE LISBOA

*"The Soviet State modernized, terrorised, and Russified
the Caucasus but also gave it new kinds of nationalism."¹*

¹ Cf. Waal, Thomas De, *The Caucasus: An Introduction*, Oxford University Press, Londres, 2010. p.107.

VALORIZAMOS PESSOAS

WWW.ISCSP.LISBOA.PT



RESUMO

Esta dissertação considera as questões fundamentais suscitadas pelo nacionalismo e pelos problemas étnicos na Transcaucásia Czarista e Soviética entre 1830 e 1991, que em última análise poderão ter fomentado a queda do regime soviético nesta região. Procede-se inicialmente a uma análise histórica do Cáucaso até à sua anexação total pelas tropas russas no século XVIII com o intuito de procurar a origem dos conflitos étnicos existentes nesta região um dia apelidada como *Jabal al-sun*, as montanhas das línguas. Posteriormente a dissertação aborda a criação e russificação do Cáucaso czarista que antecede a sovietação da mesma região que também é analisada numa perspectiva do estudo da relação entre as políticas operadas pelos soviéticos na região e o desencadear de sentimentos nacionalistas que conduziram à emancipação dos povos não-russos cujo ímpeto poderá ter sido talvez maior do que qualquer estratégia de subversão deliberada ao regime soviético. Por último o texto centra-se no binómio existente entre a crise do comunismo e o ressurgir do nacionalismo cujos conceitos crescem do quadro das já turbulentas relações existentes entre eles, pondo em causa a argumentação da *nomenklatura* soviética que afirmava a erradicação dos conflitos entre as muitas nacionalidades da URSS que se prova terem sido apenas silenciadas durante 70 anos à custa do uso da força tendo posteriormente reemergido à custa da redução das políticas de pressão operada durante a *Perestroika*, tendo um papel preponderante na formação dos movimentos populares nacionalistas e independentistas emergentes.

Palavras-chave

- Transcaucásia • Rússia Imperial • União Soviética • Arménia • Geórgia • Azerbaijão • Nacionalismo • Subversão do Estado • Conflitos Étnicos no Cáucaso • Russificação



ABSTRACT

This thesis seeks to address various fundamental questions raised by nationalistic and ethnical issues in the Tsarist and Soviet Transcaucasia between 1830 and 1991 that could have a decisive impact in the fall of the Soviet regime in this region. The text provides a historical analysis of the Caucasus region until the Russian conquest in the XVIII century, aiming to explore the origins of the ethnic conflicts in this region that used to be called *jabal al-sun*, the mountain of languages. Primarily the thesis approaches the Tsarist state-building of the Caucasus that precedes the Soviet state building in the same region that is subsequently studied focusing on the relation among the Soviet politics in this region and the triggering of the sense of nationalism that may have empowered the emancipation of the non-Russian peoples whose urges maybe have outstanced any other deliberated subversion strategy against the Soviet regime. The last section explores the binomial relation among the crisis of the communism and the resurgence of the nationalism whose concepts emerge in the frame of the turbulent relations between them, jeopardizing the Soviet nomenklatura's reasoning of the ethnical conflict's elimination. That proves that those conflicts were not but silenced during 70 years by the usage of Soviet repression force since they suddenly reemerge as soon as those repression measures were slightly slackened during the perestroika period, all claiming an important role in arising the popular nationalism and independence movements.

KEYWORDS

• Transcaucasia • Russian Empire • Soviet Union • Armenia • Georgia • Azerbaijan •
Nationalism • Subversion of State Power • Ethnic Conflicts in the Caucasus • Russification



ÍNDICE

LISTA DE SIGLAS	3
INTRODUÇÃO	4
1. O Problema de Pesquisa	4
2. Questões de Investigação e Objectivos	6
3. Metodologia de Investigação	6
4. Conceitos Operacionais	9
4.1. Estado, Nação, Nacionalismo e Etnicidade	9
4.2. Conceito de Subversão	15
4.3. Estratégia de Subversão de um Estado	16

CAPÍTULO PRIMEIRO

A HERANÇA HISTÓRICA DO CÁUCASO

1. As “Montanhas das Línguas”	19
2. “O Berço da Civilização”	22
2.1. Entre a Grécia e a Pérsia – “As Satrapias do Cáucaso”	24
2.2. A Civilização Romana – “As Províncias Romanas do Cáucaso”	25
2.3. O Califado Abássida – “Chegada de Uma Nova Fé”	27
2.4. As Invasões Mongóis – “A Nova Rota da Seda”	32
2.5. As Invasões Timúridas – “A Fé Pela Força da Espada”	34
2.6. Luta entre Otomanos e Persas – “O Novo Jogo”	38
2.7. A Conquista Russa do Cáucaso – “A Russificação”	39

CAPÍTULO SEGUNDO

CRIAÇÃO E RUSSIFICAÇÃO DO CÁUCASO CZARISTA

1. Russificação e Impacto nas Culturas da Transcaucásia	47
2. A Diversidade Étnica e a Industrialização	51
3. O Emergir dos Nacionalismos e a Queda do Czarismo	55
4. A I Guerra Mundial, a Revolução Russa e o Fim do Czarismo no Cáucaso	59



CAPÍTULO TERCEIRO

CRIAÇÃO E SOVIETIZAÇÃO DO CÁUCASO

1. A Criação da Transcaucásia Soviética	66
2. A Construção de uma Ordem Socialista no Cáucaso	71
3. <i>Korenizatsiya</i> vs Russificação	75
4. O Impacto da Sovietização na Transcaucásia	77
5. A Diversidade Étnica e o Fracasso das Políticas de Integração	83
6. O Crescimento do Nacionalismo e a Mudança Política da URSS no Cáucaso	88

CAPÍTULO QUARTO

A CRISE DO COMUNISMO E O RESSURGIR DO NACIONALISMO

1. Estado e Nação na URSS	92
2. A Crise Estrutural do Estado Soviético	94
3. Os Movimentos Nacionalistas e a sua Contribuição para o Colapso Soviético	96
4. A Política de Repressão Soviética	98
5. <i>A Glasnost, a Perestroika</i> e o Enfraquecimento Soviético no Cáucaso	100
6. O Nacionalismo como Estratégia de Subversão do Estado	102
7. A Eclosão do Conflito do Alto Carabaque	106
8. A Ascensão do Nacionalismo e o Colapso da URSS na Transcaucásia	110
8.1. Arménia	110
8.2. Azerbaijão	114
8.3. Geórgia	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
BIBLIOGRAFIA	125
ÍNDICE DE ANEXOS	133
ANEXOS	134



SIGLAS UTILIZADAS

CUP – Comité de União e Progresso, Comité Otomano (1890-1918)

Guberniia – Subdivisão territorial do Império Russo sob responsabilidade de um governador.

KGB – Polícia Secreta do Estado Soviético¹

OA – *Oblast* Autónomo, território administrativo soviético designado para pequenos grupos étnicos, muitas vezes parte de uma maior unidade territorial (RSS) A sub-unidade de *Oblast* é o *Raion*.

OE – Orçamento de Estado

RDA – República Democrática Alemã

RFA – República Federal da Alemanha

RSS – República Socialista Soviética

RSSA – República Socialista Soviética Autónoma, unidade territorial nacional com um estatuto reduzido quando comparada com um RSS, mas com mais direitos do que um OA.

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

USD – Dólar Americano²

1 *Komitet Gosudarstvennoy Bezopasnosty*, em língua russa.

2 *United States Dollar*, em língua inglesa.



INTRODUÇÃO

1. Problema da Pesquisa

Em meados dos anos oitenta era quase inimaginável que no final dessa mesma década passassem a existir quinze novos Estados em lugar da URSS. Mas o colapso da URSS acabou por registar-se extinguindo-se assim a arquitectura geopolítica dominante durante a maior parte do século XX, num processo que conduziu o mundo ao fim da Guerra-fria que o vinha dividindo desde o pós-guerra da II Guerra Mundial.

A URSS foi uma superpotência nuclear com 74 anos de existência durante os quais passou por duas guerras mundiais, mas não deixou de ser um regime ditatorial terrível em que foram aniquilados milhares de Soviéticos, condição de carácter essencial para uma complexa revolução social cujos ideais políticos foram capazes de inspirar milhões de pessoas no mundo inteiro. Ora, posto isto, como acabou a URSS por entrar em colapso chegando mesmo ao ponto da desintegração?

O fim da URSS deve-se a variados factores, sendo que o factor económico potenciado pela desastrosa situação financeira do país após vários anos a despender fundos numa corrida desenfreada ao armamento, pelo menos até ao desastre de Chernobil, é o mais consensual. Porém o facto dos Comunistas terem herdado, após a Revolução Bolchevique, um Estado criado pela expansão Czarista durante quase quatro séculos, período durante o qual um grande número de nações foi anexada e russificada à força, leva a que esta dissertação não pretenda focar-se tanto na acção de Mikhail Gorbachov, como chave de todo o processo que levou ao fim da União Soviética, mas no papel dos conflitos étnicos internos da URSS, principalmente na região do Cáucaso, e na sua consequente contribuição para a subversão do estado e posterior desintegração do regime Soviético.³

Assim, a necessidade de entendimento e interpretação patente na abordagem qualitativa gerou a pergunta de pesquisa - “Foram o nacionalismo e os conflitos étnicos uma estratégia de subversão ao estado Soviético na Transcaucásia?” – que automaticamente fez com que o objecto de estudo se debruce o nacionalismo e os conflitos étnicos na Transcaucásia, apoiado numa vasta investigação documental acerca de se os mesmos terão ou não

³ Cf. Katsiaficas, George, *The Subversion of Politics: European Autonomous Social Movements and the Decolonization of Everyday Life*, Humanities Press International, Nova Jérsea, 2006. p.13.



fomentado a perda de influência e posterior colapso do regime soviético na região supracitada.

A natureza subjectiva e complexa que estimula a interpretação e a indução do investigador, tão característica na abordagem qualitativa, fez com que à partida para a realização deste trabalho a formulação das hipóteses de resposta fossem as seguintes:

- Sim porque foram o principal veículo de fomento do ódio contra o regime soviético e o colonizador russo.
- Sim porque contribuíram para o desenvolvimento de uma consciência verdadeiramente nacionalista
- Sim porque potenciaram uma ambição legítima dos líderes das repúblicas soviéticas da Transcaucásia em assumir o destino das suas nações em detrimento do colonizador russo
- Sim porque criam focos de instabilidade e conflito na União Soviética
- Sim porque foram os conflitos inter-étnicos os principais elementos causadores da eclosão do Conflito no Alto Carabaque, que muito enfraqueceu o poder Soviético na região
- Sim por em última análise muito contribuíram para o golpe de Estado em Moscovo que causou o final da URSS.
- Sim porque foram os principais elementos que proporcionaram a independência das novas nações que agora existem no espaço pós Soviético da Transcaucásia.

De referir que a situacionalidade das hipóteses de resposta supracitadas, que se cingem a respostas positivas no que concerne à responsabilidade do nacionalismo e dos conflitos étnicos na Transcaucásia terem sido elementos fulcrais na subversão ao Estado Russo e Soviético na Transcaucásia.

Quanto à delimitação do âmbito cronológico tornou-se apropriado escolher como balizas temporais as datas de 1830 de 1991. O ano de 1830, sendo a data do término da guerra russo-circassiana, remete-nos para a conquista do Cáucaso pelo Império Russo que de acordo com Mackinder, possibilitou a sua afirmação como um emergente estado *pivot* assente num quadro geográfico único de dualismo asiático-europeu.⁴ A segunda data,

4 Para H.J. Mackinder a realidade geográfica assenta nas vantagens da centralidade do lugar e na capacidade e eficiência no que concerne ao movimento de ideias, bens e pessoas. Em 1904 ele teorizou que a área interior da Eurásia, caracterizada pelo seu interior frio e isolado e impenetrável por mar era a Área *pivot* da política mundial cujo controlo poderia ser a base para o domínio mundial. Vide; Mackinder, Sir Halford John, *Democratic Ideals and Reality: A Study in the Politics of Reconstruction*, H. Holt, Londres, 1919.



prende-se com a ocorrência do Golpe de Estado no mês de Agosto de 1991 em Moscovo, que em última análise se revelou bastante importante para os movimentos de independência das repúblicas Soviéticas ao abalar decisivamente as forças conservadoras soviéticas conduzindo depois à queda da URSS.

2. Questões de Investigação e Objectivos

Além do superior interesse do objecto de estudo, pouco explorado na bibliografia portuguesa, até pela análise da formulação das hipóteses de resposta que datam de quando se ponderou a realização do presente trabalho torna-se notório que os objectivos do mesmo terão de passar pela pesquisa e investigação de temas que se prendem com a construção de identidades nacionais e religiosas no espaço em estudo, a Transcaucásia Soviética. Tendo sempre porém presente a necessidade de investigação da relação da construção das identidades nacionais referidas com a opressão de que eram vítimas os povos nativos que poucas semelhanças partilhavam com os colonos russos quer em termos de cultura, religião e também de idioma.

Concluindo que houve de facto a criação de sentimentos nacionalistas fomentados pela opressão das políticas de assimilação Russas e posteriormente Soviéticas, torna-se de carácter essencial que este trabalho se foque no estudo da interacção entre os sentimentos nacionalistas nos diversos grupos étnicos da Transcaucásia e as manobras subversivas, sem precedentes no interior das fronteiras soviéticas, que conduziram a uma perda de influência da Rússia e posteriormente da URSS na região em estudo. Só assim se crê ser possível estimular o desenvolvimento de novas compreensões sobre o emergir de um verdadeiro ímpeto independentista nas Repúblicas Soviéticas situadas na Transcaucásia Soviética, que, em última análise, levou os seus dirigentes a rejeitar a autoridade central completa, proposta por Moscovo.

3. Metodologia de Investigação

Apesar da inacessibilidade das fontes primárias patrocinada pela distância geográfica das mesmas, mesmo tendo o autor vivenciado um período longo de observação de um fenómeno pós queda do Muro de Berlim, na Albânia, país que experienciou um regime



Comunista, embora com contornos muito singulares e por isso diferentes da região em estudo, apraz-se dizer que a especificidade e a dificuldade do estudo sobre o nacionalismo justifica uma análise qualitativa e tendencialmente descritiva na qual o seu autor procura aprofundar a compreensão dos fenómenos em estudo – nacionalismo, etnicidade, conflitos étnicos, e, subversão do estado – interpretando-os à luz de estudos realizados por outros autores sem ter a principal preocupação com a representatividade numérica bem como generalizações estatísticas conforme requerido pela perspectiva de análise quantitativa.⁵

Assim, o modelo de investigação seguido foi um modelo qualitativo através da pesquisa bibliográfica e da análise documental que se centrou na abordagem multidisciplinar privilegiando a História da região do Cáucaso e dos seus povos, que se justifica porque os conflitos étnicos no Cáucaso, localizado entre a Europa e a Ásia, e desde sempre uma posição estratégica, podem explicar-se recorrendo à antiga história desta região que se estende desde as estepes russas até ao deserto persa. Dito isto, a abordagem multidisciplinar supracitada foi assente numa perspectiva Histórico-Antropológica, Sociológica, Política, e também Económica, no seguimento da base do método qualitativo que nos últimos 30 anos vem ganhando uma inequívoca valorização no que concerne à pesquisa em ciências sociais.⁶

A abundância de literatura anglo-saxónica sobre este assunto é vasta e por isso contrastante com a pouca exploração que o tema merece pela historiografia nacional, e até mesmo no que concerne a traduções para língua Portuguesa. Assim, após uma inventariação global seleccionou-se um conjunto de obras maioritariamente em língua inglesa, francesa e espanhola, desde obras académicas até memórias e diários de personalidades políticas associadas ao objecto de estudo, delineou-se uma estrutura narrativa com elementos analíticos adequados ao objecto de estudo, organizada cronologicamente ao longo dos diversos capítulos embora alguns temas pudessem beneficiar em ser analisados autonomamente (por exemplo a questão do conflito do Alto Carabaque, entre outras).

5 “Entre as pessoas que iniciam um projecto de pesquisa, havia uma história que nenhum bom pesquisador qualitativo deveria sujar as suas mãos com números. Às vezes esse sentimento é apoiado por críticas profundas da base lógica subjacente a algumas análises quantitativas” in Silverman, David, *Interpretação de Dados Qualitativos: Métodos para Análise de Entrevistas, Textos e Interações*, Bookman, Porto Alegre, 2009, p.58.

6 “A pesquisa qualitativa é (...) um guarda-chuva que abriga uma série de técnicas de interpretação que procuram descrever, decodificar, traduzir, e qualquer outro termo relacionado com o entendimento e não com a frequência de ocorrência das variáveis de determinado fenómeno” in Cauchick, Paulo, Costa, Sérgio, e Fleury, Afonso, *Metodologia de Pesquisa*, Elsevier Brasil, Rio de Janeiro, p.53.



Uma das preocupações fundamentais durante a investigação relacionou-se com a formulação de um critério de pluralismo no que concerne à data de publicação, antes ou depois do final da URSS, da bibliografia e documentação utilizadas. Este critério prendeu-se com o facto da bibliografia ser limitada tanto pela censura ou influenciada pela propaganda, no caso de obras oriundas da URSS, como pela dificuldade do acesso à informação caso se tratem de obras oriundas de países externos à URSS.

Como instrumento de investigação o autor interpretou à luz de uma revisão de literatura e da análise documental de diferentes teses que abordavam o facto da “URSS algum dia poder vir a desintegrar-se devido aos seus problemas internos, nomeadamente a debilidade económica que assolava o Estado Soviético, o ascendente muçulmano e os crescentes problemas étnicos na Ásia Central e na Eurásia”,⁷ considerando que mesmo assim, a desintegração da União Soviética acabou por constituir um dos momentos mais imprevisíveis de toda a história após ter sobrevivido durante anos a várias guerras-civis bem como ao isolamento internacional.⁸ Prova disso, é que, tanto os analistas ocidentais como Soviéticos previam que ao longo do tempo, as diferenças nacionais entre os povos da URSS iriam diminuir, o que conduziria à assimilação dos grupos étnicos mais pequenos pela grande massa russa.⁹

Contudo a percepção do autor à luz da identificação, exploração e interpretação dos fenómenos estudados e formulados conceitualmente acerca das situações vividas nomeadamente no Cáucaso vieram ao longo do estudo a desmentir a perspectiva da primeira da análise dos dados. Justificando por isso o facto de este trabalho incidir sobre o estudo do nacionalismo e dos conflitos étnicos no Cáucaso como principal estratégia de subversão operada na Transcaucásia Czarista e Soviética entre os anos de 1830 e 1991, que culminou, na independência da Arménia, Azerbaijão e Geórgia.

7 “ (...) Os peritos ocidentais tinham sido inquiridos em 1987 acerca de um eventual colapso da URSS e a opinião unânime registada era a de que essa situação constituía uma hipótese muito improvável, senão mesmo impossível (...) todavia houve alguns peritos que admitiam pensar na hipótese de um eventual colapso do regime Soviético” in Beissinger, Mark R., *Nationalism Mobilization and the Collapse of the Soviet State: a tidal approach to the study of nationalism*, Cambridge University Press, Cambridge, 2002, p.2.

8 Cf. Kissinger, Henry, *Diplomacy*, Simon & Schuster, Nova Iorque, 1994. pp.762-763.

9 “O método qualitativo pode imprimir a sua subjectividade na análise dos resultados impedindo a sua replicação uma vez que outro pesquisador não observará necessariamente os mesmos aspectos do pesquisador original” in Fonseca, Regina Célia Veiga da, *Metodologia Do Trabalho Científico*, IESDE Brasil SA, Curitiba, 2011. pp.35-36.



4. Conceitos Operacionais

Do latim *conceptus*, de *concipere*, o mesmo que *cumcaptare*, o conceito é uma unidade de pensamento que exprime um termo cujos significados são declarados por definições, apenas servindo de referência, os conceitos nunca são verdadeiros nem falsos, mas apenas mais ou menos úteis.¹⁰ No entanto, tratando-se de conceitos operacionais deve citar-se Adriano Moreira:

*“Os conceitos operacionais parecem de uma utilidade inegável, como instrumento de arrumo e sistematização da realidade observada, mas a sua natureza convencional não pode ser esquecida, a margem de arbitrariedade do investigador tem como limite a utilidade metodológica”.*¹¹

Como tal, numa tentativa de operacionalizar o quadro teórico-conceptual de forma a limitá-lo dentro de definições optou-se primeiramente por integrar nesta secção alguns dos conceitos operacionais mais dominantes que embora requeiram uma certa elasticidade mesmo nessas definições, em virtude de serem permanentemente citados ao longo da dissertação carecem de ser aqui explicitados de forma a facilitar a articulação da estrutura da dissertação com os assuntos que serão posteriormente tratados.

4.1. Conceitos de Estado, Nação, Nacionalismo e Etnicidade

Etimologicamente, nação deriva do latim *natione*, do verbo *nasci* que significa nascer e por extensão ter a origem, provir, começar.¹² Mas o conceito de Nação passou a ser uma importante componente política após o século XVIII na sequência da luta política que caracterizou o período da Revolução Francesa.¹³ Embora, segundo Kant, conceito seja toda a

10 Vide; Centro de Estudos do Pensamento Político;

Disponível em: <http://www.cepp.iscsp.utl.pt> [Consultado dia 11 de Junho de 2014 às 13:00]

11 Cf. Moreira, Adriano, *Enciclopédia POLIS*, vol 1, col.s 1061-1065

12 Cf. Machado, José Pedro, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados)*, 3 vols, Editorial Confluência/ Livros Horizonte), Lisboa, 1967, vol.II, pp.1639-1640, *Apud* Graça, Pedro Borges, *A Construção da Nação em África*, Almedina, Coimbra, 2005.p.20.

13 “Vide; Maltez, José Adelino, *Princípios de Ciência Política – Introdução à Teoria Política*, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa, 1996, p.396.



noção que é geral, sem ser absoluta, foi o conceito de Nação que passou a ser a fórmula legitimadora do acesso do Povo ao Poder ao viabilizar e proporcionar uma nova fórmula de controlo do Estado com base num conceito objectivo de Povo enquanto Nação, um conjunto maioritário de indivíduos reconhecidos como tendo em comum o facto de pertencerem à mesma realidade geo-histórica, reclamando por isso a detenção do Poder Político em oposição à natureza transnacional das casas reais reinantes.¹⁴

De acordo com a noção Ocidental de Nação, existem quatro elementos que são considerados como sendo os seus pilares fundadores.¹⁵ O território, que representa as origens de um grupo. A comunidade político legal, que com um propósito apenas político assenta na ideia da construção da pátria, e da igualdade dos membros do grupo que assenta na construção da cidadania. E a existência de uma ideologia cívica e cultura comuns, ou seja, a existência de um conjunto de critérios, sentimentos e ideias que unem a população em torno da sua terra natal.¹⁶

Ora, uma nação é, antes de mais, uma comunidade de origem com grande importância ancestral, no entanto o factor territorial começa apenas a ganhar importância a partir do momento em que o povo é objecto de aspirações nacionalistas, que incitam à mobilização popular. Porém Adriano Moreira aludindo à definição de Wilson concede mais importância ao factor sociológico do que propriamente territorial salientando desta forma o carácter do projecto nacionalista que, ainda de acordo com Adriano Moreira, tenderá tanto para a repressão interna de dissidências como para fomentar um expansionismo geográfico à custa de outras comunidades:

“De acordo com o conceito consagrado com a orientação de Woodrow Wilson consagrado após o final da I Guerra Mundial é entendido como uma comunidade na identificação sociológica e avaliada como a expressão mais sólida da solidariedade que orienta a decisão

14 Cf. Graça, Pedro Borges, *op cit.*, p.20.

15 Devido à localização geográfica do Cáucaso, deve também considerar-se a aceção oriental da nação, que privilegia a componente étnica em maior escala do que a cívica e territorial, como se verifica na aceção Ocidental supracitada. Vide Gulick, Sidney Lewis, *The East and the West: a study of their psychic and cultural characteristics*, C.E Tuttle Co., 1963; Gammer, Moshe, *Ethno-Nationalism, Islam and the State in the Caucasus – Post Soviet Disorder*, Routledge, Londres, 2008; Jersild, Austin, *Orientalism and Empire: North Caucasus Mountain Peoples and the Georgian Frontier (1845-1917)*, McGill-Queen’s University Press, Montreal & Kingston, London – Ithaca, 2003.

16 Acerca da dualidade nacionalidade/etnia, vide Delannoij, Gile, e, Taguieff, Pierre-André, *Théories du Nationalism, Nation, Nationalité, Ethnicité*, Éditions Klmé, Paris, 1991.



de suportar em comum as adversidades, os desafios, os projectos, mantendo-se assim na sucessão das gerações, e, ambicionando a suficiência dos meios, recursos e determinação para gerir politicamente, com independência, os seus destinos.”¹⁷

Definindo o conceito de nacionalismo como uma preferência pelo que é próprio da nação a que se pertence, torna-se um conceito ambíguo que pode desencadear no de patriotismo ao associar-se a uma doutrina política que faz da nação um absoluto¹⁸. Como um conceito básico de patriotismo intelectualizado e arvorado em doutrina (do nacional), o nacionalismo está presente na história mesmo antes da formulação do conceito, pelo menos desde o final da idade média, onde se verificaram vários fenómenos de desintegração de impérios que deram lugar a vários Estados-nação que de alguma forma justificaram a sua existência como um Estado, ou entidade organizada politicamente, numa ideia de nação, embora algo ambígua.

Foi porém, em pleno Imperialismo, época em que o globo se repartia por várias esferas de influência, que começaram a emergir características étnicas e territoriais ligadas com o fenómeno da nação embora este não assumisse ainda mais do que um sentimento de forte relação com a própria pátria em relação às outras nações. Pode dizer-se que se tratava ainda de um conceito muito exclusivista que recusava todos e quaisquer valores e/ou interesses que viessem de fora da sua nação. Daí ao nacionalismo estarem sempre associados conceitos como grupo étnico, raça, etnicidade e populações genéticas.

As transformações históricas que juntaram o conceito de Estado, sociedade política autónoma, ao conceito de nação, conjunto de indivíduos ligados por uma comunhão de cultura e de tradições (em que a identidade de língua, de religião ou de raça são importantes, sem serem necessárias, podem ser compreendidas no contexto da revolução industrial nos últimos anos do século XIX.

A base da formação do Estado-nação e da ideologia nacional tratou-se de um fenómeno originado simultaneamente com uma massificação crescente do nacionalismo que desencadeou por si só uma luta ideológica bastante impulsionada pelas muito em voga

17 Cf. Prefácio de Adriano Moreira, em: Graça, Pedro Borges, *op cit.*, p.8.

18 Cf. Costa, J. Almeida, e, Melo, A. Sampaio de, *Dicionário da Língua Portuguesa – 5ª edição*, Porto Editora, 1977. p.983.



teorias raciais e Darwinistas aliadas a uma luta pela sobrevivência. Embora Lord Acton tenha escrito que foi o Estado que deu origem à Nação e não a Nação que antecedeu o Estado, efectivamente estes dois conceitos difundiram-se nesta altura emergindo juntos num movimento filosófico que via no regresso à natureza e aos sentimentos primários do passado a forma de fazer face à industrialização e a uma profunda e inerente crise de valores sociais por si patrocinada.

A principal característica do nacionalismo foi a degradação da nação a um simples conceito de expressão étnica e territorial, da terra e da pátria, um sentimento espontâneo de nação que permitiu alguma agregação civil e política, uma exaltação do Estado nacional, considerado como uma instituição essencial para a realização dos direitos sociais, económicos e culturais de um povo, cujo prestígio e glória exigem uma posição dominante no mundo. Tratou-se de um fenómeno transversal ao qual aderiram várias classes sociais devido às capacidades do conceito de nacionalismo advogar uma forma de reagir á opressão da sociedade contemporânea de uma forma diferente daquela que era a solidariedade socialista. Outra das principais motivações psicológicas deste fenómeno prendeu-se especialmente com a possibilidade de vários individuos que não se puderam afirmar individualmente passarem a ter a oportunidade de se afirmar no seio de uma nação, numa sociedade mais justa patrocinada pela união entre classes.

Os países em que o nacionalismo se afirmou maioritariamente foram a França e a Alemanha onde o idealismo nacionalista alemão fez emergir a etnicidade como consequência da “descoberta” histórica da Alemanha antiga e pagã e na concepção de um povo como um elemento de unidade da nação, patente nos escritos éticos de Fichte, Kant, que falam da superioridade do povo alemão, e de Hegel, que vê na afirmação de uma nação sobre a outra o cumprimento do destino do mundo governado pela razão universal, principais bases da grandeza e do poder da *Weltpolitik*.¹⁹ Em França, na II República, um regime como uma forte aversão parlamentarista e anti-clerical fez emergir um nacionalismo militante inflamado pela ideia de *revanche* face às regiões da Alsácia e da Lorena fenómeno

19 Em termos antropológicos, o conceito de etnicidade tem muitas vezes uma conotação discriminatória, isto porque se uma pessoa está, de facto, definida em termos étnicos, isto enfatiza muitas vezes o papel que determinado individuo é forçado a desempenhar numa determinada sociedade.



ao qual se juntou um forte sentimento de ódio face às populações judaicas incitado pelo *affair Dreyfus* em 1894.²⁰

Conforme o pensamento de Rousseau de que sem uma pátria não há um povo, são inegáveis as ligações entre o conceito de nacionalismo e o de etnicidade visto que a base do nacionalismo é a unidade da nação, entendida como a unidade do povo que se identifica com a raça.²¹ A exaltação da nação é, portanto, equivalente à exaltação de um povo e de uma raça com fronteiras étnicas definidas numa nação que assim se distingue das outras de uma forma mais ou menos violenta sendo o nacionalismo um fenómeno muitas vezes agressivo e irracional.²²

A onda de nacionalismo e xenofobia que invadiu a Europa no final do século XIX esteve sempre associada a uma necessidade de poder e de expansionismo da nação, algo muito inerente a Estados-nação conforme se verificou nas Guerras dos Balcãs em 1912-1913, uma região que foi motivo de interesses, rivalidades, ódios nacionalistas de várias potências nacionalistas e onde nada surpreendentemente teve início a I Guerra Mundial também muito fomentada por interesses nacionalistas. Aliás, o nacionalismo é uma ideologia algo perigosa devido a fornecer de uma forma intrínseca um apoio emocional necessário para guerras entre estados, conforme se verificou nas duas Guerras Mundiais, das quais não foi a principal causa da sua origem, mas sim a principal ferramenta de propaganda.

O conceito de nacionalismo divide-se em várias áreas de influência quando aplicado numa sociedade de um Estado-nação – psicológico, histórico, económico e político. No plano económico, o nacionalismo representa os interesses da indústria e do capitalismo nacional que se unem de forma a proteger a nação da concorrência estrangeira. Existe também um plano psicológico que se relaciona com o facto de o nacionalismo ser a expressão do optimismo das classes dominantes que, tendo ganho a sua hegemonia por meio de competição social, se sentem legitimadas pela nação e por isso com margem para reforçar a sua posição. Outra vertente do plano psicológico do nacionalismo tem a ver com o facto de

20 O general Alfred Dreyfus foi um general do exército francês, acusado de ser culpado de espionagem para a Alemanha, o maior inimigo do Estado francês. Apesar de se provar a sua inocência, Dreyfus acabou por ser considerado culpado devido a ser judeu.

21 Racismo, *strictu sensu*, é reconhecer as diferentes raças humanas, mas para dizer que uma é superior a outra, por isso pode ser assumido, em nome da superioridade, que todas as formas de exploração, opressão se justificam em nome do poder.

22 Cf. Pfaff, William, *The wrath of Nations: Civilization and the furies of nationalism*, Simon & Schuster, Nova Iorque, 1993 pp.53-4.



este constituir um terreno fértil nas classes mais pobres para as quais as conquistas da nação são verdadeiros objectivos de vida que aproximam as massas para a direcção do Estado a quem compete assegurar as relações sociais a nível nacional.

Também associado com o poder e o expansionismo da nação nomeadamente na era do colonialismo europeu desenvolve-se o conceito de etnicidade que consiste num grupo de pessoas que se identificam ou são associadas umas com as outras, ou mesmo por terceiros, com base em semelhanças culturais ou biológicas.²³ Tal como no conceito de nacionalismo o conceito de etnicidade divide-se em várias áreas de influência quando aplicado numa sociedade de um Estado-nação. Assim, o conceito de etnicidade pode ou não fomentar o conceito de nacionalismo e de união nacional na medida em que a questão dos grupos étnicos, da raças, traços culturais, linguísticos e religiosos, quando semelhantes, são elementos unificadores de uma filosofia nacional da nação ou a ela referente. Mas que ao serem diferentes podem constituir linhas de fractura que conduzem ao antagonismo aberto entre os grupos étnicos, originando a tendência de os países com maior diversidade étnica serem mais frágeis especialmente face a convulsões sociais internas ou a ameaças externas.²⁴

Como conceito aglutinador de todos os conceitos supracitados existe ainda o conceito de ressentimento, que, subitamente, pode intervir de forma determinante e transversal em todos eles, conforme escreveu Marc Ferro:

*“Como os vírus que julgamos mortos quanto estão apenas adormecidos, o ressentimento, subitamente reactivado, ganha vida para surpresa daqueles que nem sequer suspeitavam da sua existência. (...) O fenómeno do ressentimento partindo das abordagens filosóficas de Nietzsche em genealogia da moral em 1887 mas também dos escritores que giraram em torno do fenómeno – Rousseau, Dostoiévski, Camus (...) afecta tanto grupos ou nações ou comunidades inteiras é mais difícil de apreender do que a luta de classes ou mesmo o racismo. Entre outras razões porque se manteve latente e pode interferir, tanto na luta de classes e o racismo, como com o nacionalismo ou outros fenómenos”.*²⁵

23 Vide, Poutignat, Philippe, *Teorias da etnicidade*, UNESP, São Paulo, 1998.

24 Cf. Giddens, Anthony, *Sociologia*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2004. pp.258-259.

25 Cf. Ferro, Marc, *O Ressentimento na História*, Teorema, Lisboa, 2008. pp.6-7.



4.2. O Conceito de Subversão

Num sentido lato subverter significa arruinar, revolucionar, revolver, e, subversão significa o acto ou o efeito de subverter. Para uma melhor compreensão do processo subversivo há que considerar a existência de uma ordem prévia, um *status quo ante*, “que por via de uma determinada causa, mais ou menos complexa entra num processo de ruptura, mudando brusca e profundamente para uma nova situação”.²⁶

Existem várias definições do termo subversão, mas as mais comuns definem o conceito de “subversão” como sendo na sua essência, um processo transitório no seio de um Estado, embora não deixando por isso de constituir um instrumento fundamental de toda uma acção que visa causar uma ruptura conjuntural, ou um “enfraquecimento do poder”²⁷, a uma ordem vigente, substituindo-a ou não por outra.²⁸

Para Raymond Aron a origem da subversão, isto é, o que leva ao processo de ruptura está sempre no “descontentamento das massas que são orquestradas e incitadas a agir contra o governo, enfraquecendo o Estado – através de motins, manifestações, rebeliões – forçando as instituições a adoptar novas ideias”.²⁹

António de Sousa Lara, sustenta-se em Aron ao identificar o “processo social” como sendo potenciador de “uma ruptura, total ou parcial, de uma dada ordem conjuntural caracterizada pela informalidade ou marginalidade de actuações e pela incompatibilidade de projectos relativamente aos valores e ordem jurídica instituídos, com vista à substituição dessa ordem por outra”.³⁰

A ideia da existência de uma marginalidade nas actuações levadas a cabo por e no interior de uma determinada sociedade visando a substituição da ordem vigente, é também corroborada pelo General Abel Cabral Couto, que define o mesmo conceito como uma “luta conduzida no interior de um dado território, por uma parte dos seus habitantes, ajudados e

26 Cf. Lara, António de Sousa, *Ciência Política – Estudo da Ordem e da Subversão*, Universidade Técnica de Lisboa – Instituto de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa, 2004. p.301.

27 Cf. Muchielli, Roger, *La Subversion*, CLC, Paris, 1976, p.9.

28 “Struggles always have primacy over the institutions-apparatuses of power (especially the State), even though they are invariable inscribed within their field. The other danger we must take care to avoid is the essentialist conception of power (including the State) according to which struggles (the social) can only subvert power to the extent that they are external to it” in Poulantzas, Nicos, *State, Power, Socialism*, Verso Classics Edition, Londres, 2000. p.149.

29 Cf. Aron, Raymond, *Paix et Guerre entre les Nations*, Calmann-Lévy, Paris, 1988, p.517.

30 Cf. Lara, António de Sousa, *op cit.*, p.302.



reforçados ou não pelo exterior, contra as autoridades de direito ou de facto estabelecidas, com a finalidade de lhes retirar o controlo desse território ou, pelo menos, de paralisar a sua acção”.³¹

Tanto Sousa Lara como Cabral Couto são unânimes na ideia de criação de uma ruptura mas, no entanto Cabral Couto considera que essa ruptura, que levará a uma eventual paralisação da acção, constitui já a subversão, mas para Sousa Lara, apenas existe subversão quando uma ordem vigente é substituída por outra. Também para Jorge de Miranda a questão da substituição de uma ordem, *status quo ante*, por outra, também parece ser considerada fundamental, que além de considerar o termo “subversão” como um “ataque insidioso ou violento, a uma ordem política e social estabelecida”, refere ainda que esse ataque tem como principal objectivo a substituição da ordem vigente, a médio ou longo prazo, por outra.³²

Assim que um Estado é subvertido, deparamo-nos com uma problemática jurídica, extremamente complexa, a que se tem dado o nome de *sucessão de Estados*. Um Estado sucedido poderá ficar submetido a várias vicissitudes, entre elas: A cessação da sua soberania ou da administração de um Estado relativamente a certo território – seja por incorporação dele no território de outro Estado ou por transferência de administração, seja por ele se tornar o território de um novo Estado; Cessação da própria soberania do Estado – por anexação por outro Estado, por integração em Estado composto ou por fusão com outro ou outros Estados dando origem a um novo Estado.³³

4.3. A Estratégia de Subversão de um Estado

Em termos gerais, a subversão visa uma mudança na ordem vigente, ou até mesmo a substituição dessa ordem, e, a estratégia é a arte e a ciência de edificar, estruturar e empregar meios num dado meio e tempo, de forma a alcançar objectivos, que no caso de uma estratégia de subversão, são a subversão de um Estado.

31 Cf. Couto, Abel Cabral, *Elementos de Estratégia – Apontamentos para um Curso*, vol. II, pág. 211, Instituto de Altos Estudos Militares, Lisboa, 1989

32 Cf. Miranda, Jorge de, *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Edições Verbo, Lisboa – São Paulo, 1999, p.751.

33 Cf. Miranda, Jorge, *Curso de Direito Internacional Público*, Principia, Lisboa, 2002. pp.230-231.



Uma estratégia de subversão visa encontrar os melhores meios para subverter um Estado, e estes meios podem ser vários, bastando apenas que visem derrubar e substituir a ordem estabelecida. Podem ser atentados, pressões à opinião pública, enfraquecimento da classe média (pedra angular de uma sociedade), manifestações, entre outras estratégias de subversão, e os agentes subversivos podem ser jornalistas, sindicalistas, e até terroristas, variando no caso de tratar-se de uma subversão manifesta ou de uma subversão coberta.³⁴

Apesar da ideia de subversão de um Estado ser de difícil concretização no panorama actual dos Estados modernos, não deixam de existir inúmeras estratégias visando esse objectivo. A essas estratégias podemos chamar-lhes ameaças, visto que em quase todas é colocada em causa a segurança dos cidadãos de qualquer Estado onde estas estejam ou sejam implantadas.

Na formulação de qualquer estratégia, segundo a tipologia do General Cabral Couto, são identificáveis três fases(...) os aspectos operacionais (ligados à utilização dos meios), os aspectos genéticos (relacionados com a geração e a criação de novos meios) e os aspectos estruturais (correspondentes à composição, organização ou articulação dos meios)”.³⁵

Conferindo a uma estratégia, o objectivo de subverter um Estado – enfraquecendo e desgastando o Poder e desmoralizando/desanimando os cidadãos – torna-se imperativo identificar as melhores formas quer de estruturar, quer de operacionalizar a estratégia. Estas deverão ser adequadas justamente ao objectivo anteriormente delineado, ou seja, deverão adequar-se ao Estado que se pretende subverter.³⁶ Para que se saiba exactamente que estratégia utilizar, e sabendo que os Estados fracos são mais susceptíveis de serem subvertidos, é necessário, em primeiro lugar, avaliar a força do Estado.

Manuel Díez-Alegría Gutiérrez, citando o Almirante francês Adolphe Lepotier, refere a existência de três aspectos de tal forma fundamentais que o que deles emana confere às nações a sua verdadeira força, o seu poder. São eles, a Geoestratégia da superfície e da

34 Uma acção de subversão manifesta é sustentada na propaganda, agitação de massas, contestação violenta, atentados políticos ou no terrorismo. A subversão coberta pode materializar-se através de mediatismo “terrorista”, boatos, rumores, desinformação, e do recrutamento. *in* Fontoura, Luís, Lição de Estratégia de Subversão, Instituto de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa, Novembro de 2009.

35 Vide Couto, Abel Cabral, *Elementos de Estratégia - Apontamentos para um Curso*, vol. II, pág. 211, Instituto de Altos Estudos Militares, Lisboa, 1989.

36 Cf. Correia, Armando, *Estratégia Marítima Norte-Americana: Trabalho de Aplicação do Modelo de Gestão da Acção Estratégica*, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa, Fevereiro de 2008



população, a Tecno-estratégia, dos recursos e do potencial científico, e a Psico-estratégia, da conquista dos cérebros e dos corações.³⁷

Com efeito, a estratégia de subversão de um Estado apenas é bem-sucedida quando a opinião pública desse Estado é persuadida, através, ou não, da acção psicológica, da substituição da ordem vigente acabando por causar uma ruptura num dos três aspectos conferidores da força dos Estados.³⁸ Caso essa ruptura se verifique, o Estado não saberá, ou ver-se-á incapaz de fazer uso das suas capacidades, sendo forçado a uma mudança.

37 Cf. Gutiérrez, Manuel Diez-Alegría, *Geopolítica y Geoestrategia*, Madrid, p.224.

38 Cf. Fontoura, Luís, *Lição de Estratégia de Subversão*, Instituto de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa, Novembro de 2009.

CAPITULO PRIMEIRO

A Herança Histórica do Cáucaso

“this country is interesting as the central point of passage in most of the great national migrations of ancient times (...) Crossing the Caucasus the Scythians penetrated into Asia (...) the Persian monarch Cyrus conquered this country and Alexander the great appears in all the legends of Caucasus. Here too was the stronghold of Mithridates (...) the Romans ruled this country for centuries and introduced into it Christianity (...) in after times here arose the kingdoms of Armenia and Georgia partially dependent of Byzantium (...)the Mongols and Tartars inundated the country (...) Islamism extirpated or suppressed Christianity (...) and Persians struggled for mastery (...) until Russia supplanted both these powers” ³⁹

1. As “Montanhas das Línguas”

Há vinte e cinco milhões de anos atrás duas enormes massas de terra colidiram num lugar que ficaria conhecido como a intersecção entre a Europa e a Ásia. A colisão entre estas duas massas gigantes foi tão forte que deu origem a uma muito irregular cadeia de setecentos quilómetros de picos e montanhas que se estende desde as enormes estepes da Eurásia até às terras altas e áridas a leste da Anatólia e a oeste da Pérsia.

Uma das principais imagens da região que Julius Von Klaproth⁴⁰ considerou um dia estar entre as mais extraordinárias e menos conhecidas do mundo antigo, são sem dúvida as suas impressionantes montanhas. E talvez por isso, durante séculos, para muitos, o Cáucaso,

39 Cf. Haxthausen, Baron Von, *Transcaucasia: Sketches of the Nations and the Races between the Black Sea and the Caspian*, Chapman and Hall, Londres, 1854. pp.xiii-xv.

40 Cf. Klaproth, Julius Von, *Travels in The Caucasus and Georgia – Performed in the years of 1807 and 1808 by command of Russian Government*, Henry Colburn, Londres, 1814. p.1.



pouco mais significava do que gélidas, altas e muito longínquas montanhas que constavam porém de lendas imemoriais, como a lenda de Prometeu, aquele que por ter roubado o fogo dos deuses para o dar aos homens, foi castigado por Zeus que o acorrentou nos cumes gélidos do Cáucaso durante 30 mil anos.

O interesse académico da região do Cáucaso deve-se muito ao facto de se tratar de uma região bastante complexa no que respeita à sua vertente etnolinguística, histórica e também geográfica. No que concerne à vertente geográfica, existe a ideia de que o Cáucaso se trata apenas e só de montanhas, já que os territórios na costa do Mar Negro, na Geórgia, bem como as paisagens áridas e desérticas, as chamadas estepes, do centro do Azerbaijão são também marcas icónicas da geografia da região. Porém são de facto as montanhas a principal marca do Cáucaso, e, devido a ter sido sempre uma zona de passagem durante a história, é muito comum na bibliografia inglesa dedicada à região ser-lhe atribuído o termo “mountain pass”, que carece na língua portuguesa, conforme escreveu Gonçalo Cadilhe, de uma tradução capaz de prestar a devida dimensão à palavra “pass”: “A expressão “um passo de montanha” não nos diz nada, não a associamos a uma abertura na muralha, a uma fenda na linha da crista, a um pequeno desfiladeiro que permita mais agilmente passar de um lado de uma cordilheira para o outro. Talvez por não termos tido, na nossa História, cordilheiras para atravessar.”⁴¹

Mas ao contrário da nossa história, a história de todos os povos que colonizaram, ou apenas passaram pelo Cáucaso, envolve a passagem da alta cordilheira montanhosa, onde se ergue o impressionante Monte Kazbek, a mais de 5 mil metros de altitude, que marca uma faixa de oitocentos quilómetros, que separa o Mar Negro do Mar Cáspio, e divide o Norte, do Sul do Cáucaso, onde se erguem as montanhas Lesser, que conferem uma paisagem muito montanhosa à Arménia e ao Azerbaijão, e também o mítico monte Ararat na fronteira com a Turquia.

Outra das imagens do Cáucaso desde tempos imemoriais é o carácter comercial das suas cidades de onde provinham os tapetes com que Assírios e Babilónios ornamentavam os templos dos seus deuses bem como os palácios dos seus reis, semelhantes aqueles que

41 Cf. Cadilhe, Gonçalo, *Qualquer coisa nos lugares: Uma Travessia do Khyber*, publicado na revista Visão no dia 28 de Fevereiro de 2013. p.97.



Romanos e Gregos importariam séculos mais tarde.⁴² A descrição de Marco Polo da antiga cidade de Laissus algures na costa do Mar Negro, onde teve início o seu périplo através da Rota da Seda, apesar de ser talvez uma das primeiras descrições do Cáucaso visto por um Ocidental, muito séculos mais tarde pode ainda retratar qualquer cidade costeira do Mar Negro: “uma cidade portuária muito movimentada (...) com muitos mercadores de Veneza e Génova e de outros lugares que negociam especiarias de todo o tipo, seda e lã”.⁴³

Pode definir-se geograficamente o Cáucaso como uma ponte entre a Europa e a Ásia numa área que compreende 440,194 km² sendo as suas fronteiras, a depressão de *Kuma-Manych*, que se pensa poder ter sido na antiguidade um corredor entre os Mares Cáspio e de Azov, a Norte, o Mar Cáspio a leste, a fronteira entre Geórgia-Arménia-Azerbaijão e a Turquia-Irão a Sul, e o Mar Negro e o Mar de Azov a Oeste. Fazem uma barreira de quase 1300 quilómetros entre o Mar Cáspio e o Mar Negro separando-os das grandes planícies russas a norte.⁴⁴

As montanhas os maiores elementos potenciadores das mais particulares características da região como a conhecemos hoje, como por exemplo a sua diversidade étnica caracterizada pela maior densidade de línguas do planeta, apesar de situar numa área compacta com uma população de apenas 15 milhões de pessoas. Para que se compreenda o conceito de multiculturalidade no Cáucaso, cingindo a abordagem apenas ao Sul do Cáucaso, a área geográfica em que incide esta dissertação, aqui existem cerca de dez nacionalidades, divididas em 3 grupos étnicos - Azeris, Georgianos e Arménios – onde se inserem diferentes nacionalidades como Ossetas, Abecásios, Curdos Muçulmanos e Yezidi, Talysh e Lezgin, e todos estes povos falam línguas incompreensíveis entre si - O azeri pertence ao grupo de línguas túrquicas da família linguística altaica. O georgiano é uma das línguas caucasianas, e o arménio trata-se de uma língua separada incluída na família das línguas indo-europeias. As diferenças não se cingem ao âmbito linguístico, sendo que em termos religiosos os Azeris são muçulmanos, a maioria xiitas sendo que existe uma minoria sunita no norte do país. Os

42 Cf. Gulbenkian, Calouste S., *La Transcaucasie et la Péninsule D'Apcherón – Souvenirs de Voyage*, Librairie Hachette et Co., Paris, 1891, pp.161-162.

43 Cf. Polo, Marco, *The Travels of Marco Polo*, Wordsworth Editions, Aug 1, 1997 - Biography & Autobiography. pp.14-16.

44 Sobre a Depressão de Kuma-Manych Vide: Scott, E. M., Alekseev,, Andrey, e, Zaitseva, Ganna, *Impact of the Environment on Human Migration in Eurasia: Proceedings of the NATO Advanced Research Workshop*, held in St. Petersburg, 15-18 November 2003, Springer, 3 Nov 2004. pp.91-107.



Arménios e os Georgianos são Cristãos Ortodoxos e têm os seus centros religiosos em Echmiadzin e Tíflis, respectivamente.

A cadeia montanhosa é sim o centro do Cáucaso e não uma linha divisora no entanto, é costume falar-se de Cáucaso do Norte e de Cáucaso do Sul, sendo que a fronteira a Sul é natural, e situa-se ao longo do Rio Araks, e está delimitada desde 1921 com o Tratado de Kars⁴⁵ assinado no dia 21 de Outubro de 1921 entre as Repúblicas Socialistas Soviéticas da Transcaucásia e pela Turquia⁴⁶ A terminologia, Sul do Cáucaso, ou Transcaucásia, delimitação geográfica do objecto de estudo desta tese, é apenas utilizada desde a independência da Arménia, Geórgia e Azerbaijão, apesar desta região ser já anteriormente conhecida pelo termo Russo *Zakavkaz'ye*, que significa, para lá das montanhas.

2. “O Berço da Civilização”

Pensa-se que o Cáucaso seja habitado desde o ano 200 mil a.C. encontrando-se entre as regiões onde assentam as raízes das primeiras estruturas organizadas da humanidade que remontam ao período do Crescente Fértil.⁴⁷ Tratando-se durante milénios de uma zona de passagem e não de colonização, os primeiros povos a instalarem-se nos vales do Mtkvari e do Rioni, antes da chegada das tribos Trácias, Frígias, Mísias e Bitínias provenientes das montanhas dos Balcãs e das vastas planícies da Trácia, eram povos nómadas saqueadores que remontam ao período do final da Idade do Bronze.⁴⁸

45 Sobre o Tratado de Kars, Vide; Kamenev, Lev, Prince Leopold of Bavaria, Joffe, Adolph, Chicherin, Georgy, Altfater, Vasili, Sokolnikov, Grigory,e, Karakhan, Lev, *Articles on Treaties of Soviet Republics, Including: Treaty of Kars, Treaty of Brest-Litovsk, , Peace of Riga*, Hephaestus Books, 29 Sep 2011, e *Treaties of Armeni: Treaty of Kars, Treaty of Batum, Treaty of Alexandropol, Bishkek Protocol*, Nvarsak Treaty, 2009 Armenia-turkey Accord, General Books LLC, 2010

46 O Tratado continha cláusulas territoriais que afectaram a Arménia. A Rússia limitou as ambições territoriais da Turquia discutidas no Tratado de Brest-Litovsk e no Tratado de Batumi. A cidade de Batumi voltou a ser pertença da Geórgia, enquanto que Alexandropol e a linha férrea até Erevã passaram a fazer parte do território arménio. Como compensação pela perda da cidade de Batumi a Turquia obteve uma parcela do território arménio acima do Rio Araxes, no distrito de Surmalu, enquanto o Naquichevão se tornou um protectorado do Azerbaijão.

47 Cf. Kaeter, Margaret, *The Caucasian Republics*, Nations in Transition Series, Facts on File, Nova Iorque, 2004. pp.4-5.

48 Cf. Allen, William Edward David, *A History of the Georgian People: From the Beginning Down to the Russian Conquest in the Nineteenth Century*, Taylor & Francis, Londres, 1932. p.11.



A perda da hegemonia da civilização Egípcia, e dos vários outros reinos da Idade do Bronze,⁴⁹ foi o primeiro passo para que ocorressem uma série de mudanças irreversíveis, como a queda de Troia e o desabar do poderoso Império Hitita na Anatólia central, que mudariam para sempre o mapa da Ásia Ocidental.⁵⁰

Porém a história destes povos, descritos por Heródoto, no século V a.C., como “várias tribos muito diferentes entre si”, não é muito conhecida antes das invasões Romanas da década de 70 a.C.⁵¹

A história anterior à presença romana cinge-se a muito poucas fontes, sendo a mais creditada, Moisés de Khoren, um historiador arménio da idade média que baseou os seus estudos nos arquivos históricos dos antigos Babilónios, Assírios e Persas.⁵² Dos seus estudos sobre o Cáucaso Meridional consta que a Arménia e a Geórgia foram colonizados pelo Império Babilónico, e mais tarde pelos Assírios, que aproveitando o facto do Império Babilónico ter entrado num estado de anarquia, que culminou com o extermínio da dinastia Kassite,⁵³ chegaram às terras do Cáucaso como forma de vingar a Rainha Semíramis, alegadamente desprezada pelo Rei Ara da Arménia.⁵⁴

Durante os cinco séculos seguintes, até ao início da nossa era, e, antes da chegada de povos como os Citas, os Cimérios, os Medos e os Persas provenientes do Norte e do Leste, foram os Assírios quem continuou a dominar a região assegurando assim os antigos valores por que há muito esta se regia.

As outras potências dominantes eram o Reino do Urartu⁵⁵, que contava com regras de sociedade civil herdadas dos Babilónios, e os recém-nascidos Estados bárbaros da Frígia,

49 Cf. Cotterell, Arthur, *The Encyclopedia of ancient civilizations*, Penguin Books, London, 1980, p.45.

50 “BC 1240 – The fall of Troy was a major event in the battle for control of the trade between Baltic and Mediterranean seas (..) BC 1235 – The Hittites were invaded by the Sea People, bringing their collapsing empire to an end. The center of iron production then shifted to the Balkan Peninsula.” in Mountain, Harry, *op. cit.*, p.16.

51 Cf. King, Charles, *op. cit.* p.3.

52 Cf. Khorène, Moïse de, *Histoire d'Arménie*, Typ. arménienne de Saint-Lazare, Veneza, 1841.p.99.

53 Sobre as origens dos Impérios Babilónico e Assírio, Vide; Drummond, Sir William, *Origines: Babylonian empire. Assyrian empire. Empire of Iran*, Baldwin and co., Londres, 1824.

54 “Sémiramis, à cause de sa première passion pour le bel Ara (...) le fils né de lui et de sa bien aimée femme, Nouart, enfant âgé de douze ans à la mort d’Ara; Sémiramis, pleine de confiance en ce jeune prince, le met à la tête de notre pays: Ara meurt, dit-on, dans la guerre contre Sémiramis (...) le dernier de ceux qui vécurent sous l’empire des Assyriens, depuis Sémiramis ou Ninus est (...) notre Barouir (...) aidé puissamment par Varbace le Mède, ravit le royaume de Sardanapale (...) ainsi Varbace s’emparant des états de Sardanaple, commande à l’Assyrie, à Ninive” in . Khorène, Moïse de, *op.cit.*, pp.93-97.

55 Acerca do Reino do Urartu, Vide; Piotrovskiï, Boris Borisovich, *Urartu*, Cresset Press, Londres, 1969, e Frankel, David, *The ancient kingdom of Urartu*, British Museum Publications, Londres, 1979.



Lídia e Bitínia que se baseavam numa estrutura social muito semelhante à do Império Hitita, talvez por se localizarem nos seus antigos territórios.⁵⁶

Contudo o final do mundo antigo na região ficaria marcado pelo inexorável aumento da esfera de influência Persa. O Império Aqueménida, ou Primeiro Império Persa, sob comando astucioso de Ciro, o Grande, conquistou o Reino de Medos, em 550 a.C., que fez com que as montanhas do Cáucaso passassem a estar ligadas historicamente à Pérsia.⁵⁷

2.1. Entre a Grécia e a Pérsia – “As Satrapias do Cáucaso”

Em 500 a.C. o Império Persa, estava no seu apogeu. Estendendo-se desde os Balcãs e o Norte de África, a oeste, até à Índia, a Leste, era o maior e mais poderoso império do mundo antigo. Porém a expansão helénica inspirada pelo advento cultural de Atenas continuava a ser uma ameaça crescente na costa do Mar Egeu, uma zona nevrálgica no coração do Império Persa.

As tribos gregas começaram a instalar-se na Ásia no final do segundo milénio a.C. Os Eólios foram os pioneiros seguidos dos Jónios que se estabeleceram numa região da costa sudoeste da Anatólia que passou a chamar-se Jónia e cuja maior cidade era Mileto.⁵⁸ A partir do século VI a.C. os Milésios colonizaram e criaram cidades em diversos pontos dos mares Negro e Egeu que foram, à excepção de Mileto, anexadas por Creso, o último rei da Lídia.

Após a morte do Rei Creso da Lídia, em 546 a.C., o Império Persa de Ciro II levou a cabo fortes acções militares que consumaram a anexação da região pondo fim às ambições independentistas de algumas cidades Jónias.⁵⁹ Contudo, embora os persas não tivessem

56 Cf. Allen, William Edward David, *op.cit.*, p.11.

57 “After the Medes had helped the Chaldeans crush the Assyrians, the Persian King, Cyrus (the Great), moved to take over all the surrounding lands. He defeated the King of Medes in 550 B.C. and made their capital at Ecbatana his own (...) Cyrus showed that he meant to reject the Assyrian way of taking power. Rather than terrorizing his opponents, he sought to win them over by reasonable and decent treatment” in Greer, Thomas H., e Lewis, Gavin, *A Brief History of the Western World*, Cengage Learning, Stamford, 2004. p.46.

58 Cf. Nossov, Konstantin, *Greek Fortifications of Asia Minor 500-130 BC: From the Persian Wars to the Roman Conquest*, Osprey Publishing, Long Island City, 2012.

59 “Between 500 and 386 BC Persia was for policy-making clashes in the largest Greek states a constant preoccupation (...) the situation for the far more numerous smaller states of mainland Greece was different inasmuch as a distinctive policy of their own toward Persia was hardly an option for most of the time” in Britannica Educational Publishing, *Ancient Greece: From the Archaic Period to the Death of Alexander the Great*, The Rosen Publishing Group, Nova Iorque, 2010. p.65.



desmantelado as estruturas sociais das comunidades gregas, estes recusavam-se a aceitar o sistema das satrapias, mesmo sendo estas “governadas” por gregos.⁶⁰

Em 499 a.C., meio século após a conquista persa da região, estalou uma enorme revolta na cidade de Mileto à qual rapidamente aderiram outras cidades vizinhas, além de Atenas que enviou alguns navios de combate, mas que rapidamente acabou esmagada pelas forças persas que condenaram a Jónia a prestar vassalagem e a pagar elevados tributos ao Império Persa.⁶¹ A Jónia só seria libertada, por Atenas, no ano 479 a.C. após a vitória dos Gregos sobre os Persas na Batalha de Mícale.⁶²

Em 329 a.C. Alexandre, o Grande havia já conquistado o Império Persa, anexando-o ao Império Macedónio que passou a englobar todo o mundo civilizado conhecido, desde a Grécia até à Índia. Todavia, o império entrou em colapso logo após a morte de Alexandre e rapidamente se desintegrou.⁶³

2.2. A Civilização Romana – “As Províncias Romanas do Cáucaso”

A morte de Alexandre significou para o Cáucaso um período de enorme turbulência, que durou quase sete séculos, em que a região foi palco de sangrentos conflitos, em que as suas fronteiras eram disputadas por Gregos, Romanos e Persas. Os confrontos bélicos começaram na década de 70 a.C. com uma guerra entre Gregos e Romanos, na qual os exércitos

60 “Throughout the cities, the Persians installed Greek puppet rulers. After the doomed Ionian Revolt, Persian rule was harshly reaffirmed” in Sacks, David, Murray, Oswyn, e, Brody, Lisa R., *Encyclopedia of the Ancient Greek World*, Infobase Publishing, Nova Iorque, 2009. p.1

61 No entanto o domínio persa na região foi devidamente reestruturado pelo rei Dário I: “Cyrus preferred to rule through his own governors rather than through vassals (...) Darius reformed the organization of Persian rule (...) when Ionia was reassessed after the Ionian revolt (...) Darius’s reorganization consisted of a redivision of the satrapies, splitting up some and joining together others along traditional ethnic or national lines, and the determination of a fixed tribute based on the productive capacity of the region. He appointed a governor for each satrapy (...) who was responsible to the Great king himself (...) for the payment of the annual tribute, the raising of military levies, the administration of justice” in Cook, John Manuel, *The Persian Empire*, Schocken Books, Berlim, 1983.pp.167-182. *apud* Gorman, Vanessa B., *Miletos; The Ornament of Ionia: A History of the City to 400B.C.E*, University of Michigan Press, Michigan, 2001. p.127.

62 “In the Persian invasions of mainland Greece (490 and 480 B.C.E.), Ionian troops and ships crews were made to fight as Persian levies against their fellow Greeks. In 479 B.C.E, a seaborne force of mainland Greeks landed in Ionia, beat a Persian army at the battle of Mycale, and liberated Ionia” in Sacks, David, Murray, Oswyn, e, Brody, Lisa R., *op cit* p.168

63 Acerca das conquistas de Alexandre o Grande, e da sua estratégia militar, vide: Lonsdale, David J., *Alexander the Great: Lessons in Strategy*, Routledge, Londres, 2007, e, Sheppard, Ruth, *Alexander the Great at War: His Army – His Battles – His Enemies*, Osprey Publishing, Oxford, 2008.



Georgianos também entraram, lutando ao lado dos primeiros, sob comando de Mitridates, o Grande, contra as legiões romanas comandadas por Lúculo e Pompeu.⁶⁴

A vitória dos Romanos não terminou com as hostilidades no Cáucaso visto que cedo estalaria a guerra entre estes e o Império Arsácida, ou Parta, que trouxe vitórias e derrotas de parte a parte, que durante quase cinco séculos possibilitaram a extensão do seu território para Oeste à custa do moribundo Império Selêucida.⁶⁵

A rota comercial por onde transitavam as caravanas de mercadorias oriundas da China passava pela Pérsia e pela Babilónia, partes integrantes do território do Império Arsácida, que exigia elevados tributos ao Império Romano como condição para que a tão desejada seda oriunda da China pudesse chegar até Roma.⁶⁶

A conquista do Reino da Arménia cuja posição no mapa se situava estrategicamente entre os dois Impérios passou por isso a ser cada vez mais importante e ambicionada por ambos. Facto que deu origem a mais uma guerra com início por volta do ano 65 em que o Império Romano derrotou o Império Arsácida embora em condições muito particulares.⁶⁷

Reinava o Imperador Romano Alexandre Severo, quando o Império Arsácida, durante quatrocentos anos um dos mais persistentes inimigos de Roma, mergulhou numa Guerra Civil de enormes proporções que o enfraqueceu de tal forma que acabou por ser anexado no ano 226 pelo vizinho Império Sassânida que assim se tornava no inimigo mais forte e temido pelos Romanos.⁶⁸

Apoiados na sua grande capacidade militar os Persas Sassânidas asseguraram o domínio da Mesopotâmia através da captura do Imperador Valeriano, em 260, que forçou os Romanos à retirada da região onde apenas conseguiriam regressar trinta e sete anos depois já após a divisão do Império. As guerras entre os Bizantinos e os Persas Sassânidas causaram

64 Cf. Gulbenkian, Calouste S., *La Transcaucasie et la Péninsule D'Apcherón – Souvenirs de Voyage*, Librairie Hachette et Co., Paris, 1891. p.xvii.

65 Cf. Liu, Xinru, *The Silk Road in World History*, Oxford University Press, Oxford, 2010. p.22.

66 Cf. Freeman, Charles, *Egypt, Greece and Rome: Civilizations of the Ancient Mediterranean*, Oxford University Press, Oxford, 2004. pp.359-360.

67 “disputes over Armenia around 65 C.E brought Rome and Parthia back into direct conflict. Parthia lost out here, and Armenia went into the Roman fold, although the peace settlement allowed a Parthian ruler to sit on the Armenian throne, but under a Roman authority” in Stokes, Jamie, Gorman, Anthony, e Newman, Andrew, *Encyclopedia of the Peoples of Africa and the Middle East*, Facts on File Library of World History, Infobase Publishing, Nova Iorque, 2009. p.549.

68 Cf. Mennen, Inge, *Power and Status in the Roman Empire, AD 193-284*, Coleção Impact of Empire – Vol 12, BRILL, Boston, 2011. p.30.



inúmeras baixas, entre elas o Imperador Bizantino Juliano que morreu em combate em 363.⁶⁹ Fustigado por mais de quatro séculos de guerras o Império Sassânida entrou num declínio que se agudizou no ano 628, data em que a sua capital Ctesifonte foi capturada pelos Bizantinos que impuseram aos Sassânidas a devolução dos seus antigos territórios que estes lhes tinham conquistado.⁷⁰

O Império Sassânida capitulou, entre os anos 642 e 649, quando invadido pelos Árabes Muçulmanos que os obrigaram a reconhecer a lei do profeta Maomé, os mesmos Árabes que menos de cinco anos antes tinham invadido também o Egipto e capturado as cidades de Alexandria e Babilónia aos Bizantinos. Com a conquista muçulmana da Pérsia, o rio Oxos, ou Amu Dária, passou a ser a fronteira entre o Califado Árabe e os territórios Turcos.⁷¹

2.3. O Califado Abássida – “A Chegada de uma Nova Fé”

Em 632, data da morte de Maomé, tinham-se já convertido uma série de tribos Árabes à sua fé, que, após a morte do profeta deram início a uma campanha de conquista, ou guerra santa com o objectivo de espalhar a sua religião pelo mundo. Aproveitando alguma debilidade do Império Bizantino os Árabes expandiram-se em direcção à Ásia Menor, entrando nas montanhas do Cáucaso no ano de 640, onde ficou estabelecida a fronteira Norte do Califado após várias derrotas no Norte do Azerbaijão, infligidas pelos Cazares⁷² que evitaram assim a invasão muçulmana da Europa Oriental.⁷³

As populações indígenas do Cáucaso ofereceram pouca resistência aos ocupantes Árabes, e em menos de três séculos, embora as áreas montanhosas apenas começassem a apresentar alguns traços culturais e religiosos mistos, as zonas costeiras do Mar Cáspio estavam inteiramente convertidas ao Islão. A miscigenação dos Árabes com as gentes do Cáucaso deu origem a que as elites indígenas passassem por um processo de arabização

69 Cf. Penrose, Jane, *Rome and Her Enemies: An Empire Created and Destroyed by War*, Osprey Publishing, Oxford, 2008. p.255.

70 Cf. Wilcox, Peter, *Rome's Enemies (3): Parthians and Sassanid Persians*, Osprey Publishing, Oxford, 1986. pp.3-4.

71 Cf. Tucker, Spencer C., *A Global Chronology of Conflict: From the Ancient World to the Modern Middle East: From the Ancient World to the Modern Middle East*, ABC-CLIO, Santa Bárbara, 2009. p.202.

72 “People of Turkish origin who lived in southern Russia and adopted Judaism in the 8th century” in Schreiber, Mordecai, Schiff, Alvin I., e, Klenicki, Leon, *The Shengold Jewish Encyclopedia*, Schreiber Publishing, Portland, 2003, p.156.

73 Cf. Kaeter, Margaret, *op cit.* p.11.



quer a nível linguístico quer a nível administrativo quer também nas artes. O período de domínio Árabe no Cáucaso fez com que a região tivesse atingido uma prosperidade e um desenvolvimento sem paralelo na sua antiga história, ficando por isso conhecido como a Idade de Ouro.⁷⁴

A revolta de Babak que durante mais de vinte anos se espalhou pela Pérsia, desde o Azerbaijão, pondo em causa a liderança do mapa regional do Califado Abássida, teve diferentes consequências quer na Arménia quer no Azerbaijão.⁷⁵ A ocupação Árabe do Azerbaijão cingia-se às planícies ricas em minerais onde se desenvolveram cidades como Ardebil e Tabriz, e por isso o Zoroastrismo e a cultura ancestral Persa estava ainda algo viva nas áreas montanhosas do Azerbaijão muito resguardadas de qualquer influência da conquista Árabe. Apenas durante a grande campanha Muçulmana, que ocorreu nos califados dos califas Abássidas Al-Mamun e do seu sucessor Al-Mutasim, os exércitos leais ao califa esmagaram a rebelião de Babak e subjugarão finalmente as populações indígenas das montanhas azeris à lei do profeta.⁷⁶

A situação era bem diferente nas férteis planícies do rio Arax bem no centro da província Muçulmana da Arménia sediada na antiga cidade arménia de Partav que os Árabes renomearam de Bardha'a. Outrora fundada pelo Imperador Sassânida Kavadh I, devido à sua localização estratégica localizada a poucos quilómetros da confluência dos rios Kura e Terter, era agora a maior cidade do Cáucaso, a “Bagdade deste país”, o local de residência dos

74 “While under Arab power, the region reached a Golden Age. (...) Citizens enjoyed the freedom to build their own businesses catering to the many traders traversing their lands (...) the arts also underwent significant advancement during this time, building on the skills developed through contacts with the Far East and western Europe. Carpet weavers created intricate designs based on Arabic symbolism (...) Paper was being manufactured in the late 700s in the Arab city of Baghdad (...) the Arabs took this invention and translated nearly every important written document from every culture under Arabic control” in Kaeter, Margaret, *op cit.* p.12.

75 Babak Khorramdin (795-838) era conhecido como Pāpak que significa “jovem pai”. Foi um dos líderes revolucionários políticos e religiosos khurramitas Persas “os da religião alegre” mais activos na luta contra o Califado Abássida. A rebelião de Babak visava o regresso às antigas glórias persas daí pregar uma religião algo próxima do zoroastrismo a antiga religião do Império Aqueménida, ou I Império Persa.

Sobre a Revolta de Babak e a sua luta contra o Califado Abássida vide; Crone, Patricia, *Babak’s Revolt*, Aula leccionada na University of California, Los Angeles – UCLA, em 25 de Fevereiro de 2005; Disponível em: www.parstimes.com/history/babak.pdf [Consultado dia 01 de Março de 2013 às 10:00]

76 Cf. Kennedy, Hugh, *The Early Abbasid Caliphate: A Political History*, Taylor & Francis, Londres, 1986. p.28.



governadores Árabes da Arménia e o maior centro de poder Árabe no Cáucaso, ultrapassando as cidades comerciais de Derbent e Tiflís.⁷⁷

Uma aliança de príncipes Bagrátidas da Arménia, herdeiros da nobreza Arménia e descendentes de uma família que no século I tinha servido a Dinastia dos Artáxias, e desempenhado também um papel proeminente durante o período do Império Sassânida, encetou uma luta contra a hegemonia Abássida, que coincidiu, curiosamente, com o passar da defensiva à ofensiva por parte dos Bizantinos no leste do país, o que levou a um novo equilíbrio de forças na Arménia. Usando a posição estratégica da histórica cidade de Ispir, no Leste da Anatólia, como trunfo, a aliança Bagrátida conseguiu resistir aos ataques muçulmanos, embora as suas tropas fossem duplamente mais numerosas. Após a vitória, o príncipe Bagrátida Ashot V foi reconhecido, pelo Califa Abássida Al-Musta'in, em 861, como “Príncipe dos Príncipes” e governador da Arménia, e quatro anos depois como Ashot I, Rei de um Estado semiautónomo, tornando-se assim no primeiro Rei Bagrátida e consequentemente no fundador desta Casa Real que governaria a Arménia até 1045.⁷⁸

Apesar dos Árabes terem conquistado a sua capital Tfilís em 645, o principado de Kartli-Ibéria, nome antigo da Geórgia, permaneceu sempre muito ligado culturalmente ao Império Bizantino, bem como consideravelmente independente face aos seus ocupantes Àrabes, maioritariamente devido ao Rei Mariano III ter declarado o Cristianismo como religião de Estado na Geórgia no ano de 330. Em 888 o Rei Arménio Ashot I coroou, o também Bagrátida, Adarnase IV como Rei da Ibéria, tornando-se este o primeiro Bagrátida a reinar na Geórgia, dando início a um período de mais mil anos em que o país foi governado por membros desta Casa Real.⁷⁹

No século X o poder Árabe já não se encontrava no seu auge e começava a acentuar-se a falta de união entre os três califados reinantes, centrados no Cairo, em Córdova e em Bagdade.⁸⁰ O Califado Abássida não chegou até à segunda metade do século X sendo que

77 Cf. Houtsma, Martijn Theodoor, *E.J. Brill's First Encyclopaedia of Islam: 1913-1936*, BRILL, Boston, 1993. p.656.

78 Cf. Kurkjian, Vahan M., *A History of Armenia*, Indo-European Publishing, Nova Iorque, 2008. p.150.

79 Cf. Adalian, Rouben Paul, *Historical Dictionary of Armenia*, Scarecrow Press, Lanham, 2010. p.xxxvi.

80 "In the tenth century the chair of Muhammad was disputed by three caliphs, who reigned at Bagdad, Cairoan, and Cordova, excommunicated each other, and agreed only in a principle of discord that a sectary is more odious and criminal than an unbeliever" in Gibbon, Edward, e, Smith, William, *The Student's Gibbon: The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*, Harper & Bros., Nova Iorque, 1857. p.406.



após a conquista da sua capital pela Dinastia Buyida, uma dinastia xiita oriunda da Pérsia, a lei de Bagdade deixou de se repercutir no seio das fronteiras do Califado cujos territórios foram posteriormente conquistados por diferentes emirados muçulmanos. Apesar da Dinastia Buyida não ter abolido o Califado Abássida, que conservou o seu prestígio dinástico e religioso, os abássidas sunitas tornaram-se marionetas controladas pelos Buyidas xiitas e viram a sua esfera de poder reduzida à cidade de Bagdade.⁸¹

O vazio de poder ocasionado pelo declínio da Dinastia Buyida que ainda controlava o Califado Abássida foi ocupado por uma Dinastia de Turcos Oguzes conhecidos também como Turcos Seljúcidas, embora fossem originários da Ásia Central.⁸² O Califa Abássida Al-Qa'im pediu auxílio ao Sultão Tughril Beg da Dinastia Seljúcida para que o ajudasse a fazer face à ameaça do Califado Fatímida e restaurar Bagdade e a lei sunita.⁸³ Os Seljúcidas, com ambições imperialistas, acederam ao pedido do Califa e após conquistarem Bagdade instalaram-se no poder, relegando mais uma vez o califa para um plano secundário, apesar de este, também sunita, se manter como líder da comunidade Islâmica.⁸⁴

A partir das suas terras de origem, próximas do mar de Aral, os Turcos Seljúcidas avançaram até à Pérsia e ao Iraque, e posteriormente à região da Anatólia, com o objectivo de invadir e derrubar o Império Bizantino.⁸⁵ Já durante o sultanato de Mehmed Alp Arslan, entre os anos de 1064 e 1068, os Turcos Seljúcidas tinham chegado às terras do Sul do Cáucaso, no Sul da Geórgia e na Arménia Ocidental, onde se depararam com diferentes níveis de resistência por parte dos Estados do Cáucaso.⁸⁶

A Arménia que durante o reinado de Gagik I tinha conseguido manter-se mais ou menos afastada das lutas entre o Império Bizantino e os Árabes, entrou após a morte do monarca, numa luta sucessória entre os seus dois filhos, João I de Ani e Ashot IV “o Valente”, que

81 Cf. Ramirez-Faria, Carlos, *Concise Encyclopedia Of World History*, Atlantic Publishers & Dist, Nova Deli, 2007. p.102.

82 Cf. Pavlidis, Theo, *Topics in Middle East History - Chapter 7: Divisions within Islam and within the Caliphate: Internal Strife and Split of the Caliphate*. 2010.

83 Esposito, John L., Sachedina, Abdulaziz Abdulhussein, *The Islamic World: Abbasid-Historian*, Oxford University Press, Oxford, 2004. p.2.

84 Sobre as conquistas dos Turcos Seljuques e a sua expansão no Cáucaso, Vide; Hodgson, Marshall G. S., *The Venture of Islam, Volume 2: The Expansion of Islam in the Middle Periods*, University of Chicago Press, Chicago, 1977.

85 “In the middle of the 11th century the Seljuk Turks erupted onto the scene (...) the Byzantine Empire was largely reduced to its European territories, the Seljuk Turks ruled from the Aegean to the borders of India” in Scott, Richard, e, Dennis, Peter, *Decline and Fall: Byzantium at War*, Osprey Publishing, Oxford, 2008. p.5.

86 Cf. Coene, Frederik, *The Caucasus - An Introduction*, Routledge, Londres, 2009. p.113.



culminou com a divisão do Reino em duas partes. Esta divisão fragilizou o país que depois da morte de ambos foi reivindicado e anexado pelo Império Bizantino, apesar de Gajik II filho de Ashot IV ter subido ao trono e reinado ainda durante dois anos até ter sido deposto pelos Bizantinos em 1045.⁸⁷

Depois de ter conquistado a Arménia aos Bizantinos em 1064 o Império Seljúcida focou-se na conquista da Geórgia onde começou a desferir constantes ataques que, aliados ao desgastante jogo político com os Bizantinos, bem como a vários outros problemas internos, fizeram com que em 1089 o Rei Jorge II abdicasse do trono em favor do seu filho David IV. Contando com o seu pai como assessor nos primeiros anos do seu reinado David IV implementou inovadoras reformas que permitiram que o Reino da Geórgia que entre 1110 e 1118 David IV tivesse já conquistado a maior parte dos territórios anexados pelos Turcos Seljúcidas ao Reino da Geórgia com a excepção de Tiflís que através da conquista das cidades mais próximas se tinha convertido numa espécie de enclave Seljúcida. Ameaçado pelo avanço deste Estado Cristão, o Sultão Seljúcida Mahmud formou uma coligação de Estados Muçulmanos reuniu um vasto e experiente exército, e declarou uma Guerra Santa à Geórgia, que apesar de ter menos de metade do número de efectivos acabaria por expulsar os Seljúcidas após a miraculosa vitória na Batalha de Didgori, em 1121. A Geórgia completou a sua reunificação no ano seguinte com a reconquista de Tiflís e de Shirvan que se tornou um Estado-cliente da Geórgia três anos depois.⁸⁸

Um ano antes da sua morte o Rei David Agmashenebeli, “o construtor” em georgiano, sabendo tirar partido do declínio do Império Bizantino, e do recuo do Império Seljuque, libertou e anexou a Arménia às terras da Coroa Georgiana, tornando-se também Rei da Arménia. Assim, à data da sua morte a Geórgia entrava na sua Idade de Ouro sendo uma forte potência regional e uma das mais importantes nações do Leste Cristão cujo território se estendia desde o Norte do Cáucaso e da Pérsia, para Leste, em Direcção da Ásia Menor.⁸⁹

87 Cf. Chamechan, Michael, *History of Armenia: From B. C. 2247 to the Year of Christ 1780, Or 1229 of the Armenian Era* - Volume 2, Bishop's College Press, Calcutá, 1827 pp.149-153.

88 Cf. Mikaberidze, Alexander, *op. Cit.*, pp.275-276.

89 Cf. Suny, Ronald Grigor, *The Making of Georgian Nation*, Indiana University Press, Bloomington, 1994. pp.37-38.



2.4. As Invasões Mongóis – “A Nova Rota da Seda”

Por volta do ano de 1206, Genghis Khan unificava as tribos Mongóis criando uma poderosa dinastia, e através da sua superior estratégia militar, principalmente através de arqueiros a cavalo, entre os quais, devido à tolerância religiosa dos Mongóis, se encontravam guerreiros Uigures, Turcos e Persas, dava início às conquistas do Império Mongol.⁹⁰

A primeira vez que os Georgianos tiveram conhecimento das invasões Mongóis foi em 1220 quando os mensageiros do Rei Jorge IV, filho e sucessor da Rainha Tamar, lhe relatavam a chegada de um povo que falava uma língua estranha e que estava a devastar a Arménia. O rei reuniu um exército e partiu pouco depois para Khunani, no Afeganistão, para defrontar os Mongóis mas as suas tropas foram dizimadas e o próprio rei morreria em combate, em 1223, sucedendo-lhe no trono a sua irmã Rusudan.⁹¹

Apenas em 1231, já depois da morte de Genghis Khan, em 1227, e sob o comando do seu filho Obodai, as invasões Mongóis chegavam ao Sul da Pérsia, onde várias dinastias locais voluntariamente se submeteram ao domínio Mongol acedendo a pagar tributos ao Império. As tropas de Obodai efectuaram a terceira e última invasão do Cáucaso em 1236 com um vasto exército que visava a conquista da Geórgia bem como dos seus estados-vassalos.⁹² O Reino da Geórgia foi conquistado apenas dois anos depois, em 1238, quando a Rainha Rusudan, refugiada em Kutaisi na província de Imerícia, depois da invasão de Tiflís, acedeu finalmente em negociar a paz com os Mongóis através do pagamento de um tributo bem como da concessão de um exército aos seus ocupantes.⁹³ No ano seguinte os Mongóis

90 Cf. Brunn, Stanley D., Toops, Stanley W., e, Gilbreath, Richard, *The Routledge Atlas of Central Eurasian Affairs*, Routledge, Londres, 2012. p.19.

91 Cf. Suny, Ronald Grigor, *The Making of Georgian Nation*, Indiana University Press, Bloomington, 1994. p.40.

92 Acerca das conquistas dos Mongóis e da sua expansão rumo a terras do Cáucaso, Vide; Turnbull, Stephen, *Genghis Khan & the Mongol Conquests 1190-1400*, Osprey Publishing, Oxford, 2003.

93 Os Mongóis reuniam vastos Exércitos plurinacionais e plurireligiosos compostos por pessoas oriundas de todas as suas colónias e deslocavam-nos arbitrariamente para várias frentes de guerra:

“Ironically, in the Battle of Köse Dag (1243), where the Mongols crushed the Seljuks of Rum, at least three thousand Georgian auxiliaries fought in the Mongol ranks, while the Georgian prince Shamadayle of Alkhaltsikhe was a commander in the Seljuk army.” in Allen, William Edward David, *The Caucasian Borderland*, Excertos de uma conferência na Royal Geographical Society em Londres, 4 de Maio de 1942.

Disponível em: http://www.circassianworld.com/pdf/The_Caucasian_Borderland.pdf [Consultado dia 5 de Fevereiro de 2013 às 14:00]



atacaram partes do território do antigo Reino da Arménia, sob domínio dos Turcos Seljúcidas, e ocuparam a Anatólia reduzindo a seus vassalos o Reino Arménio da Cilícia⁹⁴, o Sultanato Seljúcida de Rum, bem como o Império de Trebizonda.⁹⁵

No Cáucaso os Mongóis criaram o *Vilayet* do Gurjistão que incluía a Geórgia, a Arménia e todo o Sul do Cáucaso e concederam a sua governação, embora condicionada, à Rainha Rusudan até à data da sua morte em 1245. Como era regra em todas as colónias, os soldados Georgianos passaram a integrar os vastos exércitos plurinacionais Mongóis, e a estar envolvidos em importantes batalhas, como a de Bagdade, no ano de 1258, quando sob comando de Khan Hulegu, o velho Califado Abássida foi derrotado numa forte acção militar que vitimou o califa Al-Musta'sim Billah, o último descendente do profeta.⁹⁶

Em 1279, quando após seis décadas de invasões os Mongóis conseguiram conquistar a China, começava a reinar uma instabilidade crescente na Geórgia, devida principalmente a confrontos entre a nobreza, que se encontrava dividida desde os problemas sucessórios ocasionados pela morte da Rainha Rusudan, que tinham gerado depois uma revolta que culminou na separação da província da Imerícia face à Geórgia, em 1260. Esta situação resultou na fragmentação do país em principados semi-independentes dominados por nobres apoiados pelos Mongóis enquanto a Imerícia continuava livre da ocupação Mongol.⁹⁷

A morte sem herdeiros do *Khan* Abu Sa'id Bahadur, em 1335, originou uma luta de sucessão e uma Guerra Civil e conseqüente fragmentação do Ilcanato da Pérsia conforme já se vinha anunciando há cerca de quatro décadas.⁹⁸

94 "A Cilícia foi um Principado e mais tarde um Reino independente entre os anos de 1198 e 1375 formado por refugiados Arménios em fuga das invasões Seljúcidas à Arménia. A sua localização era um pouco distante das terras altas Arménias e também diferente daquela do Reino da Arménia da Antiguidade. Centrava-se na região da Cilícia, a noroeste do Golfo de Alexandreta, hoje Golfo de Iskenderun, na Turquia. Era um forte aliado dos Cruzados Europeus, e considerado um bastião da Cristandade no Leste, bem como um grande foco de nacionalismo e cultura Arménia e sede da Igreja Apostólica Arménia visto o país estar ocupado" *in* Poghosyan, S., Katvalyan, M., e Grigoryan, G., et al, *Haykakan Sovetakan Hanragitaran - Գիշխյան Հայաստան* (Enciclopédia Arménia Soviética - Arménia Cilícia), Erevã, República Soviética da Arménia, Academia de Ciências Arménia, 1979. pp.406-428 .

Sobre a formação do Reino Arménio da Cilícia Vide; Ghazarian, Jacob G., *The Armenian Kingdom in Cilicia During the Crusades: The Integration of Cilician Armenians With the Latins, 1080-1393*, Routledge Curzon, Londres, 2000.

95 Cf. Grousset, René, *The Empire of the Steppes: A History of Central Asia*, Rutgers University Press, New Brunswick, Nova Jérquia, 1970. p.263.

96 Cf. Strange, Guy Le, *Baghdad: During the Abbasid Caliphate*, Cosimo Inc., Nova Iorque, 2011. p.302.

97 Cf. Suny, Ronald Grigor, *The Making of Georgian Nation*, Indiana University Press, Bloomington, 1994. p.41.

98 Cf. Burbank, Jane, Cooper, Frederick, *Empires in World History: Power and the Politics of Difference*, Princeton University Press, Princeton, 2011. p.112.



Os Mongóis ocupavam o Cáucaso desde 1220 e como tal a desintegração do Império Mongol na Pérsia teve grande repercussão numa Geórgia e numa Arménia quase em estado de anarquia e com inúmeras migrações populacionais causadas pelo clima de Guerra Civil. Porém as populações Arménias forçadas a migrar para áreas mais seguras na Geórgia devido à Guerra Civil não foram o maior fenómeno demográfico ocorrido durante o domínio dos Khans Mongóis no Cáucaso, onde permaneceram até 1344, porque esse, só se iria sentir num futuro, embora não muito distante.

A Turquização e a Islamização foi levada a cabo pelos soldados Mongóis destacados no Cáucaso, que tal como outros soldados destacados em outros domínios Mongóis, não eram nativos da região onde se encontravam, sendo neste caso provenientes de tribos nómadas de origem Turca absorvidas pelas conquistas Mongóis. No caso do Cáucaso, a imigração em larga escala de tribos nómadas de origem turca já se tinha verificado durante o período Seljúcida, mas continuou nos séculos seguintes, com novos fluxos migratórios durante as invasões Mongóis, que conduziram a um inevitável processo de Turquização que aproximou as populações nativas de uma esfera de influência Turca, facto que também se verificou entre as populações Mongóis.⁹⁹

2.5. As invasões Timúridas – “A Fé Pela Força da Espada”

Os Turco-Mongóis foram os fundadores do Sultanato Jalayirida, o mais proeminente entre os rivais estados sucessores que se formaram a partir da desintegração do Ilcanato, e a partir de onde Tamerlão lançou uma Guerra Santa a todos os não muçulmanos a pretexto de reerguer o defunto Ilcanato. Após conquistar grande parte da Ásia Central o Império Timúrida fundado por Tamerlão iniciou uma campanha terrivelmente bárbara, em que os seus soldados Turco-Tártaros terão vitimado cerca de dezassete milhões de pessoas,¹⁰⁰ em direcção ao Ocidente, conquistando no caminho importantes cidades como Isfahan,

99 “many mongols (...) merged in Turkic-speaking, Muslim tribes in the area” in Burbank, Jane, Cooper, Frederick, *op.cit.*, p.112.

100 Cf. *Selected Death Tolls for Wars, Massacres and Atrocities Before the 20th Century*; Disponível em: <http://necrometrics.com/pre1700a.htm> [Consultado dia 17 de Fevereiro de 2013 às 14:00]



Bagdade e Damasco, até chegar ao Cáucaso onde esteve por várias vezes entre os anos de 1386 e 1403.¹⁰¹

Passando pelo território da Grande Arménia através do Curdistão, via Lago Van, dirigiu-se à Geórgia, que invadiu por oito vezes, e apesar de nunca ter conseguido controlar inteiramente o país assolou-o várias vezes de uma forma inolvidável. Em 1386 capturou o Rei Bagratid V, em 1399 arrasou toda a região de Kakheti, e em 1400 destruiu parcialmente a capital Tiflís obrigando o Rei Jorge VII, que subiu ao trono aquando da captura do seu pai, a refugiar-se nas montanhas de onde acedeu um ano depois a pagar um elevado tributo em troca de clemência.¹⁰² Mesmo assim o seu fanatismo Islâmico fez com que Tamerlão voltasse á Geórgia, em 1403, unicamente para arrasar setecentas cidades e aldeias e massacrar os seus habitantes, partindo apenas depois de demolir todas as igrejas que ainda estavam de pé em Tiflís.¹⁰³ Deixou a Geórgia rumo à cidade de Beylagan no Azerbaijão, em 1404, deixando depois o Cáucaso rumo a Samarcanda, o centro do seu Império, onde morreu no ano seguinte deixando por cumprir o seu plano de invadir e Islamizar a China.¹⁰⁴

A hegemonia Mongol terminou após a morte de Tamerlão mas as manobras de turquização e islamização ocorridas durante esse período, onde se verificou a destruição de locais de culto ancestrais, persas e cristãos, já sujeitos a elevados tributos, reforçadas pela islamização forçada imposta pelas invasões Timúridas, facilitaram a ascensão de clãs Turcos. Posteriormente acabaram por revelar-se úteis para as conquistas Otomanas e a expansão da fé sunita na Ásia Menor, região que o Império Otomano já controlava na totalidade no final do século XVI, à excepção do Leste do Cáucaso.¹⁰⁵

No princípio do século XV assistiu-se à ascensão de um novo império que nascia a partir das cinzas do Império Seljúcida, e que se transformou numa das maiores potências dos seis

101 Cf. Bournoutian, George A., *A History of the Armenian People: Pre-history to 1500 A.D.*, Mazda Publishers Inc., Costa Mesa, 1994. p.140.

102 Cf. Grousset, René, *op.cit.*, 433-434.

103 *Idem, ibidem*

104 Cf. Bury, J.B., *The Cambridge Medieval History*, volumes 1-5, Plantagenet Publishing. Londres, 2011. p.757.

105 "Treaty of Amasya signed between the Ottoman and Safavid empires on May 29, 1555, ending the Ottoman-Safavid War of 1532-1555 (...) the two powers divided southern Caucasia and Asia Minor into two parts: Iran received Azerbaijan, eastern Armenia, eastern Kurdistan, the Georgian kingdoms of Kartli-Kakheti and the eastern part of Samtskhe, and the Ottomans claimed all of western Georgia, Arabia, Iraq, and western Armenia and Kurdistan (...) peace lasted until and Ottoman offensive in 1578 sought to take advantage of a period of Iran's weakness" in Mikaberidze, Alexander, *Conflict and Conquest in the Islamic World: A Historical Encyclopedia*, ABC-CLIO, Santa Bárbara, 2011. p.95.



séculos seguintes. O Império Otomano foi fundado por Osman I, o primeiro *Bey* da Casa de Osmanli, quando este conseguiu em 1299 a independência de um pequeno território localizado na Anatólia concedido ao seu pai pelo Sultanato Seljúcida de Rum. A expansão territorial inicial dos Otomanos deu-se desde as áreas montanhosas do norte da Frígia em direcção às férteis planícies da Bitínia, derrotando os feudos cristãos a norte, quer em combate ou através de alianças matrimoniais.¹⁰⁶ Porém as verdadeiras conquistas do Império Otomano apenas começaram com o colapso dos Seljúcidas, que lhes permitiu ocupar cidades como Eskişehir e Yenişehir, muito importantes para a conquista Otomana de Bursa, em 1321, que foi o primeiro passo para a dissolução do Império Bizantino do Oriente e para o controlo total da região da Anatólia.¹⁰⁷

Por esta altura, a região Leste do Cáucaso era controlada pela emergente Dinastia Safávida da Pérsia que surgiu em 1501, inspirada pela Ordem Sufista Safaviyya fundada pelo Xeque Safi-ad-din de Ardabil no Azerbaijão. Os Safávidas derrubaram a Dinastia Turca Aq Koyunlu, os sucessores dos Kara Kuyunlu que tinham conquistado Bagdade e expulso os Timúridas da Pérsia, passando assim a controlar quase a totalidade deste território, tornando-se na primeira dinastia nativa desde a Conquista Muçulmana, que derrubou o Império Sassânida, a estabelecer e governar um Estado Persa unificado.¹⁰⁸

Embora sem qualquer estabilidade política a região do Cáucaso procurava reerguer-se e recuperar o seu comércio e as suas populações e o seu estatuto de zona comercial privilegiada que tinha perdido devido à destruição causada pelas invasões Timúridas que na Geórgia dizimaram do mapa aldeias e cidades inteiras, algumas delas para sempre.¹⁰⁹

Três séculos depois de ter vivido a sua Idade de Ouro, durante o reinado da Rainha Tamar, o Reino da Geórgia encontrava-se dividido, arrasado e em ruínas, e com uma monarquia

106 Cf. Ágoston, Gábor, Masters, Bruce Alan, *Encyclopedia of the Ottoman Empire*, Infobase Publishing, Nova Iorque, 2009. pp.xxv-xxvi.

107 Cf. Shaw, Stanford J., Shaw, Ezel Kural, *History of the Ottoman Empire and Modern Turkey: Volume 1, Empire of the Gazis: The Rise and Decline of the Ottoman Empire 1280-1808*, Cambridge University Press, Cambridge, 1976. pp.13-16.

108 Cf. Jackson, Peter, Lockhart, Lawrence, *The Cambridge History of Iran*, Volume 6, Cambridge University Press, Cambridge, 1986 pp.357-358.

109 Cf. Allen, William Edward David, *A History of the Georgian People: From the Beginning Down to the Russian Conquest in the Nineteenth Century*, Taylor & Francis, Londres, 1932. pp.125-126.



enfraquecida cujo poder real não passava de uma união simbólica entre pequenos reinos cristãos muito ameaçados pelos constantes ataques dos Kara Koyunlu.¹¹⁰

Através do seu casamento com a Princesa Tamar da Imerícia, o Rei Alexandre I desencadeou esforços no sentido de reunificar o país assinando a paz com a Princesa da Mingrélia e Abecásia, vencendo e submetendo ao seu domínio o Príncipe Ivan de Samtskhe-Javakheti bem como conquistando a província de Lori à tribo turca Kara Koyunlu em 1431, que assegurou as fronteiras Georgianas. Em 1434 encorajou o príncipe Beshken II da Dinastia Orbelian da Arménia a atacar também os Kara Koyunlu em Siunia, concedendo-lhe em troca este reino em termos de vassalagem.¹¹¹ No entanto a reunificação do país revelou-se frustrada uma vez que em função da destruição de que o país padecia, a Coroa, em aliança com a Igreja, exigia pesados impostos que uma população pobre e enfraquecida jamais conseguiria pagar. O rei abdicou em 1442 e assistiu enclausurado num mosteiro a nova fragmentação de um país já de si em ruínas e onde reinava uma crescente instabilidade política.¹¹²

Na Arménia a situação não era melhor. Os massacres a que a população foi sujeita durante a ocupação Otomana provocaram uma fuga populacional, que se juntou à já grande diáspora no Império Bizantino. As terras dos Arménios expulsos ou em fuga foram ocupadas por uma vasta imigração Turca e Curda e pela nobreza dominante.¹¹³ No norte da Arménia, que tinha revivido um pouco da sua história de glória durante o período de Idade de Ouro da Geórgia, as poucas famílias nobres Arménias que ainda resistiam, como a Dinastia Orbelian, estavam confinadas a áreas remotas e quase inacessíveis como Artsakh ou Carabaque, e iam perdendo a sua autoridade para as Dinastias Turcas rivais como os Kara Koyunlu, e posteriormente os seus sucessores Aq Qoyunlu.¹¹⁴

110 Cf. Mikaberidze, Alexander, *Conflict and Conquest in the Islamic World: A Historical Encyclopedia*, Volume 1, ABC-CLIO, Santa Bárbara, 2011. pp.907-908.

111 Cf. Walker, Christopher J., *Armenia, the survival of a nation*, Croom Helm, Londres, 1980. p.31.

112 Cf. Suny, Ronald Grigor, *The Making of the Georgian Nation*, Indiana University Press, Bloomington, 1994. p.45.

113 Cf. Herzig, Edmund, Kurkchian, Marina, *The Armenians: Past And Present In The Making Of National Identity*, Routledge, Londres, 2005. p.46.

114 Cf. Walker, Christopher J., *op.cit.* p.31.



2.6. Luta entre Otomanos e Persas – “O Novo Jogo”

Ao mesmo tempo em que o Império Otomano consumou definitivamente a sua supremacia perante o Império Bizantino na Ásia Menor, conquistando Constantinopla em 1453, e Trebizonda em 1461, a Dinastia Safávida consumou também a sua supremacia na Pérsia, derrubando os Aq Qoyunlu e reabilitando a Pérsia como um poder económico e militar. Assim, mais uma vez na história, o Cáucaso foi uma zona tampão entre dois poderosos rivais em competição directa. Porém, desta vez, ao contrário do passado, não existia em nenhum dos Estados do Cáucaso nenhuma liderança política capaz de se movimentar entre dois vizinhos mais poderosos assegurando e salvaguardando os seus próprios interesses nacionais, e, por isso, durante quase dois séculos de uma disputa crónica entre Otomanos e Persas, que começou em 1514 com a batalha de *Chaldoran*, foram várias as alterações fronteiriças na região.¹¹⁵

Em 1553, os Persas Safávidas controlavam a parte Leste da Geórgia e a totalidade do território do Azerbaijão dos dias de hoje, onde o Islão xiita começava a ganhar proeminência. Os Otomanos conquistaram e passaram a controlar o Azerbaijão, entre 1578 e 1603, posteriormente reanexado pelos Persas, que em 1616, durante o reinado do Xá Abas I solidificaram o seu controlo no Cáucaso recorrendo a deportações em massa.¹¹⁶ Estas tinham um duplo objectivo: O primeiro embora estivesse ligado com a estratégia militar contra as incursões Otomanas nas áreas em disputa, tinha também o propósito político de formar uma nova base de poder interno para os Xás Persas. O segundo objectivo era mais político do que económico porque embora se prendesse com a consolidação do controlo Arménio do comércio da Rota da Seda, a prioridade era o planeamento interno através da formação de novas elites, como os *ghulam* (escravo ou escravo real) composta por povos cristãos do Cáucaso convertidos ao Islamismo, a quem eram dados poderes administrativos e comerciais mas não políticos.¹¹⁷

115 Sobre as Guerras Turco-Persas e as batalhas entre Otomanos e Persas Vide; Jaques, Tony, *Dictionary of Battles and Sieges*, Greenwood Publishing Group, Westport, Connecticut, 2007.

116 Cf. Floor, Willem, Herzig, Edmund, *Iran and the World in the Safavid Age*, I.B.Tauris, Nova Iorque, 2012. p.485.

117 “the ghulams, integrated within the Safavid army were compared to by Chardin to Enfants de Tribut in Turkey. The Enfants de Tribut were young Christian boys who were taken as tribute from their families at an early age and integrated in the Ottoman troops, the Janissaries.” in McCabe, Ina Baghdiantz, Harlaftis, Gelina, e, Minoglou, Ioanna Pepelasis, *Diaspora Entrepreneurial Networks*, Berg, Londres, 2005. p.36.



Somente em 1720, já no século XVIII, os Otomanos tentaram reconquistar a região sendo no entanto expulsos pelos Persas, que entretanto concederam a autoridade do Reino de Kartli-Kakheti a membros descendentes da família dos Bagrátidas, facto decisivo para a criação do Estado Georgiano moderno.¹¹⁸

A hegemonia Persa no Cáucaso foi travada pelo golpe palaciano que em 1747 assassinou o Xá Nadir, cujo génio militar era o principal travão às intenções dos Impérios Russo e Otomano nos territórios Persas, e que trouxe um caos e uma agitação política que culminou na divisão do exército e no sub-consequente ressurgimento das bolsas de oposição afegãs nos domínios do Norte da Pérsia, não obstante o reforço de poderes da Dinastia Safávida, patrocinado por Karim Khan, que seria o fundador da Dinastia Zand, a dinastia antecessora da Dinastia Qajar, a última dinastia Persa.¹¹⁹

Assim, a Pérsia Safávida, protagonista de um dos pontos de viragem da história muçulmana, que foi estabelecimento do Islão xiita como religião oficial na Pérsia, fragmentou-se e acabou por dividir-se em pequenas regiões tornando mais difícil a tarefa de assegurar o controlo do Cáucaso, uma região que tinha controlado intermitentemente nos últimos três mil anos, e onde além de continuar a debater-se contra a permanente ameaça que representava o Império Otomano, tinha agora que enfrentar um novo mas muito forte e moralizado contendor na luta pelo controlo da região, a Rússia Imperial.

2.7. A Conquista Russa do Cáucaso – “A Russificação”

As ambições de conquista de Catarina, *a Grande* fizeram com que esta começasse a olhar para o Cáucaso como uma região estratégica cujo domínio podia revelar-se fulcral para as ambições Russas na Ásia Central a partir do momento em que pudesse ali colocar tropas de uma forma rápida e directa.¹²⁰ O controlo da Ásia Central através da conquista e anexação dos Canatos de Khiva, Bucara e Samarcanda pela Rússia Imperial foi não mais do que a forma

118 Cf. Kaeter, Margaret, *op cit.* p.15.

119 Cf. Farrokh, Kaveh, *Iran at War: 1500-1988*, Osprey Publishing, Oxford. 2011.

120 Cf. Canfield, Robert L., *Turko-Persia in Historical Perspective*, Cambridge University Press, 2002. p.197



de expandir as fronteiras em direcção à Índia, que estava sob domínio do Império Britânico.¹²¹

No final do século XVIII as dependências Russas no Cáucaso cingiam-se apenas à Geórgia, a qual desde 1783 através da assinatura do Tratado de *Georgievsk* se tinha tornado voluntariamente um protectorado do Império Russo visto esta ser a única forma que Heráclio II, o Rei da Geórgia, considerou que pudesse permitir a resistência Georgiana face às permanentes ameaças militares de Otomanos e Persas e assegurar a sobrevivência Geórgia como Estado.¹²²

A acção da Rússia Imperial no Cáucaso foi algo difusa e bastante condicionada pelas eternas disputas com os Turcos visto que dez anos antes da assinatura do Tratado de *Georgievsk*, a Rússia já tinha sido abordada nesse sentido pelo monarca Georgiano que em troca da sua submissão à coroa Russa pedia que, devido à ameaça Turca, a Rússia estacionasse quatro mil soldados em território Georgiano, entre outras exigências.¹²³ Essa proposta foi rejeitada pela Czarina Russa, que debatendo-se com uma rebelião interna de grandes proporções, liderada por Pugachev¹²⁴, considerava fundamental terminar a Guerra com os Turcos, acabando assim por ignorar os interesses da Geórgia e por retirar as suas tropas da Transcaucásia, reconhecendo, no Tratado de Kuchuk-Kainarji, a soberania Otomana sobre os territórios disputados com os Georgianos.¹²⁵

Apenas na década de 1780, e, solucionados os seus problemas internos, a Rússia voltou a ponderar a renovada proposta do Rei Heráclio, que apesar do sucedido continuava a

121 Cf. Johnson, Robert, *Spying for empire: the great game in Central and South Asia, 1757-1947*, Greenhill Books, 2006. p.24.

122 "During Catherine's first war with the Ottoman Empire, Erekle asked to be taken under the tsarist's protection. She took a skeptical view of his request, determining that the advantages of such an arrangement would be lopsidedly in Erekle's favor. Her attitude changed during the early 1780s when she became interested in expansion in the Iranian marches. Then Erekle's renewed entreaties were favorably received. He asked for Russian protection and recognition of his authority, with Russian backing for his chosen heir against the many expected rivals. Gregory Potemkin, who supervised the Russian side of the negotiations, found Erekle's terms acceptable and the Treaty of *Georgievsk* was signed in 1783" in Atkin, Muriel, *Russia and Iran: 1780-1828*, University of Minnesota Press, 1980. p.37.

123 "Erekle asked that four thousand Russian troops be stationed in Georgia, that his heirs be allowed to remain on the throne, that the autocephaly of the Georgian Orthodox Church be maintained, and that the Russians launch an immediate offensive to return Akhaltsikhe to Georgia" in Ronald Grigor Suny, *The Making of the Georgian Nation*, Indiana University Press, 1994. p.58.

124 Acerca da rebelião dos Cossacos, liderada por Yemelyan Pugachev, Vide; Lambert, M Surhone, Tennoe, Mariam T, e, Henssonow, Susan F, *Pugachev's Rebellion*, Betascript Publishing, 2011, e, Puschkin, Alexander S., e, Debreczeny, Paul, *The Captain's Daughter: And the History of the Pugachev Rebellion*, Alma Books, 2012.

125 Cf. Suny, Ronald Grigor, *op cit.* pp.58-59.



acreditar que tornar a Geórgia um protetorado Russo era a única solução viável para a sua sobrevivência. Com ou sem ambições imperialistas no que concerne a uma eventual anexação futura, a assinatura do Tratado de Georgievsk voltou a colocar a Rússia Imperial na luta pelo domínio do Cáucaso e consequentemente em confronto com os Otomanos e principalmente com os Persas, que ganharam um novo ímpeto com a coroação de Aga Muhammad Khan como Xá, o primeiro da dinastia Cajar.¹²⁶

Ao assumir o controlo da Pérsia, em 1794, após depor Lotf Ali Khan, último da dinastia Zand, Aga Muhammad Khan jurou restabelecer as antigas fronteiras Persas, da dinastia Safávida (1501-1722), o que incluía o domínio dos Persas sobre algumas partes do Cáucaso.¹²⁷

De forma a consumir as suas ambições os Persas desencadearam no ano de 1795 acções militares bem sucedidas no sul do Cáucaso, conquistando em pouco tempo os Canatos de Baku, e do Alto Carabaque, após um cerco à capital Shusha que levou à rendição de Ibrahim-Khan.¹²⁸ Em cerca de dois meses o temível exército Persa tinha pacificado a situação no Azerbaijão, e com o auxílio dos Canatos Azeris que se tinham submetido ao domínio do Xá, conquistado em pouco tempo o Canato de Erevã, dirigido por um vassalo do Rei Heráclio II da Geórgia.¹²⁹ O último território desejado pelos Persas na Transcaucásia era o reino da Geórgia e por isso ao chegar a Tíflis os enviados de Aga Muhammad Khan propuseram a Heráclio II que reconhecesse a soberania Persa em troca de alguns privilégios pessoais, proposta prontamente recusada pelo Rei da Geórgia que julgava contar com o auxílio dos Russos.¹³⁰

Como seria de esperar a recusa do Rei da Geórgia em aceitar a soberania da Pérsia conduziu à invasão e consequente destruição de Tíflis¹³¹ pelo numeroso exército de Aga

126 Cf. Coene, Frederik, *The Caucasus: An Introduction*, Taylor & Francis, 2010. p.125.

127 *Idem, ibidem*

128 Cf. Gvosdev, Nikolas K., *Imperial Policies and Perspectives Towards Georgia, 1760-1819*, Palgrave Macmillan, Jun 2000. p.70.

129 *Idem, ibidem*

130 Cf. Shoemaker, M. Wesley, *Russia and The Commonwealth of Independent States 2012*, Stryker Post, 9 Aug 2012. p.224.

131 “The victorious Persians slaughtered thousands of residents and led away some 15.000 more as captives, and the entire city was put to the torch. The destruction was so savage that a Persian chronicler described it as a specimen of what the unbelievers of Georgia could expect on Judgement Day itself” in Gvosdev, Nikolas K., *op. cit.* p.70.



Muhammad Khan, constituído por 35 mil homens, que esmagou o pequeno exército Georgiano, com não mais do que 2500 homens, na Batalha de Krtsanisi.¹³²

No exílio o Rei Heráclio temeu que mais uma vez tivesse sido abandonado pela Rússia como acontecera cerca de quatro anos antes quando durante a II Guerra Russo-Turca, entre 1787 e 1792, os Russos retiraram as suas tropas, deixando a Geórgia à mercê dos Persas.¹³³

No entanto, desta vez a resposta dos Russos foi diferente, e, apesar de algo tardiamente, um ano depois e já com o Rei Heráclio refugiado, a Czarina Catarina II, em 1796, enviou tropas, comandadas pelo General Valerian Zubov, para os territórios Persas. Receando uma eventual intervenção Russa, Aga Muhammad Khan mostrou abertura para negociar com o Rei Heráclio II que acabou por rejeitar uma vez mais qualquer tipo de negociação com os Persas.¹³⁴

A intervenção na Geórgia foi a primeira acção militar da Rússia em auxílio da Geórgia, mesmo tendo sempre contado com o apoio dos Georgianos nas Guerras Russo-Turcas, até antes da assinatura do Tratado de Georgievsk. Até esta data a Rússia nunca tinha concedido mais do que a ajuda através de pequenos contingentes militares como aquele que na Guerra Russo-Turca de 1769-1772 acabou por retirar enquanto lutava ao lado dos Georgianos contra as invasões Turcas na Imerícia e em Kartli-Kakheti.¹³⁵

Todavia, o rumo dos acontecimentos acabou por alterar-se com a morte da Czarina Catarina II, ainda em 1796. A defunta Czarina foi substituída pelo seu filho, o Czar Paulo I, que optou por um câmbio abrupto relativamente à política implementada no Cáucaso, retirando as tropas Imperiais Russas da região em 1797. Esta retirada permitiu uma segunda ofensiva dos Persas que visava punir os Georgianos pela sua aliança com a Rússia, e votou o Rei Heráclio II da Geórgia a morrer no exílio, em Kakheti um ano depois.¹³⁶

132 Cf. Allen, William Edward David, *A History of the Georgian People: From the Beginning Down to the Russian Conquest in the Nineteenth Century*, Taylor & Francis, 1971. pp.213-214.

133 “Confident of their strength following the Ottoman defeat in the Russo-Turkish War of 1787-1792 and relying on Erekle to defend his land, the Russians pulled their troops out of Georgia, leaving Tiflis unprotected” in Bournoutian, George A., *Armenians and Russia, 1626-1796: a documentary record*, Mazda Publishers, 2001. p.374.

134 Cf. William Edward David Allen, *op. cit.*, pp.213-214.

135 “(...) the Russians sent a small force of five hundred headed by (...) General Todtleben (...) at a crucial moment, Todtleben pulled back his troops, and Erekle was left to face a huge Turkish force without Russian help.” in Suny, Ronald Grigor, *The Making of the Georgian Nation*, Indiana University Press, 1994. p.58.

136 Cf. Suny, Ronald Grigor, *op. cit.* p.59.



Temendo o mesmo desfecho do ano de 1795, o Rei Jorge XII, filho e sucessor de Heráclio II cedo se apercebeu da impossibilidade de opor-se aos seus inimigos por muito mais tempo como príncipe de um Estado independente, oferecendo por isso o reino de Kartli-Kakheti a Paulo I da Rússia terminando assim com uma independência milenar sob comando da Dinastia Bagrátida.¹³⁷ Contudo a morte do Czar Russo antes da assinatura do tratado ocasionou a deposição do Rei Jorge XII em 1801 e a sua substituição por governadores militares Russos já durante o reinado do Czar Alexandre I.¹³⁸ Este facto tornou as tropas Czaristas no primeiro exército armado a declarar vitória nas frias e altas montanhas Georgianas desde as sete longínquas invasões Turco-Mongóis conduzidas por Tamerlão, entre 1386 e 1403.¹³⁹

O reino de Heráclio II incluía apenas as áreas da Kartalinia e Kakhetia, sendo que as restantes regiões da Geórgia, esferas de influência de Otomanos e Persas desde 1553, foram apenas anexadas pelo Império Russo entre 1810 e 1864, e as cidades portuárias do Mar Negro, Poti e Batumi, durante a Guerra Russo-Turca de 1877-78.¹⁴⁰

A Arménia cuja grande parte do seu território era pertença do Império Otomano após a queda de Constantinopla em 1453 à excepção da parte leste anexada pelos Otomanos apenas em 1516, tornando-se a partir daí um campo de batalha entre Otomanos e Persas que após assinada a Paz de 1620 asseguraram o controlo dos Canatos de Erevã, Carabaque e Naquichevão. No princípio do século XVIII cinco príncipes Arménios declararam a independência mas foram derrotados pelos Otomanos que posteriormente foram afastados pelos Persas.

A estratégia delineada pelo General P. Tsisianov, que ficou conhecido como o arquitecto da conquista russa da Transcaucásia após a sua morte no ano de 1806 em Baku, enquanto lutava pela submissão deste Canato, contemplava a extensão do território russo, a partir da Geórgia, para leste, através não da anexação mas da imposição de Tratados sob os quais os

137 Cf. Klaproth, Julius Von, *Travels in the Caucasus and Georgia – Performed in the years 1807 and 1808, by command of The Russian Government*, Henry Colburn, Londres, 1814. p.1.

138 Cf. Shoemaker, M. Wesley, *op.cit.* p.224.

139 Cf. Suny, Ronald Grigor, *op.cit.* p.45.

140 *Idem, ibidem*



Canatos, em direcção ao Mar Cáspio, e para sul, em direcção ao rio Arax se submeteram ao domínio Russo.¹⁴¹

A guerra entre a Rússia e a Pérsia com início em 1809 permitiu à Rússia anexar o restante território da Geórgia moderna, a parte norte do Azerbaijão bem como a região do Alto Carabaque. As regiões de Erevã e Naquichevão foram conquistadas em 1928, sendo que grande parte do antigo território Arménio continuou ainda sob controlo do Império Otomano, razão pela qual o território da Arménia de hoje se cingir ao território conquistado aos Persas pelo Império Russo.

Os Canatos de Carabaque, Shirvan e Sheki submeteram-se à *Pax Russica* evitando assim a persuasão pelo uso das armas aplicada pelos Russos aos Canatos que recusavam prestar vassalagem ao Império. Um desses casos foi o Canato de Ganja, cercado em 1804 pelas tropas Russas que foram recebidas por uma inesperada e temerária manobra defensiva que acabaria por vitimar o próprio Khan Javad em combate.

A Pérsia opôs-se à estratégia Russa por esta estar a destituir a sua soberania nestes territórios e em 1804 destacou um exército comandado por Abbas Mirza, filho do Xá, reforçado com tropas concedidas pelos Canatos de Erevã e Naquichevão. O exército acabou por rapidamente retirar-se após a pesada derrota sofrida em Etchmiadzin embora tivesse reentrado em combate dois anos depois nos Canatos de Carabaque e Sheki sob soberania Russa. O Canato de Ganja foi anexado em 1804 como condado de Elizavetpol, nome concedido à cidade em honra da mulher do Czar Russo. A guerra e as revoltas e ataques constantes às tropas Russas continuavam mas mesmo assim estes conseguiram subjugar os Canatos de Baku e Quba, em 1806 e Talysh em 1809.

Apenas em 1812, no final de mais uma Guerra Russo-Turca os Russos lançaram uma campanha militar fortíssima contra a Pérsia que conduziu à assinatura do Tratado do Gulistão ainda no mesmo ano. Este Tratado ratificou o *status-quo* resultante da presença militar Russa, estipulando o pagamento dos custos de guerra através de uma concessão de território à Rússia Imperial, segundo a qual o Xá renunciava à soberania sobre os Canatos de

141 “The terms of the resultant treaties guaranteed the khans unrestricted authority in the internal affairs of their states and the right of succession. In return, they agreed to admit Russian garrisons, to pay tribute – in cash or in kind, which included silk – and most importantly, to accede to the *Pax Russica* by surrendering their rights to wage war and conduct foreign policy.” in Swietochowski, Tadeusz, *Russian Azerbaijan, 1905-1920: The Shaping of a National Identity in a Muslim Community*, Cambridge University Press, 2004. p.4.



Carabaque, Tíflis, Baku, Sheki, Shirvan, Quba e Derbent, apesar de este alegar ao longo período de independência destes territórios anteriormente à ocupação Russa.

O Tratado do Gulistão foi apenas o primeiro embate no duelo entre Pérsia e a Rússia pelo controlo do Cáucaso porque em 1826 o conflito renasceu fomentado pelo facto de o Xá ter violado o Tratado ao enviar tropas para lá dos limites territoriais traçados pelo mesmo, ocupando Lenkoran, Shemaka e Nukha.

Os Persas chegaram mesmo a cercar os Russos em Ganja mas acabaram por retirar com medo de perder ainda mais do seu território para a Rússia Imperial. Porém o triunfo Russo face aos Persas em Ganja não se afigurava um dado adquirido até o Czar Nicolau I substituir o General A.P. Ermolov pelo novo comandante-chefe do Cáucaso I.Paskevich que assegurou um final de guerra vitorioso ao conduzir as suas tropas até à cidade de Tabriz no extremo sul do Azerbaijão e uma das principais cidades na estrada para Teerão. Fat'h Ali Shah, o segundo Imperador Cajar da Pérsia pediu a Paz e tentou restaurar os termos do Tratado do Gulistão, mas os Russos deixaram claro que não devolveriam os territórios recém-conquistados e que os Persas teriam ainda de pagar um elevado tributo em dinheiro.

No dia 10 de Fevereiro de 1828 foi assinado o Tratado de Turkmanchai no qual os Russos, na eminência de um conflito com a Turquia, regularam de alguma forma a dureza dos termos e das cláusulas no que concerne ao Azerbaijão. Ficou estipulada uma reafirmação dos termos do Tratado do Gulistão, apenas com a diferença de que o Xá teria adicionalmente de ceder à Rússia os Canatos de Erevã e Naquichevão bem como a área de Ordubad e todas as terras no Azerbaijão a norte do rio Arax, que são os territórios que compõem o actual Estado do Azerbaijão. No entanto, a Rússia Imperial apenas assegurou o domínio total do Cáucaso em 1864, data em que conquistou o Norte da região, onde se encontrava em acções militares contra os grupos tribais nativos desde 1817.

A marcha triunfal Russa de 31 de Março de 1814 em Paris ocasionada pela vitória do Império Russo sobre Napoleão naquela que foi a mais longa campanha militar na história da Europa, com as tropas Russas a perseguirem os Franceses desde a sua retirada de Moscovo, foi a prova de que o poder da Rússia Imperial continuava em crescendo.¹⁴² Ao estender o seu território continuamente até ao Mar Cáspio a Rússia consumou um objectivo estratégico fundamental que passava por poder passar a colocar tropas na Ásia Central território que

142 Cf. Lieven, Dominic, *Russia Against Napoleon: The Battle for Europe, 1807 to 1814*, Penguin UK, 2009. p.11.



disputava com o Império Britânico. Cada vez com objectivos mais ambiciosos, os Russos viraram-se definitivamente no início do século XIX para o *great game*, a disputa do poder na Ásia Central com os Britânicos, uma condição considerada fundamental para consumir um seu antigo sonho, a conquista da Índia.¹⁴³ Objectivo que se gorou com a eclosão da I Guerra Mundial, que fez com que a Grã- Bretanha e a Rússia fossem “obrigadas” a lutar lado a lado contra a Alemanha, levando a que estas duas potências nunca se tenham confrontado directamente na Ásia Central durante esse período, facto que pode ter salvo a influência, ainda que ténue, que a Pérsia continuou a ter na região.

143 Cf. Adams, Simon, *The Russian Republics*, Black Rabbit Books, 2005. p.16.



CAPITULO SEGUNDO

Criação e Russificação do Cáucaso pela Czarista

*Across the Caucasian peninsula and its home basin, the Caspian Sea, Russia is in immediate contact with the whole mass of Muslim Asia. From the Caucasian peninsula Russia may reach out everywhere where it may prove necessary (...) For Russia the Caucasian peninsula is a bridge thrown from the Russian shore into the heart of the Asian continent, a wall shielding Central Asia from inimical influences and an advance bastion protecting both seas. Occupation of this country constituted a prime state necessity.*¹⁴⁴

1. Russificação e Impacto nas Culturas da Transcaucásia

Assegurada a conquista do Cáucaso, os Russos continuaram a movimentar tropas para o interior da Ásia Central conquistando as suas vastas estepes e desertos numa política de expansão e anexação a que o Ministro do Exterior Russo, o Príncipe Gorchakov, chamou de “missão civilizadora” contra “salteadores bárbaros e ladrões”, ao mesmo tempo que prometia um tratamento diferente contra as populações sedentárias e agrícolas habitantes das mesmas regiões.¹⁴⁵ No dia 20 de Outubro de 1830 o Czar Nicolau I emitiu um decreto que redireccionava a trajectória da colonização Russa para a região a sul do seu império, a Transcaucásia.¹⁴⁶

144 Cf. Khachapuridze, T., *Istoriya Gruzii*, Tbilisi, 1949 in Fadeyev, Sochineniya, São Petersburgo, 1889. Apud Allen, William Edward David, Paul Muratoff, *Caucasian Battlefields: A History of the Wars on the Turco-Caucasian Border 1828-1921*, Cambridge University Press, 17/02/2011. p.ix.

145 Cf. Hauner, Milan, Canfield, Robert Leroy, *Turko-Persia in Historical Perspective*, Cambridge University Press, 2002. p.197.

146 Cf. Breyfogle, Nicholas B., *Heretics and Colonizers: Forging Russia's Empire in the South Caucasus*, Cornell University Press, 2005. p.1.



Assim, após a conquista territorial seguiram-se duas etapas, traduzidas em políticas de expansão física desde São Petersburgo até às novas colónias do Cáucaso situadas na periferia do Império Czarista, e em políticas de expansão cultural de valores Ocidentais, que conforme se verificava em toda a Rússia Imperial, se estenderam aos povos nativos na linha do que já vinha a ocorrer, embora de forma intermitente, desde as políticas de Russificação operadas desde o reinado de Pedro, o Grande.¹⁴⁷

Enquanto os povos das estepes viveram, em grande medida, fora do controlo directo da corte, as montanhas do Cáucaso, por sua vez, eram demasiado importantes para serem deixadas entregues a si mesmas ou aos desígnios das tribos locais. O Império Russo estendeu-se até às suas novas províncias do Cáucaso através da construção de vias de comunicação terrestres como a impressionante estrada militar da Geórgia, aberta entre a cadeia montanhosa do Grande Cáucaso através do vale do rio Terek e dos outrora intransponíveis desfiladeiros de Darial. A estrada militar da Geórgia permitiu ligar Tíflis à fortaleza de Vladikavkaz na Rússia, reduzindo inevitavelmente a influência Persa e Otomana na região triunfando assim “(...) face ao barbarismo e à ignorância”.¹⁴⁸ Mesmo assim os Russos debatiam-se ainda com vários problemas com os povos nativos das montanhas do Cáucaso que se tornaram conhecidos devido não só aos feudos de sangue, como também devido aos ataques e pilhagens aos colonatos russos nas planícies bem como aos raptos e assassinatos de viajantes, cujo receio obrigou o Marquês de Custine a viajar armado e sob escolta de Cossacos aquando da sua passagem pela região em 1859.¹⁴⁹ Entre os povos que mais relutantes estavam em não reconhecer a lei do Czar estavam os Circassianos e os Cabardinos, a norte do Cáucaso bem como os Chechenos e os Inguches, na região central.¹⁵⁰

A expansão cultural Russa descrita por Engels numa carta enviada a Marx em 1851 como “um elemento civilizador” foi muito patrocinada pela Igreja Ortodoxa Russa já que englobava a construção de igrejas e escolas onde se aprendia o cirílico bem como os valores

147 O escritor Fiodor Dostoiévski era um feroz adversário da corrente “ocidentalizante” do desenvolvimento da Rússia: “this is necessary because Russia is not only Europe, but also in Asia (...) because the Russian is not only a European, but also an Asiatic country (..) In Europe, we were hangers-on and slaves, whereas to Asia we shall go as masters. In Europe, we were Asiatics whereas in Asia we, too, are Europeans. Our civilizing mission in Asia will bribe our spirit and drive us thither” in Dostoevsky, Fyodor M, e, Lantz, K. A., *A Writer's Diary: 1877-1881*, Northwestern University Press, 20 Jul 1997, p.1374. pp.43-52

148 Cf. Bongie, Chris, *Exotic Memories: Literature, Colonialism, and the Fin de Siècle*, Stanford University Press, 1991. p.47.

149 Cf. Rypinski, Arthur D., *Dumas Journal of the Caucasus*, 1859.

150 Cf. Marshall, Alex, *The Caucasus under Soviet Rule*, Taylor and Francis, Londres, 2009, p.11.



da Ortodoxia Russa. Chegados ao Cáucaso por volta de 1880, por exílio forçado ou voluntário, os religiosos Ortodoxos eslavos, conhecidos como *vostochniki* – estrangeiros – foram um grande elemento difusor da doutrina “libertadora” da Ortodoxia Russa entre os povos nativos.¹⁵¹

Visando que as populações locais abandonassem os seus usos e costumes passando a pautar o seu comportamento pelos valores Russos, as autoridades administrativas Russas aplicaram a uma política de Russificação como modelo de integração étnica, que teve um contributo decisivo por parte das elites Cristãs da Geórgia e da Arménia. Ao verem com desagrado o desdém cultural e o etnocentrismo revelado pelos povos islâmicos vizinhos, estas elites acederam livremente a cooperar com as autoridades Imperiais ganhando como contrapartida uma muito desejada protecção das tropas Czaristas face à ainda muito presente ameaça Otomana e Persa.

As tensões sociais fomentadas por um conflito cultural entre os Russos e os povos nativos eram mais eminentes nas áreas do norte do Cáucaso habitadas por Muçulmanos desde as conquistas Árabes no início do século VIII, quando Derbent no leste do Dagestão se tornou um bastião do Califado Abássida. Os Russos sempre ambicionaram resgatar as populações locais da fé estrangeira e fazê-las aderir á fé Ortodoxa¹⁵², no entanto a política que se revelou mais eficaz para a colonização destas regiões foi a de “dividir para reinar” que visava criar atritos e acentuar diferenças entre os vários grupos Muçulmanos com o objectivo de inviabilizar qualquer acção concertada destes contra a ocupação Russa.¹⁵³

A segunda das técnicas de russificação utilizada foi o envio de jovens muçulmanos provenientes dos domínios do sul para estudar em cidades russas onde absorviam valores da cultura homónima bem como da Europa Ocidental. Nem as tribos nómadas das estepes do sul da Rússia nem os *gorets*¹⁵⁴ habitantes das aldeias das estepes na bacia do rio Koura,

151 Cf. Cummins, Ian, *Marx, Engels, and National Movements*, Croom Helm, 1980. p.70.

152 “Bilingual mountaineers were co-opted by the society to help transcribe the North Caucasus languages, and to serve as teachers in Restoration Society Schools. In 1865, 1500 copies of the Bible in Ossetian, 3000 copies of a prayer book in the same language, and 2400 copies of an Abkhaz reader created by a local Tsarist general were printed by the society” in Jersild, Austin Lee, *Orientalism and Empire. North Caucasus Mountain Peoples and the Georgian Frontier; 1845-1917*, Montreal and Kingston: McGill-Queen’s University Press, 2002. *Apud* Marshall, Alex, *op. cit.*, p.15.

153 Cf. Mazzaoui, Michel M., Canfield, Robert Leroy, *Turko-Persia in Historical Perspective*, Cambridge University Press, 2002. pp.98-99.

154 *Gorets*, ou montanheiros, eram o nome porque eram conhecidos quaisquer nativos que não habitassem as estepes ou as terras baixas junto aos vales e aos rios



formadas por pequenas casas em arenito de estilo Árabe ou Persa onde nem a influência bizantina tinha chegado, escaparam à Russificação, sendo-lhes conferida pelos Russos uma nova forma de vida europeia relacionada com novas técnicas e inovações.¹⁵⁵

Este processo levou a que várias tribos nómadas Tártaras ou Persas que cultivavam as margens do rio Koura fossem trabalhar para as refinarias de Baku, a vila negra, ou se sedentarizassem no campo ou nas cidades.¹⁵⁶ No entanto continuaram a existir problemas graves de segurança nas aldeias mais remotas por exemplo nos *jama'ates* no Dagestão que eram colonatos fortificados rodeados de quintas que, apesar de existirem antes da ocupação russa, se tornaram mais perigosos com a proliferação de armas de fogo na região.¹⁵⁷

A terceira técnica de Russificação utilizada foi a integração militar dos povos nativos no Exército Imperial Russo. Georgianos, Arménios, Tártaros, Ossetas¹⁵⁸ e outros foram incluídos nos regimentos russos desde 1887 e principalmente desde 1888 com a ajuda de campo do General Aleksandr Dondukov-Korsakov V, Governador do Cáucaso. Registou-se alguma resistência à incorporação militar destes povos sobretudo por parte dos Arménios.¹⁵⁹

Recorrendo a diferentes técnicas, quer beneficiando da cooperação com as elites locais ou com a Igreja Ortodoxa Russa, as autoridades Imperiais encetaram uma verdadeira Russificação dos territórios do Cáucaso, moldando a região à sua medida. Tudo, desde as linhas de caminho-de-ferro, ao sistema de ensino e até à gastronomia, foi criado de raiz. O grande investimento de capital russo, permitiu também industrializar a região e ligá-la entre si, através da inauguração de diversas fábricas, da exploração de minas e de poços de petróleo, permitindo que esta passasse a beneficiar económica e culturalmente da sua ligação à Rússia. Conforme escreveu Calouste Gulbenkian:

155 Cf. King, Charles, *The Ghost of Freedom: A History of the Caucasus*, Oxford University Press, 2008. p.xiii.

156 Cf. Gulbenkian, Calouste S., *op.cit*, pp.153-154

157 "Members of a *jama'at* counted themselves as *uzden* (freemen), and acknowledge no masters beyond a traditional respect for elders. Exile from one's *jama'at* was accordingly the highest possible punishment for wrongdoers. Within each *jama'at* there lived several individual clans, or *tukkhums* (...) with a strict patriarchal ideology founded on endogamy and veneration of the ancestors" in Kisriev, E.F., *Islam i vlast' v Dagestane*, O.G.I, Moscovo, 2004 *Apud* Marshall, Alex, *op. cit.*, pp.11-12.

158 "3000 ossetas serviram no Exército Czarista na I Guerra Mundial, significativo numa população de 13000 pessoas" in Duniushkin, I.E, *Iug Rossii. Nakanune katastrofy. Bor 'ba organov gosudarstvennoi vlasti i Terskogo kazachestva s natsional-klerikal'nym separatizmon na Severnom Kavkaze v nachale XX veka*, Izdatel 'stvo Gumanitarnogo Universiteta, Yekaterimburgo, 2003. *Apud* Marshal, Alex, *op. cit.* pp.15-16.

159 Cf. Gulbenkian, Calouste S., *op.cit.* pp.96-97.



“C’est la conquete morale qui sucède à la conquete à main armée; c’est l’assimilation de ce peuple aux autres sujets de l’empire, qui fera de l’annexion une incorporation véritable, une union indestructible.”¹⁶⁰

2. A Diversidade Étnica e a Industrialização

O cheiro fétido do petróleo oriundo de Baku com que Calouste Gulbenkian, se deparou em 1890, aquando da sua chegada a Batumi, um porto franco desde o Tratado de Berlim, era sintomático do desenvolvimento da indústria do petróleo a partir da década de 1860.¹⁶¹ O aumento da procura mundial exigia mais do que as 450 000 toneladas, avaliadas em 55 milhões de francos, exportadas a partir de Batumi, facto que tornava o porto pequeno demais levando os russos a pensar no porto de Poti como alternativa.¹⁶²

A economia local antes da presença Russa ter instituído mudanças significativas, baseava-se na agricultura, em que nas montanhas cultivadas em socalcos as principais culturas eram o linho, o cânhamo, feijões, lentilhas e principalmente cevada. Porém o clima das montanhas no Cáucaso, bastante seco e severo, não possibilitava mais do que pequenas colheitas anuais. A criação de gado também não era fácil devido aos invernos rigorosos e às doenças dos animais e deixava os vários povos muito dependentes das trocas comerciais entre si.

Contrastante com o modo de vida rural anterior à presença Russa, a industrialização e a urbanização impulsionadas pelos Russos na região provocou forçosamente mudanças que transformaram completamente a paisagem do Cáucaso, nomeadamente das suas cidades. Em 1865 foi construído o caminho-de-ferro transcaucasiano que em 26 horas fazia o percurso de 914 quilómetros que ligava Baku e Tíflis, ao porto da cidade de Batumi de onde era exportado o petróleo através do Mar Negro.

Forçosamente as cidades da região mudaram totalmente a sua configuração, com Baku a converter-se num dos maiores centros mundiais de extração de petróleo, e Batumi, descrita por Gulbenkian como uma cidade não oriental nem ocidental apesar das inúmeras demolições e novas construções de estilo russo, passando em apenas vinte anos de uma

¹⁶⁰ *Idem*, pp.58-59.

¹⁶¹ *Idem*. p.22.

¹⁶² *Idem*, *ibidem*.



pequena aldeia típica de pescadores para o porto mais importante do Mar Negro, com a importância estratégica de estar ligado a todas as cidades do interior do Cáucaso.¹⁶³ Não obstante, o centro do Cáucaso continuou a ser a cidade de Tíflis, que era também a mais heterogénea, onde tudo se misturava, desde o comércio, às raças, aos costumes, aos trajes nacionais e às religiões, e onde os mercados eram descritos como sendo ainda mais vibrantes do que os de Istambul.¹⁶⁴

As vias de comunicação construídas na Geórgia fizeram com que o país passasse a estar ligado com todo o Império Russo ao mesmo tempo que se desenvolvia e consolidava uma classe alta com acesso a uma educação europeizada encorajada pela administração Russa através da construção de escolas onde o uso da língua russa era obrigatório. No entanto, Gulbenkian ao visitar a cidade de Kutaisi confirma que a pluralidade linguística continuava a ser inerente na região onde “ apenas os funcionários do estado falavam russo” talvez devido às gerações mais novas não estarem “ainda sujeitas ao regime escolar recentemente inaugurado.”¹⁶⁵

A Geórgia e o Azerbaijão foram desde sempre regiões heterogéneas habitadas por muitas nacionalidades diferentes sendo que no Azerbaijão para além dos Azeris existiam o povo Talysh, que habitava as áreas de Lankaran, Lerik e Astara, o povo Lezguiano que habitava as regiões de Qusar e Khachmas, o povo Inguilói de ascendência georgiana na área de Kakh, os Arménios no Alto Carabaque, e o povo Curdo nas áreas de Qubatly, Zangelan e Kalbajar, antes de estas serem ocupadas pelos Arménios. Na Geórgia, os Abecássios, os Ossetas e os Adjares, concentravam-se em regiões específicas enquanto os Gregos, Curdos, Judeus, Chechenos e Daguestaneses estavam dispersos por várias partes do país.¹⁶⁶ Quanto à Arménia, aquando da conquista Russa da Transcaucásia os Arménios não constituíam mais do que 20% da população do território, já que apenas no término das guerras Russo Turcas, ocorridas entre 1855 e 1878, e após a chegada de muitos refugiados do Império Otomano, os Arménios passaram a estar em maioria no território que ficaria conhecido como República da Arménia. Muitos deles foram colocados também em áreas rurais dos Canatos

163 *Idem*, p.22-34.

164 *idem*.p.104.

165 *Idem*,p.66.

166 Cf. Saidov, Vugan, *Nationalism and Ethnic Conflict in Transcaucasia and it's Role in the Dissolution of the Soviet Union: A Comparative Perspective*, Journal of Muslim Minority Affairs, 2012. p.197.



de Erevã, Naquichevão e Carabaque, no Azerbaijão, e nas regiões de Akhalkalak e Akhaltsikh, na Geórgia.¹⁶⁷

As colónias Arménias sempre foram grandes centros urbanos com excepção apenas das da Transcaucásia criadas aquando do êxodo da fuga dos Arménios do genocídio levada a cabo pelos Otomanos. Todavia, a falta de recursos fez com que o território da Arménia permanecesse um território rural, sem uma industrialização comparável aos seus vizinhos do Cáucaso, que levou a uma grande emigração de Arménios para as cidades em crescimento na Geórgia e no Azerbaijão, onde o seu espírito empreendedor bem como a sua habitação à vida urbana lhes permitiu uma rápida assimilação da cultura colonial russófona vigente nas cidades que levou Grigor Ardzuni, um dos mais proeminentes jornalistas e escritores Arménios, e um dos principais instigadores do liberalismo Arménio bem como da necessidade do desenvolvimento do capitalismo no país, a escrever em 1872:

*Yesterday we were an ecclesiastical community; tomorrow we shall be a nation of workers and thinkers.*¹⁶⁸

No final do século XIX os Arménios constituíam 38% da população de Tíflis onde monopolizavam o comércio, a banca, e também a administração, e 17% da população de Baku onde detinham grandes percentagens do capital na indústria do petróleo da cidade. Os 30 mil Georgianos habitantes de Tíflis, em inferioridade face aos 40 mil Arménios ali residentes, viam a cidade capital política do Cáucaso, como uma cidade Arménia tendo de se recuar até à idade média onde de facto eram os Georgianos os mais numerosos e poderosos e com maiores privilégios políticos e comerciais na cidade.

O emergir de uma forte burguesia Arménia nos países vizinhos era proporcional ao declínio da nobreza ancestral das zonas rurais da Geórgia e do Azerbaijão. Ao contrário das políticas implementadas pelos Turcos na Arménia em que se tinham revelado mais tolerantes no que concerne às tradições nacionais, as políticas russas contemplavam a abolição do feudalismo típico da região forçando os nobres Georgianos e os *beks* Azeris, empobrecidos devido à emancipação da mão-de-obra forçada, a deixar os seus velhos

167 *Idem, ibidem*

168 Cf. Matossian, Mary Kilbourne, *op.cit.*, p.1.



domínios procurando servir as autoridades do Estado nas cidades, onde ao chegarem se deparavam com uma burguesia e classe média-alta arménia já estabelecidas na vida social.¹⁶⁹ A concorrência dos Arménios também afectou os Judeus, que eram na sua maioria muito pobres, bem como os colonos Russos, os *Molokhanes*, ou “bebedores de leite” que o Czar instalou nos campos para que se ocupassem das culturas do tabaco e do algodão e em alguns casos da evangelização dos povos nativos.¹⁷⁰

Considerados pelo Barão de Thielmann como “os reis do comércio do Cáucaso” e pelo Lorde de Beaconsfield como “Judeus da Ásia”, os Arménios apesar de serem refratários à fusão de raças, ao contrário dos Georgianos, têm toda uma história em comum com estes que data pelo menos até à cisão religiosa no concílio de Calcedónia em 451 que levou a que os Georgianos deixassem de estar submissos ao patriarcado arménio de Etchmiadzin.¹⁷¹

No final do século XIX o ascendente cultural Arménio na Geórgia face aos Georgianos levava a que os Arménios tivessem na Geórgia as suas igrejas e as suas escolas, onde as crianças aprendiam o francês ao mesmo tempo que o russo, mas também os seus jornais e as suas revistas.¹⁷²

O sentimento dos Georgianos face ao ascendente Arménio foi testemunhado por Calouste Gulbenkian que relatou nos seus diários de viagem “o ciúme de uma nobreza empobrecida face a uma burguesia que a suplantou: os georgianos consolam-se com as lembranças da sua antiga glória e os arménios glorificam-se com a sua actual prosperidade”. Também o académico Ronald Suny atestou que o carácter urbano e burguês dos arménios “contrasta bruscamente com a orientação rural e agrária da maior parte dos georgianos causando por isso um aumento dos estereótipos raciais entre estas duas nacionalidades”.¹⁷³

169 Cf. Hosking, Geoffrey Alan, *Russia: People and Empire, 1552-1917*, Harvard University Press, 1997. p.385.

170 Cf. Breyfogle, Nicholas B., *Heretics and Colonizers: Forging Russia's Empire in the South Caucasus*, Cornell University Press, 2005. p.8.

171 Cf. Gulbenkian, Calouste S., *op cit.* pp.121-122.

172 *Idem, ibidem*

173 Cf. Suny, Ronald, *The Emergence of Political Society in Georgia, in Transcaucasia, Nationalism, and Social Change*, ed R.G. Suny *Apud* Saidov, Vugan, *Nationalism and Ethnic Conflict in Transcaucasia and it's Role in the Dissolution of the Soviet Union: A Comparative Perspective*, Journal of Muslim Minority Affairs, 2012. p.198.



3. O Emergir dos Nacionalismos e a Queda do Czarismo

Apesar da diversidade étnico-cultural e religiosa os povos do Cáucaso estão ligados por um substrato comum único fomentado por rituais e costumes comuns supra-étnicos que sobrevivem desde há dezenas de séculos, embora tenham sido influenciados por várias culturas diferentes com as quais estiveram em contacto.¹⁷⁴ Nem a importância das religiões se sobrepunha à dos usos e costumes no Cáucaso conforme revelou Semyon Bronevsky, Governador de uma província na península da Crimeia de 1810 a 1816:

“dans le Caucase, l’esprit de foi est plus faible que les us et coutumes. Le Géorgien, l’Arménien, le Tcherkesse, l’Ossète, le Perse et l’Abkhaz déjeunent sur le meme tapis sans scrupule (...) La méfiance que les Mahométans éprouvent d’habitude à l’égard des Chrétiens se révèle ici sans importance, au contraire des autres pays de l’Asie”¹⁷⁵

O emergir do nacionalismo na Transcaucásia foi um fenómeno intrínseco à colonização da região pela Rússia Imperial no século XIX, que materializou um desenvolvimento industrial e um progresso socioeconómico impulsionado por um grande investimento de capital além de uma série de outras políticas que alienaram questões nacionais e inflamaram paixões étnicas dando origem a um conflito que prejudicou e comprometeu seriamente a ordem interna de uma região extremamente sensível a nível estratégico.¹⁷⁶

No final do século XIX, ao chegar às cidades os nobres Georgianos e os *beks* Azeris aperceberam-se que a grande parte dos empregos relacionados à administração e à ordem pública pertenciam a cidadãos Russos, enquanto o sector bancário e comercial era dominado por Arménios.¹⁷⁷ Isto levou a que os Georgianos tentassem contrariar a estruturação social com que se deparavam no seu próprio país desenvolvendo a sua própria variante de nacionalismo muito baseada no Marxismo, e anti-capitalismo, muito em parte devido a algum ódio face ao capitalismo Arménio.

174 Cf. Tsaroïeva, Mariel, *Peuples et religions du Caucase du Nord*, KARTHALA Editions, 2011. pp.10-14.

175 *Idem*, p.12.

176 Cf. Hosking, Geoffrey Alan, *op.cit.*, pp.385-388.

177 *Idem*, *ibidem*



Ao contrário da Geórgia que tinha desaparecido do mapa na Idade Média sendo substituída por uma panóplia de combativos reinos feudais e principados, os Arménios foram integrados no seio do Império Otomano onde eram o grupo não muçulmano mais privilegiado sendo reconhecidos como uma comunidade distinta e protegida desde o início do sistema imperial Otomano. Sendo a mais antiga nação cristã do mundo, em que a relação do Estado com a igreja remonta ao século IV, os Arménios almejavam gozar de mais privilégios no seio do Império Russo como o direito a criar escolas Arménias que lhes foi negado pela administração Imperial em 1885 devido a suspeitas de difusão de ideias nacionalistas.¹⁷⁸

Até 1747, Azerbaijão, não foi mais do que o nome de uma província da Pérsia, não tendo qualquer significado em termos étnico-identitários até ao princípio do século XIX quando Baku, uma pequena cidade de 2500 habitantes foi escolhida como capital da *guberniia* pelo Príncipe Bariatinski, vice-Rei do Cáucaso.¹⁷⁹ Numa política de dividir para reinar, foram curiosamente também as autoridades Russas, que se debatiam com o surgimento de ideais nacionalistas no seio dos Arménios, quem fomentou directamente o despontar nacionalista no Azerbaijão ao utilizar os ressentidos Azeris, muitos deles trabalhadores pobres dos campos de exploração de petróleo, a revoltar-se contra os Arménios que formavam em Baku e Tiflis uma próspera e bem-sucedida classe média. Em Fevereiro de 1905, não impedidos pela polícia, um grande número de Azeris cercou e invadiu o bairro Arménio, e após vários dias de luta cerca de 1500 pessoas perderam a vida nos motins, dos quais cerca de 1000 eram Arménios.¹⁸⁰

Os confrontos entre Arménios e Azeris cimentaram não apenas a solidariedade entre os Arménios, que criaram milícias armadas, mas também entre os Azeris que até à data se tinham mostrado relativamente desorganizados a nível político, apesar de terem criado uma língua Azeri com base nas línguas Turca e Persa através de um processo que tinha até merecido o apoio da administração colonial Russa. Entre 1905 e 1906 registou-se um tomar de consciência de uma identidade nacional Azeri entre camponeses e trabalhadores

178 Os Russos ordenaram o encerramento das escolas paroquiais Arménias e a sua substituição por escolas Russas, medida que acabou por ser suspensa um ano depois deixando no entanto um sentimento de enorme suspeição no seio das elites Arménias que foi uma das sementes dos partidos revolucionários no país.

179 Cf. Marshall, Alex, *The Caucasus under Soviet Rule*, Routledge, Londres, 2010. p.35.

180 A carnificina terminou de uma forma simbólica com uma procissão conjunta liderada pelo bispo Arménio e pelo Chefe Sayyid da comunidade Shia Muçulmana.



Muçulmanos comuns que os levou a juntar-se às acções de guerrilha que visavam defender as suas aldeias, procurando no entanto vingar-se dos Arménios mais do que dos Russos.

Na Arménia o principal partido era o *Dashnaktsiutiun*¹⁸¹ – A Federação – cujos ideais se aproximavam muito dos ideais Russos, além de se revelarem bastante hostis contra o Império Otomano. Foram os Dasnaques, partidários do *Dashnaktsiutiun*, que estiveram no movimento pacífico de protesto que incluiu o boicote às escolas oficiais, tribunais e repartições públicas tendo criado instituições substitutas na clandestinidade que passaram a desempenhar as funções das anteriores sob boicote.

Paralelamente com as acções pacíficas foram levadas a cabo acções terroristas em defesa de uma luta nacionalista que respondeu com acções repressivas como a ocupação da residência dos cristãos de Echmiadzin¹⁸² pela polícia ao abrigo do decreto do ano de 1903 segundo o qual o Vice-Rei do Cáucaso Grigory Golitsyn passava a tutelar as igrejas nacionais e a administrar directamente todas as suas propriedades. Este facto levou a que os nacionalistas pegassem nas armas instigando a que muitos arménios se “aliassem aos terroristas na luta contra a administração Russa”.¹⁸³

Em Fevereiro de 1905 o Czar Nicolau II nomeou o novo Vice-Rei do Cáucaso, o Conde Vorontsov-Dashkov, que tinha substituído Golitsyn após este ter ficado gravemente ferido num ataque terrorista. Temendo o aumentar da dimensão dos distúrbios o velho Conde Vorontsov-Dashkov foi pressionado a cooperar com os Dasnaques e a conceder de novo à Igreja Arménia as suas propriedades e escolas, de forma a salvaguardar a ordem pública e a operar naquele território um *modus vivendii* entre a administração imperial e a população local.¹⁸⁴

A instabilidade no Cáucaso coincidiu com a Revolução de 1905 na Rússia que mudou completamente o paradigma das políticas da Rússia Imperial que até então se cingia a tímidos contactos entre membros da intelligentsia e *obshchestvennost*¹⁸⁵ com alguns

181 “The Federation, close to the Russian Populists in outlook (...) but all the same the Russian authorities were intensely wary of them” in Hosking, Geoffrey A., *Russia: People and Empire, 1552-1917*, Harvard University Press, 1997. p.387.

182 É um das históricas capitais da Antiga Arménia e o principal centro religioso do país onde se situa a Catedral de Echmiadzin que é a sede da Igreja Apostólica Arménia.

183 Cf. Hosking, Geoffrey A., *op cit.*, pp.387-389.

184 Cf. Marshall, Alex, *op.cit.*, p.10.

185 A industrialização do Império Russo, implicou grandes mudanças aos níveis cultural, social e político que facilitaram o desenvolvimento de uma consciência pública e a emergência de uma sociedade civil –



camponeses e trabalhadores. O Manifesto de 17 de Outubro de 1905 em que o Czar consagrou aos seus súbditos um longo reportório de direitos civis onde se incluía a inauguração de uma assembleia legislativa – *Duma* – eleita através de um sufrágio universal que incluía trabalhadores, camponeses bem como indivíduos de nacionalidade que não Russa deu inicio a um processo de liberalização na Rússia Imperial que se revelou um triunfo para a maioria dos activistas políticos da *obshchestvennost* que desde 1890 lutavam contra a autocracia exercida pelo governo do Czar que ainda antes da primeira sessão da *Duma*, no dia 10 de Maio no Palácio de Inverno em São Petersburgo, encerrou 88 jornais e deteve mais de 50 directores além de condenar ao exílio na Sibéria ou a penas de prisão milhares de agitadores políticos, numa tentativa de abafar o descontentamento político.¹⁸⁶

Sob pressão da Revolução de 1905, o discurso proferido pelo Czar na abertura da *Duma* não aludia minimamente a reformas constitucionais nem mesmo às novas oportunidades criadas pela existência de uma assembleia eleita, e por isso os deputados transferiram-se, por entre as massas que os aplaudiam, para o Palácio Tauride onde passaram a ter lugar todas as sessões futuras. Contudo foi a relutância do Czar em satisfazer os primeiros pedidos da *Duma* que visavam a concessão de uma amnistia aos presos políticos bem como a substituição da autocracia por uma monarquia constitucional, e posteriormente a realização de eleições por sufrágio universal, educação gratuita, distribuição de terras privadas pelos camponeses bem como a abolição de privilégios baseados na classe, religião ou raça, que desencadearam uma grave instabilidade política que se alastrou a todo o país.¹⁸⁷

A dissolução da *Duma* pelo Czar, alegadamente por os representantes da nação terem “invadido esferas que estavam fora da sua competência”¹⁸⁸, levou a que vários deputados se mudassem para a cidade de Vyborg na Finlândia russa de onde passaram a apelar à população contra o governo Czarista que no entanto apenas foi derrubado vários anos depois durante a Revolução de 1917, sendo substituído por um Governo Provisório em Petrogrado onde teve lugar um Conselho de trabalhadores, que serviu de exemplo a outros conselhos organizados posteriormente por todo o território da antiga Rússia Imperial.

obshchestvennost. Vide: Pate, Alice K., *Workers and Obshchestvennost': St Petersburg, 1906–14, in Revolutionary Russia*, Volume 15, Issue 2, 2002.

186 Cf. Gilbert, Martin, *História do Século XX – Vol I*, Publicações Dom Quixote, 2009. Lisboa. pp.51-52.

187 Idem, ibidem

188 Cf. Gilbert, Martin, *op.cit.* p.51.



A juntar à grande instabilidade política, entre 1904 e 1907, registou-se uma grande escalada de violência, com greves, manifestações, pilhagens e assassinatos em trocas de tiros a cavalo ao longo das estepes e montanhas no Cáucaso a que as autoridades Russas respondiam de acordo com as circulares enviadas pelo governo a todos os governadores provinciais com ordens para que fossem “reprimidos todos os distúrbios e neutralizados por todos os meios legais os movimentos revolucionários”.¹⁸⁹

Num ambiente de guerra civil as organizações nacionalistas, embora com acentuadas diferenças religiosas e raciais entre si, continuavam a sua luta armada contra a ocupação Russa assente em pressupostos da Social Democracia bem como Marxistas conforme sustentou Luigi Villari que visitou em 1905 os maiores centros de agitação no Cáucaso onde entrevistou várias pessoas de várias idades e raças incluindo líderes revolucionários georgianos, camponeses, e até chefes da polícia secreta:

“Old national ideals, which were believed to be buried and forgotten (...) have sprung to life, armed and formidable. While the autocracy is fighting for its life against the onslaught of political and social revolution, its border provinces are seething with Nationalist discontent, and are a prey to violent uprisings. (...) Georgians, Armenians, are all demanding the rights so long denied them, and their demands are backed by rifles, revolvers, and bombs (...) There, side by side with Nationalist claims and bitter racial and religious animosities, we see attempts to realize the conceptions of Social Democracy; together with evidences of mediaeval barbarism we find men actually putting the theories of Marx into practice.”¹⁹⁰

4. A I Guerra Mundial, a Revolução Russa e o Fim do Czarismo no Cáucaso

A Rússia estava em permanente agitação com uma população descontente com a autocracia de um Czar conservador que delegava muita da autoridade política no clero colocando-se a si próprio de alguma forma à margem do real estado do país. Sempre consciente do seu poder a que o povo devia uma lealdade incontestável, Nicolau II rejeitou

189 Cf. Gilbert, Martin, *op.cit.* p.51; “As acções de terrorismo político no Cáucaso entre 1904 e 1909 vitimaram 7293 pessoas sendo que 2640 eram oficiais russos. Registaram-se mais de 8000 feridos” in Ivanova, Galina Mikhaïlovna, Flath, Carol Apollonio e, Raleigh, Donald J., *Labour camp socialism: the Gulag in the Soviet totalitarian system*, 2000.p.6.

190 Cf. Villari, Luigi, *Fire and sword in the Caucasus*, T. F. Unwin, 1906. pp.5-6.



sempre promover quaisquer reformas que pudessem aliviar de alguma forma as condições de opressão em que vivia o povo russo.

Durante uma manifestação de estudantes em São Petersburgo, da qual o conde Leão Tolstói¹⁹¹, escritor e pensador russo, era um activo apoiante, foram distribuídos manifestos com *slogans* revolucionários, entre os quais “Abaixo o Czar”, e a bandeira vermelha da revolução foi desfraldada na escadaria da catedral. No decurso de tumultos ocorridos em Tíflis, capital da Geórgia, 14 manifestantes ficaram feridos e 50 foram detidos. “Este dia marca o arranque de um movimento revolucionário aberto no Cáucaso”, escreveu Lenine do seu exílio na Suíça. Entre os participantes nestes confrontos estava José Estaline.¹⁹²

Apenas após o massacre de Janeiro de 1905 durante o qual centenas de manifestantes foram alvejados pelas tropas Imperiais, e depois de uma greve geral, o Czar promoveu um manifesto que contemplava a eleição de uma *Duma* democraticamente eleita, algo que os intelectuais Russos, desde marxistas, liberais e até anarquistas, reivindicavam há já muito.¹⁹³

Aproveitando os baixos níveis de alfabetização, com a cooperação da elite do clero Ortodoxo, o governo desencadeou uma grande acção de propaganda em volta do envolvimento do Império Russo na I Guerra Mundial, de forma a focar os interesses comuns dos Russos.¹⁹⁴ Desta forma, o ódio face ao mesmo inimigo Alemão, Turco, e Austro-húngaro, a quem o governo culpava pelo início da guerra, e a necessidade imperativa de defender o território russo, abrandou a crescente oposição que se vinha verificando face ao Czar Nicolau II e à coroa russa.¹⁹⁵ Porém esta união patriótica, fomentada pelo próprio Czar que

191 No seu apelo ao czar para que protegesse as liberdades civis na Rússia, escreveu: “Milhares de russos dos melhores, pessoas sinceramente religiosas, e como tal parte integrante da principal força de qualquer nação, já foram destruídos, ou estão a ser destruídos, na prisão e no exílio.” A dissidência não devia ser punida como crime. Era completamente errado pensar que a salvação da Rússia só seria encontrada “numa forma de governação brutal e antiquada.” in Gilbert, Martin, *História do Século XX – Vol I*, Publicações Dom Quixote, 2009. Lisboa. P.21

192 Cf. Gilbert, Martin, *op.cit.*, Publicações Dom Quixote, 2009. Lisboa. p.21.

193 No entanto, mesmo após as alterações promovidas na sequência da revolução de 1905 e do IV Manifesto, o Czar continuou a limitar muitos dos direitos civis no que concerne à representação democrática de forma a preservar a total autoridade da coroa Russa.

194 “A Igreja Ortodoxa Russa teve um papel importante na difusão da informação propagandeada pelo governo no seio da população. Isto porque os membros do clero eram das poucas pessoas alfabetizadas em cada cidade ou aldeia do interior do país. Aproximadamente 35.000 paróquias ortodoxas espalhavam-se ao longo do território da Rússia Imperial, e o governo terá distribuído cerca de 47.000 cópias diárias da Gazeta Paroquial por cada paróquia.” In Stockdale, Melissa, “*A Hard Country to Love: Patriotism and National Identity in Russia's Great War, 1914-1918*”, Universidade de Oklahoma, Abril de 2011.

195 “As acções de propaganda passaram pela publicação por todo o país de cartazes com as fotografias dos líderes aliados, bem como imagens da frente de guerra, de forma a construir um sentimento de unidade contra



partiu para a frente de batalha para comandar as tropas russas, acabou por não durar muito à medida que se vinham verificando cada vez mais baixas militares face a uma cada mais evidente supremacia do melhor treinado e equipado exército alemão.

Na Transcaucásia, uma zona fronteiriça dos Impérios Russo, Otomano e Persa, e por isso desde o século XVI uma região chave no plano geo-estratégico para o Império Russo, registavam-se greves nos comboios desde Março de 1902 que depois se estenderam a outras indústrias e serviços, bem como manifestações lideradas por sindicatos que faziam discursos públicos revolucionários com audiências de 15.000 e 20.000 pessoas em Tiflis e Baku, que poderão ter suscitado a extensão da revolta a toda a Rússia que culminou na revolta de 1905. Porém a situação agudizou-se drasticamente a partir de Outubro de 1914, data em que o Império Otomano entrou na I Guerra Mundial como aliado alemão, ameaçando directamente toda a região a leste da costa do Mar Negro privando-a de uma das suas maiores rotas comerciais dificultando-a no plano logístico de fornecimento de munições bem como provisões alimentares ao seu exército.

À crise no plano militar verificada nas frentes de batalha onde os soldados careciam de alimentação e munições verificava-se também nas cidades onde começavam a faltar alimentos que os camponeses optavam por armazenar em vez de os transaccionar dado à volátil situação económica causada por uma inflação devido ao facto de o governo ter impresso milhares de rublos destinados a financiar o esforço de guerra bem como as acções de propaganda.

As deserções das frentes de batalha eram inúmeras e o terreno revelava-se cada vez mais fértil para as acções de propaganda comunista que originaram greves, motins e revoltas nas cidades, principalmente na capital Petrogrado, novo nome de São Petersburgo, onde o contínuo aumento de preços, aliado às cada vez piores condições de transporte desde as partes mais remotas do país, impedia o acesso dos cidadãos a bens essenciais como pão, carne e açúcar, apesar de estes esperarem horas em filas.

A instabilidade social era crescente no Império Russo, onde entre Julho de 1914 e Janeiro 1917 se registaram 736 rebeliões agrárias que protestavam contra novos impostos, aumento de preços, entre outras exigências do governo. A resposta violenta do regime Czarista às

um inimigo comum. De salientar que, Até neste aspecto o governo teve em conta a multiculturalidade da população já que por exemplo foram lançados selos de correio com imagens de personalidades históricas não consideradas russas mas sim oriundas de vários grupos étnicos." Vide; Stockdale, Melissa, *Op cit.*



reivindicações dos cidadãos fez com que o nacionalismo emergisse no interior fronteiras do Império não só no Cáucaso, mas também na Estónia onde um grupo de jovens estonianos lançou um jornal com o objecto de despertar a consciência nacional e na Finlândia quando ao manifestar-se contra o serviço militar as tropas cossacas do czar serviram-se dos chicotes para dispersar os manifestantes causando diversos feridos.¹⁹⁶

O retrógrado e tradicionalista governo imperial, e na visão das massas russas o Czar Nicolau II tornou-se, no maior culpado da situação caótica vivida na Rússia, ao ponto de o Parlamento apelar a mudanças constitucionais de forma a travar a fúria e o descontentamento popular. As recomendações da *Duma* foram prontamente rejeitadas pelo Czar e o Czarismo colapsou na sequência da Revolução de Fevereiro de 1917 e a família real, considerada principal culpada pela guerra e pela ruína do país, foi executada pelos Comunistas cerca de um ano mais tarde.¹⁹⁷

Nem a presença das tropas imperiais embora cada vez mais desunidas e menos organizadas constituíam já grande obstáculo à emancipação de inúmeros partidos políticos na luta pelo poder na Transcaucásia. Porém qualquer autoridade política vigente nas fronteiras do Império Russo ruiu a partir do momento que o Czar Nicolau II abdicou do trono russo a favor do governo provisório, por isso e sem surpresa, a Guerra Civil Russa direccionou-se em claras linhas de combate causando várias Guerras Civis Russas, no caos vivido durante a Guerra Civil Russa entre 1918 e 1921.

Para assegurar a sua sobrevivência o governo foi forçado a aceitar as precárias condições impostas pelas potências da Europa Central ratificadas no tratado de Brest-Litovsk assinado a 3 de Março de 1918 e a independência das suas nações halogéneas.¹⁹⁸ Consequentemente, no início de 1918 a Rússia Comunista não era um actor importante nas relações internacionais. O poder Bolchevique entronado depois da Revolução de Outubro de 1917 não controlava mais do que uma pequena parte do território do antigo Império Russo e os seus meios eram poucos para a situação vivida no país, que também se espelhava no Cáucaso, onde os seus povos mais representativos – Russos, Azeris, Georgianos e Arménios – se “subdividiam em três grupos: Monárquicos, que beneficiando do apoio dos Cossacos

196 Cf. Gilbert, Martin, *op.cit.*, Publicações Dom Quixote, 2009. Lisboa. p.21.

197 Cf. Pipes, Richard, *The Russian Revolution*, Random House LLC, Nova Iorque, 2011. pp.235-239.

198 Cf. Faure, Justine, e, Prost, Yannick, *Relations Internationales – Histoire, Questions Régionales et Grands Enjeux*, Optimum, Paris, 2004. P.11.



lutavam pela restauração da Monarquia; Socialistas Revolucionários, que apesar de defenderem alguns conceitos democráticos eram intransigentes na independência total face à Rússia; Bolcheviques, leais ao regime instalado por Lenine em Moscovo.”¹⁹⁹

O facto da Alemanha ter adquirido a Ucrânia e a Crimeia na sequência do Tratado Brest-Litovsk, aproximava-a cada vez mais dos tão desejados campos petrolíferos de Baku, facto que começava a causar muita preocupação entre os Aliados.²⁰⁰ Principalmente entre os Britânicos cuja maior preocupação na região se prendia com o facto de a chegada dos Alemães a Baku poder significar o colapso do poder Russo no Cáucaso, que a registar-se, poderia abrir importantes lacunas sem precedentes na defesa da Índia Britânica.²⁰¹

Assim, em 1918, a *Royal Navy* de Inglaterra, estabeleceu o a sua presença militar nos portos das cidades de *Krasnovodsk*²⁰² e de Baku, no Mar Cáspio, em auxílio das forças anti-Bolcheviques com o principal objectivo de evitar o acesso dos Alemães ao petróleo, no caso de Baku, e de proteger a estratégica linha férrea que desde *Krasnovodsk* permitia exportar material de guerra para o interior da Ásia Central, isto apesar da oposição dos trabalhadores ferroviários da cidade face aos Bolcheviques.²⁰³ Outro dos objectivos dos ingleses era o controlo do Alto Carabaque, uma região nevrálgica também disputada por Arménios, Azeris e Turcos Otomanos.²⁰⁴ Foi assim que nesta altura o General Britânico Lionel Dunsterville sintetizava a específica situação geopolítica do Cáucaso:

“(...) There is the local situation, the all-Persia situation, the Jangali situation, the Persian-Russian situation, the Turkish-advance-on-Tabriz situation, the question of liquidating Russian debts, the Baku situation, the South Caucasus situation, the North Caucasus situation, The Bolshevik situation and the Russian situation as a whole. And each of these subdivides into smaller and acuter situations for there is no real Caucasian or even North or

199 Cf. Artigo de Guard, John, *The Royal Navy in the Caspian Sea 1918-1920*.

Disponível em: <http://www.gwpda.org/naval/caspian.htm> [Consultado no dia 23 de Junho de 2014 às 23:00]

200 Também os turcos tinham apostado em controlar a zona chegando mesmo a retirar tropas das frentes de guerra segundo orientações de Enver Pasha para as colocar na zona do Mar Cáspio, facto que gerou grande desagrado por parte dos Alemães. De salientar que as tropas Otomanas eram bem-vindas pelas populações islâmicas do Cáucaso e da Ásia Central. Vide; Guard John, *op.cit.*

201 Cf. Guard, John, *op.cit.*

202 Actualmente esta cidade do Turquemenistão é conhecida por Turkmenbachi, o seu nome em língua turcomena.

203 Cf. Guard, John, *op.cit.*

204 A situação relacionada com o Alto Carabaque será posteriormente estudada nesta dissertação.



*South Caucasian point of view, there is no unity of thought or action, nothing but mutual jealousy and mistrust. Thus the Georgians of Tiflis regard the problem from a Georgian point of view and play only for their own hand; the Armenians and the Tartars in the south, and the Terek and Kuban Cossacks and the Daghestanis in the north, do the same.*²⁰⁵

A antiga frota Imperial, agora sobre controlo Bolchevique estava estacionada no porto da cidade de Astracã, apenas a 100 quilómetros do Mar Cáspio via Volga, no entanto o General William Thomson, sucessor de Lionel Dunsterville no comandando da *Noperforce*, retirou deixando a cidade de Baku sob domínio de Bolcheviques Arménios e Russos que eram efectivamente quem controlava os poços de petróleo e as refinarias.²⁰⁶

Porém isto não significou que os Bolcheviques pudessem livremente decidir o futuro da região, aliás, os dois primeiros anos dos Bolcheviques no poder foram uma verdadeira luta pela sobrevivência durante os quais tiveram de enfrentar em grande parte do seu território uma oposição socialista revolucionária e anarquista, que recusava uma ditadura que considerava cada vez mais intolerante, bem como uma contra-revolução por parte do Movimento Branco, cujo seu braço militar, o Exército Branco, contava com o apoio dos aliados, que aproveitaram a necessidade de abrir uma segunda frente de guerra contra os alemães para apoiar os contra-revolucionários contra uma Rússia que acusavam de recusar pagar as dividas externas além de desejar exportar a Revolução Socialista ao mundo capitalista.

Cada vez mais cercados pelo Exército Branco, o Admiral Kolchak vinha desde a Sibéria, o General Denikin de sudeste, e o General Kranov a sul, os Bolcheviques temeram certamente o pior quando a Aliança Franco-Britânica desembarcou em Arcangel, em Março de 1918, e em Murmansk, em Agosto, mesmo mês em que as tropas Japonesas ocuparam a cidade de Vladivostok, no que perfazia um total de cerca de 180.000 soldados Aliados estacionados em

205 Cf. Dunsterville, Lionel Charles, *The Adventures of Dunsterforce*, E. Arnold, 1920. *apud* Waal, Thomas de, *The Caucasus: An Introduction*, Oxford University Press, Oxford, 2010. pp.3-4.

Vide; *The Diaries of General Lionel Dunsterville 1911-1922*;

Disponível em: http://www.gwpda.org/Dunsterville/Dunsterville_1918.html [Consultado no dia 22 de Junho de 2014 às 14:00]

206 “Na sequência da pouco honrosa retirada de Baku que custou o comando militar ao General Dunsterville, a *Royal Navy* de Inglaterra passou apenas a deter na região uma pequena frota militar – *Noperforce* – constituída por navios mercantes convertidos nos portos de Enzeli e Krasnovodsk em navios de guerra improvisados equipados com velhas armas de calibre 4.7.” in Marshall, Alex, *op.cit.*, p.101.



território Russo no final de 1918. Todavia a captura e posterior fuzilamento do Admiral Kolchak em Novembro de 1920, além de um descrédito crescente que o Ocidente tinha pela Armada Branca, levou a que os Aliados tenham retirado militarmente da região.²⁰⁷

207 Cf. Faure, Justine, e, Prost, Yannick, *op.cit.*, p.21.



CAPITULO TERCEIRO

CONQUISTA E SOVIETIZAÇÃO DO CÁUCASO

*As the beginning of the 20th century, the concept of independent sovereign nation-state was not yet deeply rooted in society. The national question had indeed been raised, but “nation” as a reference point denoting the first step toward a desired political and territorial order was by no means uncontested in the sociocultural landscape of the Caucasus.*²⁰⁸

1. A Criação da Transcaucásia Soviética

A técnica do “dividir para reinar” utilizada pelo Império Russo no Cáucaso fortaleceu as identidades étnicas criando divisões económicas e sociais que resultaram nos primeiros confrontos violentos em 1905 e 1906. Os diferentes povos que constituíam o Império Russo mostravam cada vez mais sinais de uma forte desunião nos anos que precederam a I Guerra Mundial e talvez por isso o Czar tivesse acreditado que a partilha da mesma guerra contra ao mesmo inimigo pudesse mitigar de alguma forma o descontentamento social comum face à pobreza, à desigualdade, bem como às condições desumanas de trabalho.

Em vez disso a I Guerra Mundial além de exacerbar as relações cada vez mais tensas entre os vários grupos étnicos da região, em situações como o genocídio dos Arménios cometido pelos Otomanos em 1915 durante a Guerra Russo-Otomana, revelou-se uma catástrofe devido às inúmeras sucessivas derrotas militares que vitimaram inúmeros soldados, e a uma inflação que destruiu a economia do país forçando à capitulação do Império Russo.²⁰⁹

208 Cf. Zurcher, Christoph, *The Post-Soviet Wars - Rebellion, Ethnic Conflict and Nationhood in the Caucasus*, New York University Press, Nova Iorque, 2007. p.20.

209 Cf. Jespersen, Sasha, *Ethnicity, Nationalism and Conflict in the South Caucasus. Nagorno-Karabakh and the Legacy of Soviet Nationalities Policy*, *Europe-Asia Studies*, 2013. 65:1, pp.160-162.



Em Março de 1917, os Comunistas herdaram, após a Revolução Bolchevique, um Estado criado pela expansão Czarista, durante quase quatro séculos, mergulhado numa profunda instabilidade e onde deflagravam violentas guerras civis causadas pelas várias emancipações nacionalistas principalmente no Cáucaso onde os eventos críticos durante a guerra civil levaram a que a pequena cidade de Tsaritsyn no Volga tivesse sido nomeada Estalinegrado em 1925.²¹⁰

No Cáucaso, um dos grandes epicentros da Revolução Russa de 1917, fora de Moscovo e São Petersburgo, foi onde decorreram confrontos mais violentos na guerra civil que se seguiu entre os povos nativos e o poder soviético, apesar dos combates travados em redor de Petrogrado e contra os Kolchak na Sibéria. Desta região são originários José Estaline, Sergo Ordzhonikidze, Anastas Mikoyan, Said Gabiev e Sergei Kirov, o que faz do Cáucaso o local de uma verdadeira revolução Bolchevique onde estes líderes Soviéticos apesar dos seus instintos autoritários, foram em muitos casos obrigados a adaptarem-se às pressões locais e ceder a coligações e divisões de estruturas administrativas com facções nacionalistas locais de forma a acalmar os conflitos internos.²¹¹

O Centro Regional de Sovietes em Tiflis, dominado pelos Mencheviques Georgianos, era a maior autoridade central na Transcaucásia. Após os Bolcheviques liderados por Lenine terem tomado o poder na Rússia expulsando a ala moderada do governo, no dia 7 de Novembro de 1917, o Conselho Regional condenou o golpe de estado Bolchevique e continuou a exercer a sua influência na Transcaucásia. A opinião dos nacionalistas Georgianos era que, sendo uma pequena nação, os seus interesses estariam mais assegurados pelo internacionalismo, ou mais especificamente, através da participação numa federação democrática multinacional formada no quadro do Império Russo.²¹²

Realizaram-se eleições para a Assembleia Constituinte ao longo do Império Russo em Dezembro de 1917 nas quais o *Dashnaktsoutium* obteve 20% dos votos da Transcaucásia,

210 Cf. Marshall, Alex, *op.cit.*, 2010. pp.51-52.

211 Este período turbulento desencadeou alguma confusão no seio dos vários grupos étnicos que se deparam com vários desafios: “Na revolução de 1917 a carta de um jovem tártaro de Kazan que se interrogava sobre a prioridade do combate a travar: tártaros contra russos? Ou Islão contra igreja ortodoxa? Ou, ainda, operário social-democrata contra a burguesia? Mulher contra a autoridade dos imãs? Luta social, luta nacional, luta feminista, ora interferiam, expressão dos diferentes rostos da sua identidade, ora se autonomizavam, ora se conjugavam”. in Ferro, Marc, *O Ressentimento na História*, Teorema, Lisboa, 2008. pp.6-7.

212 “Em Dezembro os Bolcheviques nomearam um arménio, Stepan Shahoumian, como Comissário Extraordinário para a Transcaucásia, com ordens de tomar o poder, o que naquela altura se revelou impossível” in Matossian, Mary Kilbourne, *The Impact of Soviet Policies in Armenia*, E.J.Brill, Leiden – Holanda, 1962. p.25.



incluindo a maior parte dos votos Arménios obtendo os Bolcheviques apenas 4,3% do total dos votos.

A Assembleia reuniu em Moscovo no dia 5 de Janeiro de 1918 mas seria dissolvida no dia seguinte pelos Bolcheviques. Os delegados da Transcaucásia regressaram a casa onde convictos da traição de que tinham sido vítimas por parte dos Bolcheviques organizaram o *Seim* Transcaucásico, um corpo legislativo autónomo, que contava entre os seus membros com 29 georgianos, 44 muçulmanos, e 21 arménios, e paradoxalmente a todas as diferenças étnicas os Mencheviques Georgianos, os Musavates Azeris e os Dasnaques Arménios proclamaram no dia 22 de Abril a unificação das três nações numa entidade a que deram o nome de Federação da Transcaucásia – *Zakavskaya Federativnaia Respublika* – que visava uma união administrativa capaz de ultrapassar todas as suas diferenças étnicas com o objectivo comum de prevenir a anarquia e os problemas internos, e de defender o território entre os Mares Negro e Cáspio do avanço dos Exércitos Turco e Alemão.²¹³

A Federação da Transcaucásia durou apenas apenas cinco semanas, e a causa da dissolução da entidade no dia 26 de Maio de 1918 está ligada com enormes lutas e crispações internas bem como pressões externas e também à Guerra com a Turquia, mas marcou o surgimento de três estados independentes no Cáucaso. A Geórgia proclamou a sua independência e colocou-se sob protecção Alemã no dia 26 de Março, e dois dias depois a Arménia e o Azerbaijão proclamariam ambos as suas independências sendo que a República Democrática do Azerbaijão (1918-1920) se converteu na primeira República do mundo Muçulmano reconhecida de facto pela Liga das Nações.²¹⁴

O Tratado de Batumi assinado no dia 4 de Julho de 1918 entre o Império Otomano e a Arménia, Azerbaijão e a Geórgia apesar de concederem a independência a estas três últimas nações marcou o início de grandes disputas territoriais na região que fomentou uma explosão de velhos e recalcados ódios inter-étnicos. O massacre dos Arménios no Império Otomano radicalizou o nacionalismo Arménio levando o governo Dasnaque em Erevã, tendo perdido o seu território histórico, após o desrespeito dos Turcos face ao Tratado de Sèvres, a

213 Apesar da forma de governo escolhida para o Cáucaso em 1917 ter sido a recém-nascida visão federalista da Transcaucásia, convém salientar que durante o período de revolução foram várias as visões políticas concorrentes que emergiram acerca do futuro político da região, desde grupos orientados para a *sharia* como o *Millikomitet* do Dagestão, até grupos orientados para uma visão mais pan-islamista como o movimento ossétio Kerman.

214 Cf. Matossian, Mary Kilbourne, *op.cit.*, p.25.



tentar expandir o território do recém-independente Estado da Arménia à custa do território dos Estados seus vizinhos no Cáucaso, facto que levou às guerras da Arménia com a Geórgia, em 1918, e com o Azerbaijão, de quem acusavam de ter acedido a cooperar com os Turcos no Cáucaso do Sul, em 1920.²¹⁵

As relações entre o Azerbaijão e a Geórgia permaneceram estáveis mas as ambições territoriais da Arménia bem como a falta de cooperação entre os três Estados foram factores que facilitaram a intervenção Soviética impulsionada pela revolução mundial almejada por Lenine desde o Congresso de Viena conduzindo a uma rápida ocupação dos três países, um por um. Quanto aos georgianos, partilharam também deste mesmo destino, e nem a existência de um Tratado de Paz assinado em 1920 com a Rússia nem mesmo do Partido Socialista da Geórgia, embora este fosse tremendamente nacionalista, salvou o país da ocupação Soviética em 1921.

A proclamação da Arménia como República Soviética coincidiu com o Tratado de Alexandropol, que precedeu o Tratado de Moscovo²¹⁶, assinado no dia 1 de Março de 1921, entre o Império Otomano e a Arménia, já soviética, após a conversão de Sergo Ordzhonikidze a Moscovo trocando a amnistia política dos Dasnaques em troca da resignação do governo de Erevã, infligiu vastas perdas territoriais à Arménia negando o tratado de Sévres, e, deu início às disputas de fronteiras entre estes dois países.²¹⁷ Estes dois Tratados atestam a convergência de interesses geoestratégicos entre a Turquia Otomana e a Rússia na região. A Rússia Socialista, já “unificada” pela coligação entre os Bolcheviques e os seus adversários Mencheviques e também com os Socialistas Revolucionários, fundados na revolução de fevereiro de 1918, deixou de apoiar as ambições territoriais da Arménia na

215 “O Tratado de Sèvres, assinado entre os Aliados e o Império Otomano no dia 10 de outubro de 1920, concedeu novas fronteiras à Arménia que permitiam o acesso do país ao Mar Negro através da anexação das províncias Otomanas – *vilayets* – de Van, Bitlis, Erzerum e Trebizonda. Mas Mustafa Kemal Atatürk mostrou-se irredutível em perder as quatro províncias e agiu militarmente contra os Dasnaques para alterar essa decisão” *in* Marshall, Alex, *op cit.*, pp.141-142.

216 O Tratado de Moscovo implicou a perda das províncias de Kars, Bitlis, Trebizonda e Erzerum tornando a Arménia num pequeno estado, que além de estar privado do Monte Ararat seu principal símbolo de identidade nacional não tinha acesso ao mar; Vide: Marshall, Alex, *op cit.*, p.143.

217 “Os conflitos armados entre a Arménia e a Turquia causaram inúmeras baixas militares e civis na Arménia deixando o país quase sem exército levando a que o governo Dasnaque em Erevã tentasse negociar a todo o custo a sobrevivência nacional através de um cessar-fogo com os turcos ao mesmo tempo que deslizava para a esfera soviética através da iniciativa de, dar assistência secreta ao avanço de um *revkom* arménio pro-Bolchevique” *in* Marshall, Alex, *idem*.



Turquia em troca do reconhecimento do domínio Soviético do Cáucaso por parte da Turquia.²¹⁸

A Transcaucásia foi conquistada pelo Exército Vermelho apenas em 1920, após mais de um ano de manobras militares nas montanhas do Cáucaso. A conquista militar Soviética das três nações recém-independentes da Transcaucásia foi facilitada no entanto pelas cisões que as separavam, principalmente no Azerbaijão onde os Soviéticos encontraram muito pouca resistência em função da maior parte do exército do país estar mobilizado no Alto Carabaque onde deflagrava uma revolta arménia.

Os três Estados da Transcaucásia desde que adquiriram a independência em 1918 lutaram para a criação de burocracias efectivas, legitimidade interna, bem como exércitos capazes. No entanto todos estes esforços foram suplantados pelo poderio militar Soviético ao qual o Azerbaijão foi o primeiro dos três países da Transcaucásia a ceder. Em 1920 a Arménia, que dos três países era o que detinha o exército mais forte, foi anexada pelo 11º Exército Vermelho muito em parte devido a debater-se com difíceis situações políticas e económicas a nível interno.²¹⁹ A fragilidade que o país revelava em virtude das várias frentes de guerra contra os seus vizinhos levou a que a Arménia não resistisse à invasão Soviética, evitando um banho de sangue como o que se passou no Cáucaso do Norte, principalmente na batalha de *Gotsinski* no Dagestão.²²⁰

De salientar que embora a anexação da Arménia e do Azerbaijão tenha ocorrido devido a uma conjugação de factores relacionada com a falência de ambos os estados e a política bolchevique de abrir as suas fileiras aos seus anteriores opositores políticos, o mesmo não se pode dizer quanto à anexação da Geórgia Menchevique cujo regime era olhado de forma hedionda quer por Ordzhonikidze, quer por Kirov e Estaline que insistiam na necessidade premente de uma Sovietização imediata do país, devido a este, apesar da sua neutralidade,

218 A coligação foi acertada ao serem acordadas questões como o final da Guerra que passou a ser considerada um acto imperialista bem como a resolução imediata das questões relacionada com a terra de acordo com o programa do partido que consistia em distribuir as terras pelos camponeses.

219 O tesouro do Estado da Arménia apresentava, entre Setembro de 1918 e Janeiro de 1920, um défice orçamental de 270 milhões de rublos de acordo com a imprensa escrita. O país debatia-se também com enorme taxa de inflação que impôs uma grande subida de preços principalmente nos bens alimentares sendo que um quilo de carne subiu de 300 para 1700 rublos entre Maio e Novembro de 1920.

220 Existem relatórios da *intelligensia* do Exército Vermelho segundo os quais a Geórgia financiava a actuação de insurgentes revolucionários em território Soviético na Arménia e no Azerbaijão.



ter alegadamente financiado a custosa batalha de *Gotsinskii* no Dagestão.²²¹ Mesmo assim e apesar das forças vermelhas terem continuado em estado de prontidão no vizinho Azerbaijão, foram as cisões no seio do governo Georgiano, onde existiam Mencheviques que não se opunham totalmente à Sovietização do país, que fizeram com que fosse assinado um Tratado de Paz em Março de 1921 que concedia aos Mencheviques uma amnistia política, permitindo aos Soviéticos a anexação do último bastião sob influência Aliada na região.²²²

A anexação da Geórgia foi o culminar da vitória militar do Bolchevismo que guiado pela dialética marxista, e após a morte de 2 milhões de pessoas devido à fome e actividade militar, começava a trilhar um inevitável caminho desde o feudalismo para o Socialismo e posteriormente para o comunismo, que impunha um trabalho de campo de transformação social, económica, cultural e administrativa.

2. A Construção de uma Ordem Socialista no Cáucaso

Moscovo impôs que as três nações da Transcaucásia, convertidas em Repúblicas Soviéticas autónomas até Março de 1922, fossem posteriormente aglomeradas numa união de repúblicas, nove meses depois convertida numa só República, cuja estrutura constitucional estatua que as três nações continuassem a ser estruturalmente independentes embora num quadro federativo, a que os Soviéticos conferiram o nome de RSS Transcaucasiana.

A construção do poder Soviético e a imposição do Comunismo no Cáucaso foi muito influenciada pelo facto dos Soviéticos terem tido a oportunidade de perceber, durante a guerra civil, as contingências locais no que concerne aos factores moral, social, psicológico e cultural, optando por tomar decisões difíceis como a abolição dos comités revolucionários – *revkoms*²²³ – que apesar da inegável importância que tiveram para a conquista Soviética do

221 Existia um antagonismo mútuo acentuado por políticas diversas, como a repressão dos comunistas georgianos em Maio de 1920 data do tratado entre a Geórgia e a RSFSR – República Socialista Federativa Soviética Russa – em que os Mencheviques acederam legalizar a actividade política dos Bolcheviques na Geórgia, e ao desprezo Bolchevique face à neutralidade da Geórgia que alegadamente terá financiado a batalha de *Gotsinskii*. Os Soviéticos culpavam a Geórgia de dar refúgio a potenciais insurgentes anti-Soviéticos conforme disse Sergo Ordzhonikidze num congresso em Baku 21 Janeiro 1921 “if you want to find any kind of counter-revolutionary force – Caucasian, Russian, or foreign – go to Tbilisi” in Marshall. Alex, *op.cit.*, p.144.

222 Cf. Marshall, Alex, *op.cit.*, pp.144-146.

223 Apesar do nome – *comités révolutionnaires* – remonta à Revolução Francesa, os *Revkoms* foram criados na clandestinidade e liderados por Bolcheviques com funções em anteriores governos provisórios e em



Cáucaso foram acusados de defender interesses da burguesia e de seguir uma política pouco firme incapaz de reprimir a instabilidade e o banditismo prejudicando ainda mais o trabalho do Exército Vermelho.²²⁴

Depois da supressão dos partidos nacionalistas bem como dos *revkoms* no Cáucaso, abolidos, em 1920 no Azerbaijão e em 1921 na Arménia e na Geórgia, foram feitas aos três países promessas no sentido de um maior poder de negociação de tratados bem como maior preponderância em termos comerciais e económicos e também de uma sólida defesa contra inimigos externos comuns, em função da sua união na mesma entidade política. José Estaline, encarregue das questões das nacionalidades para com os povos não-russos, desde 1922, tentou assim ultrapassar os interesses nacionais convergentes que juntamente com a guerra com a Turquia tinham sido a causa do insucesso da então chamada Federação Transcaucasiana – *zakavskaya federativnaia respublika* – que não tinha durado sequer um ano quando eclodiu em 1918.

O processo de imposição do poder Bolchevique no Cáucaso depressa se cingiu a modelar e definir a política de nacionalidade Soviética principalmente a partir do momento em que José Estaline foi nomeado comissário para o Norte do Cáucaso, e posteriormente para o vitalmente estratégico Comissariado das Nacionalidades onde instituiu dois tipos de autonomia dentro do novo estado Soviético: a autonomia administrativa como aquela de que gozavam por exemplo a minoria Alemã na região do Volga, e a autonomia política de que gozava o povo Basquire.²²⁵

Foi em 1922 quando encarregado de desenhar as fronteiras das quatro repúblicas constituintes da União, entre elas a RSS Transcaucasiana, que José Estaline seguiu mais uma vez a lógica do “dividir para reinar”, separando e dividindo as populações locais, na tentativa de facilitar o controlo das repúblicas periféricas desde Moscovo. O primeiro passo dado por

administrações Soviéticas temporárias em territórios já controlados, ou ainda não, pelo Exército Vermelho durante a Guerra Civil Russa. A sua forma de operar foi herdada dos Comitês Revolucionários Militares da Revolução Russa de 1917 e a sua acção consistia em organizar acções de resistência e de insurgência requerendo depois a ajuda do Exército Vermelho, como no caso do *Revkom* do Azerbaijão que conquistou o poder em Baku pedindo depois o auxílio de Moscovo frente às tropas inglesas.

224 Cf. Marshall, Alex, *op.cit.* p.137.

225 Os bolcheviques foram forçados a vários compromissos o primeiro dos quais foi a criação de distritos nacionais autónomos, com a primeira experiência de federalismo a ocorrer em março de 1918 com a criação da República do Bascortostão.



Moscovo na Transcaucásia foi a “despromoção” das chamadas RSSA a OA que passaram a deter um menor controlo sobre os seus governos locais.²²⁶

Estaline tinha tanta confiança no sucesso da RSS Transcaucasiana ao ponto de considerar a solução federativa administrativamente autónoma adoptada na Transcaucásia como um projecto piloto a adoptar futuramente com outros povos em outras regiões do antigo Império Russo. Porém, embora a “união forçada” das três nações da Transcaucásia visasse a não-exacerbação das cisões inter-étnicas, a política de criação de repúblicas nacionais sob a liderança de Lenine mostrou alguma falta de conhecimento no que concerne à realidade histórica da região e dos seus povos bem como às suas disputas territoriais não resolvidas.

Na década de 1920 os povos nativos constituíam a maioria na maior parte das regiões não-russas do império, e embora tivessem muito poucas semelhanças entre si quer em termos culturais, religiosos e principalmente linguísticos, Lenine conseguiu explorar a única coisa que todos estes povos tinham de comum entre si, que era o ódio face ao Império Russo. Com o objectivo de ganhar o apoio das nacionalidades alógenas à causa da revolução, à causa do proletariado socialista, Lenine aplicou-lhes uma política análoga à que os bolcheviques aplicaram aos camponeses russos: pretendia-se satisfazer a sua fome de terra com a palavra de ordem de tomada de posse directa dos domínios aristocráticos e ligá-los assim à bandeira da revolução e do governo proletário, condenando sempre o “grande chauvinismo russo” que dominou as populações não russas durante a vigência do Império Russo.²²⁷ Porém, defensores da “independência nacional” e do separatismo os países do Báltico, a Finlândia, a Ucrânia, a Polónia e as nações do Cáucaso utilizaram as concessões políticas como o direito à autodeterminação, e económicas, como a Nova Política Económica (NPE) anunciada em 1921, para se aliaram como inimigos da Revolução Russa.²²⁸

Porém, sempre com a convicção de que não são as nações que praticam esta política mas sim as classes burguesas e pequeno-burguesas que em oposição às massas proletárias transformaram o direito à autodeterminação em instrumento político de classe contra-revolucionária, Lenine manteve a aposta num Partido Comunista internacionalista e

226 A estrutura federal Soviética incluía 15 Repúblicas, 20 Repúblicas autónomas, 8 *Oblasts* Autónomos (regiões) e 10 *Okrugs* Autónomos (áreas) designadas como *homelands* de grupos étnicos pré-definidos. Das 100 identidades nacionais reconhecidas apenas 53 asseguraram *homelands*.

227 Cf. Geukjian, Ohannes, *Ethnicity, Nationalism and Conflict in the South Caucasus: Nagorno-Karabakh and the Legacy of Soviet Nationalities Policy*, Ashgate Publishing, Ltd., 2011. p.81.

228 Cf. Luxemburgo, Rosa, *A Revolução Russa*, Cadernos Ulmeiro nº2, 1975. pp.34-35.



centralizado, onde não havia lugar para sentimentos burgueses e nacionalistas. Daí o facto da introdução em 1932 das nacionalidades étnica e territorial – *natsional'nost*²²⁹ – como categorias culturais básicas, passando por isso a ser reconhecidas em passaportes internos bem como em outros documentos pessoais. Esta medida revelou-se algo contraditória com o pensamento de Vladimir Lenine que até à sua morte se tinha oposto ao estabelecimento do federalismo etno-territorial.

Todavia, após a morte de Vladimir Lenine, os ideólogos Bolcheviques passaram a considerar o federalismo etno-territorial e a legalização da nacionalidade pessoal como um meio eficaz de reconstruir uma autoridade danificada e de ganhar lealdade política nas fronteiras étnicas da Rússia através da sua divisão num número de jurisdições nacionais separadas de acordo com os vários grupos étnicos nacionais. Esta política fez com que as repúblicas Soviéticas tivessem sido dos primeiros lugares do mundo a conter fronteiras dentro de fronteiras, onde diferentes minorias étnicas passaram a poder estabelecer as suas leis locais embora não deixassem de estar unidas ao resto do país, devendo por isso em primeiro lugar obedecer às leis deste.

Além do reforço das identidades nacionais fomentado pela inclusão das suas línguas e culturas nacionais através do federalismo etno-territorial, a NPE foi também fundamental para que os Soviéticos pudessem conquistar a confiança dos camponeses e incutir-lhes a lógica de poder Soviética. Ao classificar os cereais como um imposto em género – *prodalog* – mesmo aligeirando algumas restrições ao comércio privado, incentivando a venda do excesso de grão em vez de este ser confiscado pelo estado que também colocou um travão nas requisições forçadas de alimentos e algodão, permitiu assegurar o aumento dos rendimentos das colheitas de cereais para alimentar as cidades e as fábricas além de ultrapassar o descontentamento contra os Comunistas no seio da classe agrícola, onde se inseriam a maior parte dos cidadãos não russos.²³⁰

229 A nacionalidade étnica era transmitida geracionalmente e não dependia do lugar de nascimento ou de residência.

230 A NPE facilitou o aumento dos rendimentos das colheitas, porém acabou por produzir graves desequilíbrios na economia, como por exemplo o chamada crise da tesoura de 1923, quando a subida dos preços nos produtos de fábrica conduziu a uma grande acumulação de *stocks* de cereais pelos camponeses nos meios rurais. Em outubro de 1923 os preços industriais eram três vezes mais altos relativamente aos produtos rurais, tal como se tinha verificado antes da I Guerra Mundial; Vide, Marshal, Alex, *op.cit.*



No que concerne à classe da *intelligentsia* burguesa nas Repúblicas Soviéticas, Lenine optou por uma política de conquista, assimilação e principalmente de reeducação, daí que as políticas Soviéticas para com os intelectuais não-russos se tenham caracterizado até por um considerável grau de tolerância e liberdade, talvez ainda devido a algumas reminiscências dos *ispoklkoms*²³¹ criados durante o governo provisório.²³²

3. Korenizatsiya vs Russificação

A falta de relações capitalistas exigida pelo marxismo foi intencionalmente substituída pela criação de identidades nacionais deliberadamente fomentadas – *natsional’noi gosudarstvennosti* – criando um conceito que visava erradicar a velha ordem feudo-patriarcal que seria substituída pela nova estrutura económica e de relacionamentos.

A *Korenizatsiya*, que deriva da palavra russa *koren* que significa raiz, ao contrário da Russificação forçada dos povos verificada durante o Czarismo, foi aplicada pelos Soviéticos sob liderança de Lenine e consistiu numa política de indigenização ou nativização que contemplava a substituição das elites tradicionais através da promoção de novas elites, constituídas por comissários vermelhos nacionais provenientes das minorias étnicas, a postos baixos da subdivisão administrativa do estado quer nos governos locais e administração quer na *nomenklatura*. Tratavam-se de medidas que visavam harmonizar as relações entre o regime e a população e assegurar a unificação política dos diferentes povos da URSS num estado multi-étnico através do desenvolvimento do conceito de “consciência de classe” por parte das nacionalidades no Cáucaso, além de tentar atrair um número cada vez maior de trabalhadores locais para trabalhar para o Partido.

A implementação da *Korenizatsiya* implicou a introdução de idiomas locais na educação, nas publicações e na cultura e principalmente no governo e no Partido Comunista local que embora estando completamente subordinado a Moscovo não deixava de impor que os russos que trabalhassem para os governos locais aprendessem a língua local, que era a

231 Entre as primeiras medidas do governo provisório estiveram a criação dos amplos comités executivos públicos ou cívicos – *ispoklkoms* – que eram corpos chefiados por representantes civis da sociedade intelectual, e por elites encorajadas pelo crescimento de um activismo vibrante.

232 O Partido Comunista optou por não formular nenhuma política que passasse pelo controlo total da literatura universitária, embora certos membros do Partido estivessem encarregados de censurar certas publicações universitárias.



usada nos assuntos oficiais, fazendo assim com que os povos não-russos passassem a identificar as elites mandantes Comunistas com a sua etnia nativa em vez de as associar a uma elite política russa como no tempo do Czarismo.

Com a aplicação da *Korenizatsiya* os Soviéticos pretendiam a integração dos vários povos da URSS no novo sistema político comunista de construção do estado sem ter de os forçar a perder a sua identidade nacional através de um processo de russificação. Porém, a longo prazo, este facto acabou por gerar críticas das minorias étnicas face ao tratamento preferencial dos grupos minoritários por parte das políticas Soviéticas.

Além de criar no Cáucaso um estado multinacional, Lenine conseguiu ainda a lealdade dos povos ao regime, principalmente dos grupos étnicos minoritários, devido a estes associarem o seu desenvolvimento económico e sociocultural ao progresso da própria URSS e à união da classe proletária de todas as nacionalidades numa luta de classes entre proletariado e burguesia eminente em todas as nações.

Contrariamente às ambições de José Estaline a RSS Transcaucasiana caiu em 1936 tornando-se as três nações em Repúblicas separadas na estrutura federal da URSS. O falhanço do modelo federativo na Transcaucásia deveu-se às diferenças etno-religiosas bem como a percepções difusas e concorrenciais das diferentes nacionalidades acerca do seu espaço de soberania numa frágil estrutura política imposta por Moscovo que não correspondia de todo à geografia étnica da Transcaucásia. Porém, José Estaline, Secretário-geral do Comité Central do Partido desde 1922 associou a queda da entidade federativa da Transcaucásia aos crescentes nacionalismos territoriais e étnicos motivados pela *Korenizatsiya* imposta por Lenine, justificando desta forma uma mudança de visão na política das nacionalidades Soviética, que vinha a operar desde a sua nomeação como líder da URSS após a morte de Lenine em 1924, passando a considerar o legado da *Korenizatsiya* de Lenine que prometia resolver a questão nacional e prevenir a discriminação entre as nacionalidades da URSS como como passível de conduzir as elites étnicas a “desvios nacionalistas”.



4. O Impacto da Sovietização na Transcaucásia

Embora os Soviéticos tenham recebido uma herança de rancor e rebelião no Cáucaso as políticas de construção do estado soviético concederam inicialmente um espaço social para o *nation-building*, e embora numa primeira fase tivessem sido constitucionalmente consagrados às Repúblicas direitos como o direito de secessão da URSS, autoridade para controlar e coordenar a produção nacional e administração do território estabelecer relações com Estados estrangeiros, e também apesar de cada uma das Repúblicas ter o seu próprio partido, Soviete Supremo, Conselho de Ministros, Constituição, e até a sua própria bandeira, hino e capital, a verdade é que um sistema de controlo centralizado foi brutalmente imposto na Transcaucásia através de métodos violentos justificados pelo seio de uma elite Bolchevique embebida numa absoluta crença ideológica que não se cingia apenas a um discurso usado para a luta pelo poder.²³³

O foco na colonização Czarista da Transcaucásia é necessário para que se possa compreender a Sovietização da região, dado que as fronteiras das *Guberniia* e dos *Oblast*, respectivamente subdivisões territoriais e administrativas do Império Russo, foram quase todas mantidas durante o período Soviético, com grande repercussão no que concerne ao legado político, económico, social, cultural e principalmente demográfico, visto que o colapso do Império Russo trouxe à tona todas as tensões étnicas que vinham em crescendo no interior das suas fronteiras.²³⁴

Embora seguindo inicialmente uma linha leninista que reconhecia as realidades locais, procedendo por isso às mudanças sistémicas de uma forma cautelosa através de acções de persuasão e de propaganda política entre a população local. O poder Soviético modelou povos, paisagens e lugares do Cáucaso incutindo na região uma lógica ideológica de Estado centrada em Moscovo mas que visava ser o elo de um povo soviético de várias nacionalidades e origens étnicas. Os Comunistas consolidaram a sua posição política e estabeleceram novas instituições económicas e sociais que possibilitaram uma rápida

233 Cf. Marshal, Alex, *op.cit*, p.80.

234 De salientar também que questões administrativas relacionadas com o uso da terra eram já prementes na Transcaucásia Czarista, e embora as raízes da região que assentam numa economia local datem apenas da segunda metade do século XVII, houve questões essencialmente não resolvidas até ao colapso do Czarismo em 1917.



transformação a nível social e cultural à medida que a industrialização e a colectivização da agricultura foram sendo implementadas de forma forçada na Transcaucásia.

Embora a industrialização fosse o maior objectivo dos Bolcheviques, durante os anos 1920 a URSS permanecia um país predominantemente agrário subdesenvolvido e atrasado em muitas das suas regiões, principalmente na Transcaucásia. Por isso, numa primeira fase ainda nos anos 1920 os Soviéticos concederam muitos subsídios de forma a patrocinar a recuperação da região muito afectada pela guerra e que necessitava de obras de reconstrução em inúmeras pontes e estradas. Este facto ao mesmo tempo permitiu evitar rebeliões e revoltas nas áreas rurais que passavam por graves crises de fome, vividas mais acentuadamente em 1922 e 1924. Devido à exigência de uma política mais agressiva de Sovietização na Arménia e na Geórgia por parte de Sergo Ordzhonikidze e Sergei Kirov, representante diplomático em Tíflis, foram nesta altura foram também concedidos às Repúblicas da Transcaucásia vários carregamentos de sementes, bem como de tractores e ferramentas agrícolas a até assistência financeira em ouro para ressuscitar a indústria do milho na Ossétia do Norte.²³⁵

Apesar de os líderes Soviéticos terem interagido directamente com toda uma nova geração de actores políticos do Cáucaso, alguns Muçulmanos, em 1920 a linha decisora Moscovo não tinha um profundo conhecimento da história da Transcaucásia, como certamente também não teria em relação à história de outras repúblicas, sabendo no entanto que se tratava de uma região muito heterogénea e que incluía culturas nacionais e religiosas muito distintas. Moscovo tentou compreender a sensibilidade da região onde pensou que a aplicação da política de etno-federalismo seria um factor chave para assegurar a sua influência e controlo na mesma, no entanto as divisões territoriais através da criação de Repúblicas e Regiões autónomas não foram feitas da melhor forma acabando os Soviéticos por abrir feridas insanáveis no plano inter-étnico.

Foram recorrentes os desentendimentos entre os vários grupos étnicos da Transcaucásia, principalmente entre Azeris e Arménios devido à integração na RSS do Azerbaijão de territórios reivindicados pela Arménia, como o Naquichevão, o Alto Carabaque e o Zangechur, elevados a RSSA em 1924. A reivindicação Arménia destes territórios,

²³⁵ Durante este período foram reconstruídas pontes e reparadas estradas ao mesmo tempo que foram construídas escolas para condutores de tractores e de comboios agrícolas, bem como instalada uma rede de telefones.



principalmente do Alto Carabaque, levou a uma acção conjunta entre a República do Azerbaijão e as autoridades de Moscovo que resultou em que muitas aldeias Arménias fossem abandonadas de forma a diminuir o peso dos Arménios, na população do enclave que estes habitaram até à ocupação Otomana em 1918, que desceu cerca de 18,5% entre 1923 e 1987.²³⁶ Paralelamente, a intervenção dos Soviéticos na Geórgia, dividindo cirurgicamente o seu território com a criação da RSSA da Ajária, do OA da Ossétia do Sul, bem como da RSSA da Abecásia, que em 1930 viu o seu estatuto relegado para OA, criou também fortes raízes para uma futura explosão de ódios étnicos.²³⁷

Englobadas na RSS Transcaucasiana até 1936, as três nações da Transcaucásia sofreram as consequências da liderança de Estaline, que a partir do final dos anos 1920, e embora ele próprio tivesse estado preso num *gulag* da Sibéria até á revolução de Marco de 1917, pôs em prática políticas de deportação para campos de trabalhos forçados de pessoas suspeitas de se opor ao regime soviético, numa tentativa de exterminar os movimentos liberais e a opinião pública que devido à fome e pobreza continuava ainda a assumir-se nos meios rurais da Transcaucásia desde a Guerra Civil Russa e que, conforme o próprio Estaline tinha considerado em 1918, não passava de “burgueses proprietários de terras e membros de partidos de direita que estimulavam o ódio nacional e a discórdia entre as massas na Arménia, na Geórgia e no Azerbaijão”.²³⁸

O terror vivido na década de 1930 na URSS foi apelidado como uma necessidade selvagem da construção do Socialismo que não se cingia apenas a uma questão de manipulação imperial mas sim a uma tentativa de criação de um Estado novo, moderno e multinacional que promovia o conceito da união da classe proletária entre diferentes nações, forçando povos muito diferentes a nível cultural e étnico, a acreditar que pertenciam ao mesmo povo Soviético, o *homo sovieticus*.

A construção do povo Soviético almejada por Estaline implicou quebrar as tradições étnicas de séculos dos vários povos impondo aos povos sob o seu domínio um mapa mental

236 Entre 1923 e 1987 muitas cidades e aldeias arménias foram abandonadas descendo o número de arménios no Alto Carabaque de 94,4% em 1921 para 75,9% em 1979.

237 “Os conflitos étnicos internos na Geórgia verificavam-se já desde o início da URSS mas foram passando algo despercebidos devido à instabilidade das forças armadas entre 1920 e 1921. Por exemplo em Maio de 1920 uma revolta na Ossétia do Sul levou à intervenção do exército georgiano e também da guarda nacional causando muita destruição e mais de 5000 vítimas ossetas e 20000 refugiados que fugiram através das montanhas para território Soviético.” in Alex Marshall, *op.cit.*, 2010. p.145.

238 Cf. Geukjian, Ohannes, *op.cit.*, p.86.



concebido de acordo com a ideologia comunista. Esta “missão civilizadora” dos Soviéticos implicou banir a literatura de autores populares além de passar a controlar o trabalho de artistas e músicos, bem como livrar a URSS de qualquer intelectual, anti-comunista, bem como de líderes religiosos, que Estaline não apreciava particularmente talvez por sido expulso aquando acusado de difusão de políticas revolucionárias do seminário que frequentou durante a sua juventude.²³⁹

Apesar de terem começado ainda durante a *Korenizatsiya*, as purgas dos quadros das Repúblicas Soviéticas acentuaram-se muito na primeira metade da década de 1920 atingindo o seu auge entre 1927 e 1928. O terror sistematizado que eram as purgas instigadas por Estaline tinha como alvo as elites étnicas nacionais que embora tendo sido inicialmente membros do Partido Bolchevique aparentavam ter alguns “desvios nacionalistas” que obstaculizavam o desenvolvimento económico e o anti-nacionalismo mas principalmente a colectivização forçada que foi anunciada no dia 27 de Dezembro de 1929.

A implementação forçada da colectivização da agricultura implicou uma rápida industrialização com consequências notórias a nível social e cultural na Transcaucásia principalmente nas regiões rurais. Embora nunca olhando ao género, nacionalidade ou etnicidade, a hierarquia social das províncias Soviéticas estabelecida desde a era de Lenine identificava três classes de camponeses, os *bedniaks*, os *seredniaks* e a classe mais rica composta pelos agricultores industriais, os *kulaks*, que eram o principal obstáculo à colectivização da agricultura almejada por Estaline.²⁴⁰

Os líderes nacionais além de se oporem às purgas, consideradas uma violação da política de nativização dos quadros nacionais nas repúblicas defendida pela *Korenizatsiya*, revelaram-se completamente contra a política de colectivização forçada alegando a necessidade de proteger as terras agrícolas dos seus povos. Isso não foi porém suficiente para evitar que a máquina de propaganda Soviética, categorizando-os de acordo com as suas posses, evidenciadas pelo número de *batraks* – mão-de-obra – que empregavam, fizesse dos *kulaks* os maiores inimigos da consciência nacional do Estado Soviético e conseqüentemente as primeiras vítimas aquando da chegada do terror Estalinista às aldeias.

239 Cf. Stuermer, Michael, *Putin e o Despertar da Rússia*, p.154.

240 De salientar que cerca de 10 a 12% da população de Cossacos, antigos grandes aliados do Império Russo, foram incluídos nos *batrak* (mão-de-obra contratada) ou *bedniak* na nova estratificação económica Soviética de 1927.



As políticas de colectivização conduziram a um declínio acentuado nas taxas de produção que se repercutiu essencialmente no aumento da fome em toda a URSS, motivando rebeliões em várias partes do território, como no Cazaquistão, na Ucrânia e também na Transcaucásia onde em 1930, Arménios e Azeris uniram esforços contra os colectivizadores que acabaram por liquidar os manifestantes revoltosos.²⁴¹

Como em toda a URSS, as políticas de nacionalidade levadas a cabo pelos Soviéticos na Transcaucásia foram sofrendo algumas mudanças entre 1920 e a morte de Estaline em 1956, variando entre a liberalização das nacionalidades promovida na época de Lenine, e a supressão das culturas nacionais através das campanhas de terror fomentadas por Estaline principalmente em 1944 cuja lógica de Estado e o terror imposto passou por várias deportações e transferências de comunidades étnicas inteiras com o objectivo de destruir as elites tradicionais que ainda restavam na Transcaucásia.

A partir de 1956 entrou-se na chamada Nova Era em que Khrushchev protagonizou uma abordagem inicialmente liberal, depois convertida numa abordagem mista durante a presidência de Brezhnev, embora sempre com o objectivo de criar uma identidade Soviética que desvanecesse os ímpetus nacionalistas das nações não-russas.

Durante este período foram encetadas várias políticas com o objectivo de alterar tendencialmente a demografia das Repúblicas da Transcaucásia como a deportação massiva de cidadãos Russos para outras Repúblicas Soviéticas, medida que tinha tido muito sucesso por exemplo nos países Bálticos e principalmente no Cazaquistão.²⁴² Porém este tipo de política acabou por não ter muito sucesso no Cáucaso já que tanto na Geórgia e na Arménia, mas principalmente no Azerbaijão, as taxas de natalidade Russas eram indubitavelmente mais baixas do que as dos muçulmanos azeris.

No entanto há que realçar que também se verificou um desenvolvimento a nível social nunca antes visto na região, patrocinado pelas muitas políticas Soviéticas que impulsionaram a educação, a alfabetização, bem como a participação política feminina, através da secção feminina *zhenotdel* do Partido Comunista que lutava para a emancipação e para o acesso à educação das mulheres principalmente no Azerbaijão e na Ásia Central e Cáucaso do

241 Cf. Geukjian, Ohannes, *op.cit.* p.88.

242 Estas políticas tiveram muito sucesso nos países Bálticos, e principalmente no Cazaquistão onde cerca de 40% da população era constituída por Russos em 1988.



Norte.²⁴³ Ao contrário da luta pela emancipação das mulheres²⁴⁴, que não suscitou grande interesse nas populações locais, há que realçar porém que as campanhas relacionadas com a eliminação do analfabetismo foram muito bem-sucedidas no Cáucaso e em toda a URSS sendo que os relatórios Soviéticos apontam para que no final de 1930 mais de 60 milhões de pessoas tenham acedido ao patamar da alfabetização.²⁴⁵

As crueis políticas de Estaline, apesar de terem criado uma disjunção étnica, política e territorial talvez irreversível no Cáucaso tinham logrado esconder as graves feridas abertas pelos Soviéticos no mapa étnico da Transcaucásia, que as políticas de nacionalidades se encarregaram de fortalecer. As identidades nacionais na Transcaucásia ganharam um novo ímpeto proporcionado pelo binómio etnicidade e administração do território, que acabou por aumentar as divisões tribais e regionais fomentadas pelo estabelecimento de hierarquias étnicas dentro da *nomenklatura* Soviética que acabavam inevitavelmente por beneficiar ou por prejudicar determinadas nacionalidades, principalmente se estas estivessem em minoria.

Esta situação foi bastante notória na área da educação, cujo acesso era transversal, mas onde ao abrigo das políticas de nacionalidade étnica, certas nacionalidades maioritárias acabaram por discriminar as minorias que viviam nos seus territórios gerando no seio destas algum descontentamento para com as nacionalidades dominantes a quem acusavam de limitar-lhes o acesso à educação superior e até ao emprego. Como exemplo podem citar-se as políticas fortemente nacionalistas implementadas pela República Soviética do Azerbaijão com o objectivo de minimizar a influência arménia no Alto Carabaque, banindo a língua, a história e a literatura arménias do ensino escolar.

Até pelo impacto que a NPE teve na Transcaucásia, garantindo aos povos a oportunidade de regressar ao seu estilo de vida tão oprimido durante a colonização do Império Russo, melhorando até as suas condições materiais; podem analisar-se as políticas Soviéticas no

243 “No I Congresso de Baku em 1920 três mulheres de nacionalidades Dagestanesa, Azeri e Turca foram eleitas para o comité presidencial numa acção de promoção do espírito da emancipação das mulheres no leste” in Kabachnik, Peter, *The Caucasus under Soviet Rule*, Central Asia Survey, pp.104-104.

244 A luta pela emancipação das mulheres no Cáucaso não foi fácil, muito em parte, devido ao desinteresse geral das populações, mas também devido à falta de quadros femininos treinados e habilitados para levar a cabo acções de propaganda nos meios rurais; Vide: Marshall, Alex, *op.cit.*, pp.198-200.

245 “Por volta de 1924 existiam já no Cáucaso 2373 centros destinados a eliminar o analfabetismo – *likpunkty* – que recrutavam pessoas nos distritos e por volta de 1928 o número destas instituições aumentou bastante” in Marshall, Alex, *op.cit.*, 2010. p.199.



Cáucaso como uma tentativa de modernização, tanto física como cultural. Porém nem mesmo as políticas Soviéticas conseguiram homogeneizar as três nações da Transcaucásia que continuavam separadas pelas suas muito fortes identidades nacionais, culturais e religiosas, e por isso envolvendo-se em conflitos inter-étnicos mais ou menos frequentes face aos quais a posição dos Soviéticos, por razões estratégicas, foi sempre bastante volátil.

Numa região que transitava de um sistema socio-económico industrial para um sistema socio-económico moderno registaram-se fenómenos sociais únicos que ditaram que as ordens feudais ancestrais do Cáucaso perdessem os seus privilégios, embora continuassem a coexistir no mesmo sistema político. Facto que juntamente com os privilégios que os Soviéticos concediam a Georgianos e principalmente a Arménios, povos que consideravam “culturalmente avançados” e por isso colocados na mesma categoria que os Russos, Ucrânios, Alemães e Judeus, em virtude da sua tradição literária e cultural ancestral, acabou de alguma forma por criar uma clivagem entre estes, e os Azeris e outros povos do norte do Cáucaso, com “traços de selvajaria”.²⁴⁶

Porém, no que concerne aos conflitos no seio das Repúblicas, Moscovo optou maioritariamente por seguir uma política que visava a mobilização das populações locais através das suas elites nacionais cujos diferentes objectivos étnicos forçaram os Soviéticos a vários câmbios políticos na região. A título de exemplo, o facto de Moscovo ter acedido a cooperar com a República do Azerbaijão na repressão dos Arménios no Alto Carabaque, embora na época de Estaline ter sido levada a cabo uma forte acção anti-islâmica que resultou no encerramento de mesquitas bem como em purgas e execuções sumárias no seio da população Azeri.²⁴⁷

5. A Diversidade Étnica e o Fracasso das Políticas de Integração

As três Repúblicas da Transcaucásia (Arménia, Geórgia e Azerbaijão), apesar de terem uma dimensão pequena quer em termos de dimensão geográfica quer populacional, há que salientar a realidade demográfica do Cáucaso cuja população se divide em doze diferentes

246 Cf. Marshall, Alex, *op.cit.*, 2010. p.35.

247 Cf. Jespersen, Sasha, *Ethnicity, Nationalism and Conflict in the South Caucasus. Nagorno-Karabakh and the Legacy of Soviet Nationalities Policy*, *Europe-Asia Studies*, 2013. 65:1, p.162.



nações e em que cada uma delas conta uma população de pelo menos meio milhão até sete milhões, sem contar com cerca de quarenta minorias étnicas também ali presentes.²⁴⁸

Com efeito, já em 1918, num dos seus artigos no jornal *Pravda*, Estaline constatava que a Transcaucásia, entre todas as regiões que compunham a Rússia, era aquela onde se verificava uma maior riqueza e variedade na sua composição étnica, e onde nenhum desses grupos étnicos possuía fronteiras territoriais nitidamente determinadas, vivendo por isso misturados e confundidos entre si, não só nas cidades como no campo. Estaline sustentava que este facto era potencialmente gerador de imensas cisões e lutas entre si, que apenas eram ofuscadas pela luta comum que travavam contra o poder central da Rússia.²⁴⁹

O comunismo é um factor ambíguo que desencadeia duas ordens de consequências: divisão e unificação. Por um lado associa povos muito diferentes, separados pelo seu passado, pela sua cultura, pelas suas origens étnicas. Mas por outro acaba por sobrepor-se a essa divisão, uma construção unitária e uma política comum, em que as diferentes culturas deveriam ser essencialmente transformadas de acordo com o projecto socialista do Partido Comunista para a sociedade Soviética como um todo, que Lenine considerava, a longo prazo vir a constituir um factor de união que pudesse eliminar o nacionalismo.²⁵⁰

Existem duas grandes estratégias que um Estado pode aplicar no sentido de evitar os conflitos étnicos no seio do seu território, a estratégia da confrontação, e a da acomodação.²⁵¹ O governo central da URSS apostou nas duas estratégias, em áreas como a política e principalmente a cultura, embora em diferentes fases.

Sendo um Estado que juntava vários povos e nações, onde mais de 20 milhões de pessoas viviam como minorias étnicas em Repúblicas dominadas por uma etnia diferente, particularmente nas Repúblicas mais pequenas em que os povos autóctones eram largamente ultrapassados em número pelos residentes de etnia russa.²⁵² Numa primeira fase os Soviéticos optaram pela política da *Korenizatsiya*, ou indigenização, de forma a alicerçar o

248 Cf. Arutiunov, Sergei, *Ethnicity and Conflict in the Caucasus, in Ethnic Conflict and Russian Intervention in the Caucasus*, University of California: Institute on Global Conflict and Cooperation, 1995.

249 Cf. Estaline, J., *Os Contra-Revolucionários da Transcaucásia Sob a Máscara do Socialismo*, in *Obras – 4º vol.*, Editorial Vitória, 1954 – traduzida da edição italiana da *Obras Completas de Estaline* publicada pelas Edizioni Rinascita, Roma, 1949.

250 Vide Hirsch, Francine, *Empire of Nations: Ethnographic Knowledge and the Making of the Soviet Union*, Cornell University Press, Ithaca, 2005.

251 Cf. Ter-Gabrielian, Gevorg, *op cit.* p.80.

252 Cf. Simon, G., *Nationsbildung und Revolution von Oben: Zur Neuen Sowjetischen Nationalitätenpolitik der Dreissiger Jahre*, *Geschichte und Gesellschaft*, 1991, p.46, *Apud Overy, Richard, op cit.*, p.605.



seu poder e legitimidade suavizando o impacto dos efeitos do que seria uma sovietação a longo prazo, com o propósito de criar um estilo de vida comum entre os países da esfera de influência Soviética.²⁵³

Com a implementação da *Korenizatsiya* o regime Soviético pretendia melhorar o relacionamento entre a administração Soviética e a população local tentando fazer com que as políticas Soviéticas pudessem ter alguma repercussão nas massas não-russas. No fundo esta política pretendia reverter parcialmente muitas décadas de "russificação", durante o período imperial, em que a identidade russa se impunha através da força às culturas indígenas.

Durante este período foram construídas unidades predominantemente administrativas a nível regional, e, criadas nações socialistas, para as quais eram recrutados autóctones para ocupar os cargos de liderança. E após algumas hesitações iniciais, as línguas locais passaram também a ser permitidas nas instituições administrativas locais, na educação, publicação, cultura, governo e Partido Comunista, ao ponto dos russos que trabalhavam nos governos locais serem forçados a aprender as línguas locais.²⁵⁴

Com efeito, neste período a principal prioridade dos dirigentes Soviéticos, era a integração de todos os povos no sentido de criar-se uma união nacional em torno da recentemente formada URSS, facto que também poderia revelar-se bastante importante no sentido de evitar a formação de movimentos políticos baseados na etnicidade.²⁵⁵ No entanto as políticas da *Korenizatsiya* revelaram-se incapazes de resolver os problemas nacionais devido a ter-se começado a verificar um desenvolvimento socio-cultural desigual e

253 Em certos casos, a sovietação foi também acompanhada por uma recolonização forçada em que as várias categorias de "inimigos de classe" eram estrategicamente colocados em campos de trabalho forçados - *Gulags* ou *osadniks*.

254 Depois da Revolução Russa de 1917, as autoridades da URSS decidiram erradicar o uso do alfabeto árabe nas Línguas turcomanas e persa dos territórios sob controle soviético na Ásia Central, no Cáucaso e na região do Volga. Isto foi feito com a intenção de isolar as populações locais do contacto com a língua e o sistema de escrita do Alcorão. Todavia a política mudaria com Lenine a assumir que parte da URSS deveria ter o direito de separar-se para formar Estados independentes. No entanto Lenine dizia que o direito que as nações tinham em separar-se da Rússia, e os benefícios dessa separação, deveriam ser decididos em última instância pelo proletariado. in Bennigsen, A. e Quelquejay, C., *Islam in the Soviet Union*, Pale Mall Press, Londres, p.67.

Disponível em: http://www.witness-pioneer.org/vil/Books/SH_CA/chapter_5.htm [Consultado dia 1 de Maio de 2010 às 17:00].

255 Vide Gotlieb, Gidon, *Nation Against State – A New Approach to Ethnic Conflicts and the Decline of Sovereignty*, Council on Foreign Relations Press, Nova Iorque, 1993.



contraditório entre os russos e os povos não-russos, e entre os nacionais das repúblicas titulares e os das RSSA.

A consciência por parte de Estaline da relação entre a *Korenizatsiya* e a exacerbação do nacionalismo conduziu a uma nova fase política a partir de 1930. Quando no XVI Congresso do Partido Comunista, Estaline afirmou que após a construção do Socialismo ter feito renascer as culturas nacionais, o próximo passo seria a sua fusão numa cultura internacional, com uma língua comum. Em 1934, no XVI Congresso dava-se a base material para a construção de uma sociedade socialista como terminada e bem-sucedida, e em 1936 seria aprovada a Constituição que declarava a URSS oficialmente uma sociedade socialista, da qual faziam parte onze Repúblicas Socialistas.

Neste sentido, a *Korenizatsiya* começava ao revelar-se uma política tolerante com a diversidade, e começava a ir contra um dos maiores objectivos a longo prazo do Estado Soviético, que era a criação de um único "povo soviético", o que exigiria sempre uma política consistente de "russificação forçada".²⁵⁶ Os líderes do partido central e os comunistas locais chegaram a um acordo que contemplava os objectivos integracionistas dos primeiros com as aspirações de afirmação étnica dos segundos. Deste acordo saíam reforçados os objectivos máximos dos líderes do partido central, a *sblizhenie – rapprochement* de várias nacionalidades e culturas nacionais – e mais tarde a *sliianie* – sua fusão em uma eventual nacionalidade quando a sociedade sem nação e sem classes fosse criada.

Apesar de o objectivo teoricamente não ser o de destruir as identidades nacionais, mas sim encoraja-las a cooperar sob um chapéu soviético, iniciou-se um processo de russificação, que consequentemente fez com que a política da *Korenizatsiya* passasse a ter cada vez menos peso tornando por isso cada vez mais difícil a preservação de várias tradições nacionais, como os rituais islâmicos de pagamentos do *kalym* – preço da noiva – muito comum no Cáucaso do Norte, bem como a "ordem" dos clãs nas administrações Soviéticas locais.²⁵⁷

A política da *Korenizatsiya* desapareceu rapidamente da imprensa oficial depois de 1935 à medida a que as línguas locais começavam a ser substituídas pelo russo, numa espécie de novo patriotismo soviético, que numa tentativa de lutar pela pátria Soviética, ambicionava

256 Na Transcaucásia, tanto professores como políticos "investiam" no bilinguismo no sentido de evitar a todo o custo a supressão dos idiomas locais.

257 Cf. Marshall, Alex, *op.cit.* p.199.



uma legítima assimilação gradual das minorias étnicas.²⁵⁸ Também nesta altura as elites nacionais começaram a ser substituídas massivamente por russos, alegadamente porque o governo central “suspeitava” que estas fossem agentes infiltrados interessados em fomentar os conflitos nacionais que visavam o desmembramento da URSS e a restauração do capitalismo.²⁵⁹

A substituição da velha estrutura do Império Russo por uma estrutura hierárquica federal, baseada num princípio nacional – o comunismo – consistiu na materialização das táticas Bolcheviques que visavam neutralizar as aspirações nacionalistas dos povos que constituíam a URSS.

No entanto, o processo de acomodação da diversidade étnica acabou por não ser gerido da melhor forma, facto que levou à eclosão de um conflito insanável entre a consolidação étnica, e uma eventual aculturação e assimilação.²⁶⁰

Mesmo dissimulada pela *Korenizatsiya*, os Soviéticos apostaram na assimilação como forma de integração étnica, mas apesar de numa fase inicial ter ajudado o governo central a exercer a sua influência sobre as minorias étnicas em todo o país, esta acabou por não revelar-se eficaz, a partir do momento em que as populações começaram a sentir que a sua cultura²⁶¹ – elemento a partir do qual se cria e consolida uma consciência étnica, quer através, da história, da mitologia, e do idioma – poderia estar em perigo.²⁶²

O sentimento de apreensão das pequenas nacionalidades de que a sua identidade nacional pudesse perder-se num futuro próximo²⁶³, repercutiu-se na aspiração a uma

258 “O nacionalismo russo do período pré-revolução bolchevique também foi reabilitado, com muitos dos heróis da história russa a serem glorificados. O povo russo tornou-se numa espécie “irmão mais velho” da família “socialista das nações”. O imperialismo russo pode ter oprimido outras nações, no entanto estas deveriam sentir-se gratas devido ao facto de terem sido os russos a principal força por trás de socialismo, a forma de sucesso de toda a humanidade.” in Vihavainen, Timo, *Nationalism and Internationalism – How did the Bolsheviks Cope with National Sentiments?*, Chulos & Pirainen, 2000. p.85.

259 Cf. Vihavainen, Timo, *op cit.*, p.84.

260 “A assimilação é um dos modelos de integração étnica, que significa que as minorias étnicas abandonam os seus usos e costumes, passando a pautar o seu comportamento pelos valores e normas da maioria.” in Giddens, Anthony, *Sociologia*, Fundação Calouste Gulbenkian, 4ª Edição Revista e Actualizada, Lisboa, 2004. p.258.

261 Vide Hutchinson, John, *The Dynamics of Cultural Nationalism*, Allen and Unwin, Londres, 1987.

262 “A assimilação exige que as minorias mudem a sua linguagem, forma de vestir, estilo de vida e a sua cultura como parte do processo de integração na nova ordem social deveria ser socialista. in Giddens, Anthony”, *op cit.*, p.258.

263 Em 1938, o russo tornou-se matéria de estudo obrigatório em todas as escolas não-russas da URSS. Facto que foi justificado com o estado de guerra iminente e com a necessidade de familiarizar a população não-russa com a linguagem de comando do Exército Vermelho. Com a mesma justificação, em 1939, foi imposto o



melhoria no estatuto Soviético das nacionalidades²⁶⁴, não deixando, no entanto de renovar os sentimentos nacionalistas em muitas partes da URSS. Sentimentos nacionalistas que também se começaram a verificar na própria comunidade russa que começava a considerar a ideologia Soviética e o próprio processo de colectivização como uma espécie de lavagem cerebral que apenas visava amputar o povo russo das suas fundações centenárias.²⁶⁵ Começava a ganhar forma um ímpeto nacionalista que os Soviéticos dificilmente conseguiriam conter num futuro não muito distante.

6. O Crescimento do Nacionalismo e a Mudança Política da URSS no Cáucaso

O objectivo prioritário de Moscovo era o de apresentar uma frente política unida fiel para com a ideologia da classe operária para a qual o nacionalismo político não passava de uma ideologia burguesa e por isso alheia ao novo sistema soviético. Daí a política de *nation-building* adoptada pelos Bolcheviques logo na década de 1920 consistir de alguma forma na subversão do conceito do direito dos povos à auto-determinação sendo que as políticas de etno-federalismo não foram mais do que um mero instrumento de sovietação que visava esvaziar o nacionalismo da vida social dos povos colonizados, embora legalizando-o.

Não foi fácil para o Partido Bolchevique assegurar uma base de apoio popular no Cáucaso em termos Marxistas, isto porque as diversas culturas da região continuaram subjugadas a características feudais ancestrais, e apenas os centros urbanos como Baku, Vladikavkaz, Grozny e Stavropol começavam a afirmar-se como bastiões vermelhos rodeados por um mar de camponeses-tribais. Foram as políticas de Lenine, principalmente a NPE, que ao melhoraram as condições sociais nos meios agrícolas, e a política das nacionalidades, ao assegurar aos povos a sua liberdade de desenvolvimento nacional, permitiram a consolidação da lei Soviética na Transcaucásia no principio da década de 1920.

A necessidade que Estaline em reforçar o seu poder dentro do Partido, após ter sido nomeado em Abril de 1922 para o recém-criado posto de Secretário-geral, logo após a morte

alfabeto cirílico na maioria das línguas não-russas, incluindo as línguas da Ásia Central que, já no final de 1920 tinham sido obrigadas a usar o alfabeto latino para substituir o árabe.

264 Ver Schlesinger, Rudolf, *The Nationalities Problem and Soviet Administration*, Routledge, Londres, 2002. (1ª Edição; Routledge & Kegan Paul Ltd, Londres, 1956)

265 Cf. Oushakine, Serguei Alexandr, "*Somatic Nationalism: Theorizing Post-Soviet Ethnicity in Russia*", in Bradatan, Costica, *In Marx's Shadow: Knowledge, Power, and Intellectuals in Eastern Europe and Russia*, Lexington Books, 2010, pp.159.



de Lenine, fez com que este tivesse atribuído a si mesmo a função de suprimir o faccionismo e os “desvios ideológicos” do Partido. Porém, durante o seu caminho de ascensão ao poder absoluto, Estaline acabou por cometer claras violações da política Leninista, principalmente quando decidiu abandonar a NPE e também a política das nacionalidades, dando início a inúmeras políticas de opressão, anexação, deportações, bem como perseguições selectivas das elites nacionais não russas fora do partido.²⁶⁶

A maior marca deste período foi o facto do desenvolvimento nacional e cultural dos povos não russos ter sido de alguma forma impedido ao mesmo tempo que as políticas de russificação se intensificavam. Na década de 1930 políticas foram trazidos milhares de russos para as Repúblicas de forma a preencher os lugares, no governo, polícia, educação e indústria, dos cidadãos não-russos deportados. Apesar da doutrina Soviética continuar a culpar o Czarismo pela opressão a que eram votados os povos não-russos, o facto era que o terror imposto por Estaline visava principalmente os povos não-russos que ele próprio considerou como tropas inseguras e pouco fiáveis durante a II Guerra Mundial.

Entre 1940 e 1950 o Partido traçou uma nova linha no que concerne à política das nacionalidades que visava travar os cada vez mais evidentes sintomas de crescimento dos nacionalismos nos povos de nacionalidades não-russa, mas também no seio dos russos, facto que Estaline aproveitou numa primeira fase para popularizar a doutrina da amizade no seio do Partido onde os russos representavam não mais do que um irmão mais velho que apenas tentava dar uma liderança aos povos não russos.

O crescimento do nacionalismo na Transcaucásia levou a que as políticas de repressão atingissem um nível nunca visto onde quem se desviasse da linha do Partido era imediatamente acusado de desvio nacionalista ou de nacionalismo burguês e condenado à morte ou à deportação.²⁶⁷ Até mesmo a glorificação ou a celebração de datas ou de heróis nacionais bem como lendas ou histórias antigas relacionadas com identidades nacionais passaram a ser banidas e censuradas por poderem ter algum tipo de impacto na memória colectiva dos povos.

266 Cf. Marshall, Alex, *op.cit.*, p.149.

267 Os membros do Partido e da intelligentsia local das Repúblicas da Transcaucásia tentava variadas vezes aligeirar as políticas de Moscovo relacionadas com as fronteiras políticas impostas a nível cultural e até económico mas essas tentativas eram não respondidas por Moscovo.



Mesmo na época de Lenine o *nation-building* sempre foi algo utópico, já que as Repúblicas Soviéticas sempre foram obrigatoriamente governadas pelo Partido Comunista, além de estarem unidos na égide de uma estrutura federal. Mesmo assim, Moscovo optou por aumentar gradualmente o controlo ideológico acusando as lideranças das Repúblicas de ter tirado vantagens da descentralização económica de forma a promover os seus interesses locais face aos da URSS. Como consequência, após o 21º Congresso em 1959, já sob liderança de Nikita Khrushchev, a URSS voltou a endurecer as suas políticas contra o nacionalismo e a religião, considerados os maiores resquícios do capitalismo. Esta campanha contra o nacionalismo levou a purgas nas lideranças das Repúblicas do Azerbaijão, e da Letónia, por se terem oposto a incorporar nas suas legislações nacionais as disposições da nova lei da educação.²⁶⁸

Como oposição ao nacionalismo, Moscovo promoveu diversas alterações à política Soviética das nacionalidades, principalmente no 22º Congresso, em Outubro de 1961, onde Khrushchev continuou a encorajar o desenvolvimento das línguas nacionais sendo que estas não deveriam nunca reforçar as barreiras entre os povos mas juntar ainda mais as nações. Moscovo passou a impulsionar um câmbio contínuo de quadros entre diferentes nações bem como o aumento da empregabilidade de trabalhadores de diferentes nacionalidades em Repúblicas diferentes da sua nacionalidade. Porém o abandono definitivo da abordagem dos anos 1930 substituída por uma “construção total do Comunismo” através da construção de uma completa unidade – *polnoe edinstvo*. – da classe da classe proletária Soviética – *sovetskii narod* – sem quaisquer diferenças de nacionalidade gerou uma reacção entre os povos não russos contra a homogeneização na URSS principalmente através de campanhas para a defesa da língua e da cultura em países como a Arménia, Geórgia, Bielorrússia e Ucrânia.

A doutrina do povo soviético que tinha como objectivo a legitimação do etno-federalismo Soviético foi seguida até ao fim da governação de Chernenko, que durou ainda menos que a de Andropov devido ao seu falecimento em Março de 1985. A substituição de Chernenko por Gorbachov, um líder reformista, deu início a uma abordagem mais aberta sendo que as políticas contraditórias defendidas pela velha linha dura de Moscovo, que variavam entre a liberalização e a supressão das culturas nacionais ou um misto das duas mais a manutenção

268 Cf. Marshall, Alex, *op.cit.* p.92.



**Instituto Superior
de Ciências Sociais e Políticas**

UNIVERSIDADE DE LISBOA

da estrutura federal da URSS, preservou e intensificou a dissidência nacional que a URSS continuava a suprimir e a silenciar.



CAPITULO QUARTO

A CRISE DO COMUNISMO E O RESSURGIR DO NACIONALISMO

*The resurgent nationalism and the pressures demanding the freedom to pursue one's "own thing" including political liberalization and economic rationality (...) are tendencies operate in an increasingly favourable environment characterized by an overall decline in Soviet influence, effectiveness, and credibility.*²⁶⁹

1. O Estado e a Nação na URSS

A URSS foi um enorme Estado Soviético durante quase um século, facto que lhe permitiu ombrear com os EUA pelo domínio global, mas poderá considerar-se a URSS como tendo sido de facto uma verdadeira Nação?

Embora o nacionalismo seja a ideologia do Estado-nação, a questão do Estado e da nacionalidade na Rússia Imperial sempre foi contraditória, todavia mais tarde o regime bolchevista viu-se confrontado com um paradoxo evidente: Se por um lado enquanto para Marx "os trabalhadores não têm pátria"²⁷⁰, para Lenine a emancipação nacional constituía uma ambição legítima dos povos colonizados na sua luta contra o imperialismo capitalista.²⁷¹

Desde a Revolução Francesa que a ideologia nacional é talvez o único critério de legitimidade para a formação de um Estado independente passível de gerar uma ideia nacionalista que funcione como uma base da sua estrutura de poder centralizada e burocrática que represente o quotidiano de seu próprio. O princípio nacional integra o estado convertendo-o num estado soberano popular estatuidando a consciência da unidade e

269 Cf. Rakowska-Harmstone, Teresa, *Communism in Eastern Europe*, Manchester University Press, Manchester, 1979. p.361.

270 Cf. Avineri, S., *Marxism and Nationalism*, Journal of Contemporary History, Nº26 (1991), pp.630-39. Apud Overy, Richard, *Os Ditadores – A Alemanha de Hitler e a Rússia de Estaline*, Bertrand Editora, Lisboa, 2005., p.604.

271 Cf. Overy, Richard, *op cit*, p.604.



atribuindo os mesmos direitos democráticos para todos os indivíduos que compõem o território físico do Estado e as suas línguas, culturas e tradições.

A URSS era um Estado onde a identidade nacional era difusa, e muito frágil, onde foi imposta pela força uma versão consistente com as prioridades ideológicas e circunstâncias históricas do sistema Soviético. Ou seja, a construção do Estado Soviético assentava em moldes constitucionais onde não era reconhecido às suas componentes classificadas como nacionalidades o direito de enveredar pelo seu próprio percurso político. No entanto, a situação da nacionalidade, dos habitantes da URSS, não deixou de ser confusa. Isto é, em primeiro lugar eram cidadãos de uma das Repúblicas Soviéticas, mas membros de um grupo étnico distinto do dominante, e ainda cidadãos Soviéticos, uma nacionalidade e uma cultura fomentadas por um sistema de ensino protegido pelo estado que visa uma homogeneidade social - *odnorodnost*.

Antes da revolução, a Rússia era um Estado imperial, mas não era uma nação.²⁷² A diferença entre o Estado, enquanto império predominantemente russo, e a ideia de uma nacionalidade e cultura russa distinta encontrava-se representada em termos semânticos pela gradação de significado dos adjectivos *rossiiskii* (Estado, império) e *ruskii* (povo, língua), e em termos políticos pela diferença entre os “ocidentalizantes”, que preferiam a definição “Estado”, e os “eslavófilos”, adeptos de um conceito étnico e cultural de nacionalidade.²⁷³

Segundo a tradição alemã o conceito de Nação corresponde a uma comunidade política, que para José Adelino Maltez constitui um fundamento de todos os movimentos independentistas. Embora todavia persista, entre o Estado e a nação, uma espécie de paradoxo que tanto passa por separatismos centrífugos como por unificações centrípetas.²⁷⁴

272 Cerca de 45% da população do Império Russo, agrupada em torno de um núcleo étnico russo, era constituída por povos não russos, embora muitos dos quais tivessem sido conquistados apenas no decurso do século XIX. Vide por exemplo; Burbank, Jane, Hagen, Mark von, e Remnev, Anatolyi, *Russian Empire: Space, People, Power (1700-1930)*, Indiana University Press, Indiana, 2007.

273 Cf. Overy, Richard, *op cit.*, p.603.

274 Cf. Maltez, José Adelino, *Princípios de Ciência Política – Introdução à Teoria Política*, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa, 1996. pp.399-401.



Esta espécie de paradoxo entre Estado e Nação que José Adelino Maltez relaciona entre outras razões, com o facto de existirem Estados que incluem vários povos e nações²⁷⁵, é francamente notável na URSS, onde a unificação concedida à Nação, pelo comunismo, era ameaçada pelo separatismo “patrocinado” pela existência de 120 grupos étnicos existentes em território soviético.²⁷⁶ Separatismo que após o colapso da URSS, e da união, embora forçada, que esta conferia aos diferentes povos, acabaria por resultar em conflitos étnicos²⁷⁷, entre dois ou mais grupos étnicos, sendo que um deles detém o poder estatal.²⁷⁸

2. A Crise Estrutural do Estado Soviético

Em 1945, a coesão é ainda muito forte: a dissolução do *Komintern*²⁷⁹, decidida em 1943 por Estaline para satisfazer Roosevelt, não afrouxou os laços no interior do bloco. É apenas depois da morte de Estaline, em 1953, a partir do XX Congresso (1956) e da *desestalinização*, que os laços vão distender-se, com a queda do poli centrismo e, sobretudo, com a ruptura entre a URSS e a China.²⁸⁰

A direcção do Partido Comunista da União Soviética, depois de 1956, nunca conseguiu reconstituir a homogeneidade do bloco que Estaline impusera. Desde o XX Congresso (1956) que o Partido Comunista Italiano reivindicava, através do seu secretário-geral, Palmiro Togliatti, o direito de cada partido alcançar o comunismo pela sua própria via: era a tese do

275 “uma das razões porque a relação entre Estado e nação é paradoxal é porque tanto existem Estados que incluem vários povos e nações, como povos repartidos por vários Estados, bem como Estados que procuram construir nações” in Maltez, José Adelino, *op cit.* pp.399-401.

276 Cf. Artigo de Graham, James, *Ethnic Problems in the Soviet Union*

Disponível em: http://www.historyorb.com/russia/ethnic_problems.shtml [Consultado dia 15 de Fevereiro de 2010 às 9:00]

277 Os conflitos étnicos mais violentos são o conflito de secessão, quando um determinado grupo étnico quer separar-se de um Estado, criando o seu próprio Estado no território do primeiro. De irredentismo, em os povos desejam separar-se de um Estado para fazer parte do estado do qual sentem a paternidade e a origem, ou então constituir um próprio estado nacional separado. Ou o conflito de substituição, isto é, quando um grupo étnico, na maioria das vezes maioritário, quer substituir o grupo étnico que detém o poder do Estado. in Ter-Gabrielian, Gevork, *Strategies in Ethnic Conflict*, Center for World Indigenous Studies: Department of Political Science, Bowling Green State University Press, 1999.

Disponível em: <http://cwis.org/fwj/41/ethnic.html> [Consultado dia 19 de Março de 2010 às 9:00]

278 Cf. Ter-Gabrielian, Gevork, *op cit.*

279 Do alemão *Kommunistische Internationale*¹, é a terminologia com que se designa a Terceira Internacional ou Internacional Comunista (1919-1943), a organização internacional fundada por Vladimir Lenine e pelo Partido Comunista, em março de 1919, com o objectivo de reunir os partidos comunistas de diferentes países.

280 Acerca das Divergências entre a URSS e a China, Vide Luthi, Lorenz M., *Cold War in the Communist World – The Sino-Soviet Split*, Princeton University Press, Princeton, 2008.



poli centrismo e da pluralidade dos centros de decisão, contrária à pretensão de Moscovo de decidir por todos o caminho a seguir.²⁸¹ Alguns anos mais tarde a ruptura entre Pequim e Moscovo expunha definitivamente a divisão do mundo comunista, com Mao a acusar os “novos Czares” de perseguirem objectivos imperialistas, e os dois Estados a entrarem em guerra na Indochina por interpostos países (Camboja apoiado pela China, e Vietname pela Rússia).²⁸²

As mudanças operadas na URSS desde a morte de Estaline visavam uma certa tentativa de liberalização. Quando Khrushchev divulgou pela primeira vez os crimes cometidos pelo regime estalinista, bem como o seu culto à personalidade, pensou-se que poderia estar em curso uma mudança no plano ideológico, mas rapidamente se percebeu que isso não era uma realidade após o afastamento de Khrushchev, em 1964. A sua substituição por Leonid Brejnev, um veterano do partido significava o imobilismo, e tornava evidente que a principal preocupação do regime era manter o estado de coisas, salvo em matéria de política externa.²⁸³ No aspecto da política externa, a URSS parecia querer aproveitar o vazio das relações internacionais resultante do recuo dos EUA na sequência da doutrina Nixon.²⁸⁴

A questão do imobilismo soviético voltou a confirmou-se com a sucessão de Brejnev. Tanto Andropov, como posteriormente Chernenko já se encontravam velhos e doentes e apenas prognosticavam o futuro da URSS. À falta de soluções internas, juntava-se ainda a perda gradual do prestígio soviético a nível interno.

Só a chegada de Gorbachov, um homem ainda jovem, à direcção da URSS, parecia abrir um novo compêndio na história Soviética, através da implementação de novas e corajosas políticas quer a nível interno como a nível externo. Contudo, já parecia ser tarde demais para a URSS conseguir conter os movimentos nacionalistas que fomentavam uma cada vez maior cisão a nível interno do bloco socialista.

281 Cf. Bennet, Edward M., *Polycentrism : Growing Dissidence in the Communist Bloc?*, Washington University Press, Washington, 1967, pp.24-31.

282 Cf. Rémond, René, *op cit*, pp.400-403.

283 *Idem, ibidem*

284 Esforço para adaptar a política externa dos EUA às pressões da Guerra do Vietname.

Sobre este assunto vide, por exemplo, Litwak, Robert S., *Détente and the Nixon Doctrine: American Foreign Policy and the Pursuit of Stability – 1969-1976*, Cambridge University Press, 1994.



3. Os Movimentos Nacionalistas e a sua Contribuição para o Colapso Soviético

A parte da Europa submetida desde 1945 ao domínio Soviético foi periodicamente abalada por revoltas. A primeira estalou na Alemanha de Leste, dia 17 de Junho de 1953, em Berlim, com a convocação de uma greve os operários manifestaram-se contra a instauração de novas normas para o cálculo de remuneração do trabalho, ao mesmo tempo que exigiam a realização de eleições livres. Esta manifestação de descontentamento dos trabalhadores da zona Soviética de Berlim era um primeiro sintoma do princípio do fim do totalitarismo dos satélites alemães do Kremlin.²⁸⁵

A situação prolongou-se por dois dias e a instabilidade foi aumentando, segundo os arquivos russos, chegando ao ponto de existir um grande aglomerado popular nas ruas de Berlim, cerca de 2 mil pessoas, atirar pedras à estátua de Estaline apelando à queda do governo da RDA bem como à “morte” dos russos, tendo sido o Exército Vermelho forçado a intervir.²⁸⁶

Nikita Khrushchev tentava encetar, conforme referido na alínea um do presente capítulo, uma certa liberalização na URSS, mas apenas três anos mais tarde, no período que ficaria conhecido por Outono de 1956, seria a vez da Polónia e da Hungria se manifestarem contra o seu alinhamento com Moscovo.

Na Polónia os movimentos populares eram liderados por anti-Soviéticos que pretendiam a consumação de um golpe de Estado no país. Acusavam a URSS de roubar a Polónia, ao comprar carvão a preços reduzidos, ao mesmo tempo que vendiam minério de ferro a preços inflacionados.²⁸⁷ E na Hungria as manifestações, que foram as maiores manifestações anti-Soviéticas durante a guerra fria, prendiam-se com razões fundamentalmente de foro ideológico, com os manifestantes, na sua maioria estudantes, a reivindicar o fim da ocupação Soviética e a implantação de um Socialismo verdadeiro.²⁸⁸

285 Cf. Osterman, Christian F., *Uprising in East Germany 1953: The Cold War, the German Question, and the First Major Upheaval Behind the Iron Curtain*, Central European University Press, Budapeste, 2001. pp.173-174.

286 Cf. Relatório de Sokolovskii, Vasilii, Semyonov, Vladimir e Yudin, Pavel, redigido no dia 24 de Junho de 1953 “sobre os eventos de 17-19 de Julho em Berlim e a RDA, e as conclusões retiradas dessa situação”, in Osterman, Christian F., *op cit*, pp.257-286.

287 Vide Rowinski, Jan, *The Polish October 1956 in World Politics*, The Polish Institute of International Affairs, Varsóvia, 2007

288 Ver Schmidl, Edwin A., e, Ritter, László, *The Hungarian Revolution in 1956*, Osprey Publishing, Nova Iorque, 2006.



O descontentamento popular, brutalmente reprimido pelos Soviéticos, esfriaria pelo menos durante doze anos, até 1968, ano em que a Checoslováquia, numa espécie do que tinha acontecido em 1956 na Hungria, resolveu reivindicar o afastamento do bloco soviético para seguir a sua própria via, através do Partido Comunista Checo.²⁸⁹

A Primavera de Praga foi o primeiro verdadeiro grande sintoma das mudanças que estavam em curso na Europa de Leste, às quais Moscovo dificilmente poderia vir a resistir. Era apenas, como sustentava André Beaufre, em 1974, uma de muitas crises que certamente continuariam a verificar-se na União Soviética.²⁹⁰

*“Donnant la priorité à l’orthodoxie marxiste-léniniste sur le calcul politique, les Soviétiques ont sans doute fait une erreur stratégique, d’autant plus que la crise tchécoslovaque ne constitue que l’un des signes du grand malaise qui se développe dans l’Europe de l’Est. L’évolution est en marche et je ne crois pas que l’on puisse l’arrêter avec des chars. Il y aura donc probablement de nouvelles crises.”*²⁹¹

Com efeito, as crises começaram a ser constantes, o que só demonstrava que o Comunismo não tinha servido como factor unificador do império soviético. A aposta total dos Soviéticos na ideologia marxista-leninista, acabava por revelar-se um enorme erro estratégico, como sublinhava Beaufre. Isto porque, contrariamente à ideologia oficial, o Socialismo não tinha acabado com as desigualdades, mas sim criado outras. Prova de que foi um erro estratégico foi o facto da grande pretensão de Estaline, de que a constituição de um grande conjunto com base no internacionalismo proletário servisse para atenuar e enfraquecer as diferenças nacionais – numa espécie de fórmula de “não há minorias, não há

289 Sobre a origem e os acontecimentos posteriores à Primavera de Praga, vide, por exemplo; Williams, Kieran, *The Prague Spring and its Aftermath – Czechoslovak Politics (1968-1970)*, Press Syndicate of the University of Cambridge, Cambridge, 1997. Kusin, Vladimir V., *The Intellectual Origins of the Prague Spring – The Development of Reformist Ideas in Czechoslovakia*, Cambridge University Press, Cambridge, 1971.

290 Estas “crises” não se limitam apenas a motins anti-Soviéticos, mas também a motins e conflitos de foro étnico, acções de violência local, e violência étnica sobre forma de pogrom, isto é, ataques violentos e massivos a pessoas pertencentes a uma minoria étnica, com a destruição simultânea do seu ambiente (casas, negócios, centros religiosos).

Acerca de incidência de qualquer um destes tipos de acções de violência em massa na URSS, consultar o gráfico “Evolução das Maiores Formas de Violência em Massa na URSS” presente na secção “Anexos” do presente trabalho.

291 Cf. Beaufre, André, *Crises et Guerres*, Presses de la Cité, Paris, 1974. pp.256-257.



problemas”²⁹² – nunca se ter tornado realidade. Aliás, pelo contrário, a oposição, dos povos subjugados pelo domínio dos Soviéticos, à presença destes no seu território, acabou por reavivar ainda mais a consciência nacional dos povos.²⁹³

4. A Política de Repressão Soviética

Os Soviéticos na sequência da Guerra-fria não podiam admitir qualquer enfraquecimento interno, facto que acabou por justificar a entrada em força das tropas Soviéticas nos diversos palcos de manifestações anti-Soviéticas. Daí que mesmo estando a URSS num período de uma certa liberalização sob o comando de Khrushchev – em que a repressão russa já não se podia comparar a uma espécie de holocausto russo organizado pelo Estado Soviético e pelo Partido Comunista em que o extermínio dos judeus nos campos de concentração nazis se podia comparar com as baixas russas sofridas nos campos de trabalhos²⁹⁴ – os Soviéticos não podiam dar-se ao luxo de poder admitir o enfraquecimento da sua tutela sobre os países satélites.

Com efeito, tanto em Berlim Oriental (1953), como em Budapeste (1956), os Soviéticos acabaram por reprimir brutalmente as populações que se manifestavam nas ruas. O caso da repressão às manifestações dos trabalhadores de Berlim Leste é particularmente importante porque foi a primeira vez que um partido que se dizia da classe operária ousou mandar disparar sobre os trabalhadores.²⁹⁵ No caso da revolta Húngara de 1956, as tropas Soviéticas entraram no país esmagando a insurreição popular a pretexto de impedir uma contra-revolução, que segundo János Kádár, Presidente do Conselho de Ministros, e secretário-geral do Partido Comunista Húngaro, “um país socialista não se pode arriscar sequer a sofrer”.²⁹⁶

Também na Polónia, dada a importância da manutenção do país pelos Soviéticos ser considerada de carácter crucial devido à necessidade de assegurar as linhas de comunicação com suas tropas mobilizadas na RDA, supunha-se que a intervenção do Exército Vermelho

292 Cf. Aliev, Yashar T., *The Nagorno-Karabakh Question: UN Reaffirms the Sovereignty and Territorial Integrity of Azerbaijan*, 1998, pp.52-53.

293 Cf. Rémond, René, *op cit*, p.401.

294 Oushakine, Serguei Alexandr, *Somatic Nationalism: Theorizing Post-Soviet Ethnicity in Russia*, in Bradatan, Costica, *In Marx's Shadow: Knowledge, Power, and Intellectuals in Eastern Europe and Russia*, Lexington Books, 2010, pp.159.

295 Cf. Rémond, René, *op cit*, pp.400-401.

296 Cf. Gyorkei, Jenő, e, Horvath, Miklos, *1956: Soviet Military Intervention in Hungary*, Atlantic Research and Publications Inc., Budapeste, 1999, p.104.



pudesse vir a ser de uma brutalidade superior á verificada na Hungria. Todavia as tropas Soviéticas não chegaram sequer a intervir, devido à acção do dirigente comunista polaco Wladyslaw Gomulka, que após ser afastado por Estaline, regressa ao poder reabilitado por Khrushchev, e consegue convencer Moscovo a não intervir militarmente.²⁹⁷

De facto, Khrushchev parecia estar a gerir bem este tipo de situação, tentando amenizar a situação no interior do país com um certo amenizar da censura e da própria repressão política, não atraindo até ao momento as atenções da opinião internacional. Mas a sua substituição por Leonid Brejnev acabou por trazer ao regime uma espécie de estagnação brezhneviana, ou até talvez mesmo de retrocesso, tendo começado a registar-se um aumento da perseguição a dissidentes políticos.

A entrada das tropas dos países do Pacto de Varsóvia, em Praga, foi a única forma encontrada por Brejnev de forma a travar as multidões que exigiam a descentralização parcial da economia, e a democratização do país.²⁹⁸

Todavia o comunismo continuava a não ser do agrado das populações, e as manifestações populares continuaram a verificar-se, e a ser violentamente reprimidas pelos Soviéticos. Repressão que se verificou mesmo durante o período da *Perestroika* e da *Glasnost*, em que a URSS já era dirigida por Gorbachov, embora em muito menor escala.²⁹⁹

Com uma sociedade multicultural, em que cada república exigia a independência, Gorbachov não poderia deixar que tal se verificasse em nenhum caso sob pena de poder vir a verificar-se um ajustamento territorial até 120 mudanças, visto haver 120 grupos étnicos.³⁰⁰ No entanto Gorbachov permitia manifestações, enviando apenas o exército quando os manifestantes começavam a exigir a independência. E foi precisamente numa tentativa de travar uma manifestação anti-Soviética em Baku que os militares Soviéticos entraram naquela cidade matando mais de 100 pessoas. De salientar que a partir deste momento os militares Soviéticos perderam muita da autoridade moral que ainda tinham, e

297 "After our talks in Warsaw, we returned to Moscow, impressed by Gomulka's (...) statement that Poland needed friendship with the Soviet Union more than the Soviet Union needed friendship with Poland" in Khrushchev, Nikita Sergeevich, *Memoirs of Nikita Khrushchev, Volume 2 Reformer 1945-1964*, Pennsylvania State University Press, Pennsylvania, 2006. pp.224-228.

298 A intervenção militar dos Soviéticos em Praga, não tinha sido prevista por Beaufre: "J'ai longtemps cru que les Soviétiques n'oseraient pas intervenir militairement." in Beaufre, André, op cit., p.256.

299 Consultar na secção "Anexos" do presente trabalho o Gráfico: Repressão Soviética em Manifestações de Protesto (1987-1992)

300 Cf. Graham, James, op cit.



esta situação ainda acabou por endurecer a vontade das repúblicas em separar-se de Moscovo.

5. A *Glasnost*, a *Perestroika* e o Enfraquecimento do Poder Soviético no Cáucaso

Quando Gorbachov assumiu o poder, em 1985, após a morte de Constantin Chernenko, a URSS encontrava-se já bastante enfraquecida devido à estagnação tanto política como económica associada à falta de uma liderança estável e capaz bem como ao fracasso no Afeganistão. Como se não bastasse a crise interna por que passava a União Soviética, esta encontrava-se ainda, cada vez mais isolada a nível internacional.³⁰¹

Tadeusz Swietochowski identifica com grande precisão os sinais evidentes de uma crise estrutural de um império gigantesco que tornavam os projectos de descolonização quase óbvios no decorrer da *Perestroika*: Dividendos diminutos provenientes das terras conquistadas, esgotamento dos recursos naturais, estagnação económica, grande crescimento demográfico, consolidação das elites nativas e crescimento das suas ambições relativamente à partilha de responsabilidades de governação, e, problemas compostos pela especificidade das condições Soviéticas de super centralização burocrática.³⁰²

A situação era de tal forma complicada, mas ainda se revelou mais difícil a partir do momento que a construção de uma base política, tanto na Rússia como em todas as Repúblicas Soviéticas, essencial ao programa de reformas de Gorbachov que visava restaurar a economia Soviética e o prestígio internacional do país, se revelava difícil de alcançar.³⁰³

A mais forte posição à implementação das novas reformas propostas por Gorbachov vinha da própria burocracia estatal e dos partidos das Repúblicas Soviéticas, dos seus líderes nacionais, dos intelectuais, e claro, dos movimentos populares. Neste sentido começaram a ser substituídos por russos, os líderes de topo das repúblicas da Eurásia e da Ásia Central, o que causou uma série de manifestações populares contra a ingerência dos Soviéticos nos assuntos internos das repúblicas.

301 Cf. Suny, Ronald Grigor, *The Revenge of the Past: Nationalism, Revolution, and the Collapse of the Soviet Union*, Stanford University Press, Stanford, 1993. p.127.

302 Cf. Swietochowski, Tadeusz, *The Problem of Nagorno-Karabakh: Geography versus Demography under Colonialism and in Decolonization*, in Malik, Hafeez, *Central Asia: Its Strategic Importance and Future Prospects*, St. Martin's Press, Nova Iorque, 1994. p.149.

303 Cf. Suny, Ronald Grigor, *op.cit.* pp.127-131.



Com efeito, já sob direcção de Khrushchev e também de Brejnev, muita da autoridade Soviética tinha sido concedida às elites nacionais que lideravam as repúblicas, principalmente as do Cáucaso e as da Ásia Central, cujos recursos começaram a ser divididos cabendo uma maior percentagem à aristocracia local. Também a corrupção começava a crescer, arrastando o nacionalismo o que tornava o poder do *Kremlin* cada vez mais diminuto naqueles repúblicas.

A solução encontrada pelo Kremlin foi de, ao contrário da liberalização verificada nas outras repúblicas na sequência da *Glasnost*, relegar a política de liberalização para segundo plano e manter os *apparatchiki* com um forte papel. No entanto, a relutância de Moscovo em usar a força acabaria por deixar a descoberto um enfraquecimento do poder do Partido Comunista que fez com que as velhas classes políticas das repúblicas foram empurradas do poder pelos movimentos nacionalistas caso não aceitassem cooperar com os mesmos.³⁰⁴

A situação nas Repúblicas do Cáucaso tornava-se ainda mais complicada a partir do momento em que os Soviéticos tiveram de começar a lidar com o descontentamento dos russos que vivendo em baixas de vida, começaram a revoltar-se com o facto das populações das Repúblicas do Cáucaso apresentarem melhores níveis de vida. O governo era acusado de não explorar os seus recursos da melhor forma, já que era a metrópole a contribuir para as colónias, em vez de serem as colónias a contribuírem para a metrópole, como de resto acontecia nos impérios tradicionais.³⁰⁵

Contudo ainda havia a esperança de que as radicais reformas idealizadas por Gorbachov pudessem reestruturar e inverter a situação económica em que se encontrava a União Soviética inculcando-lhe um espírito tolerante e pluralista. Gorbachov implementa uma política caracterizada pela modernização e pela transparência, *Perestroika* e *Glasnost*, que rompia completamente as estruturas políticas e económicas da URSS.

Pela primeira vez existem eleições livres e constitui-se uma oposição que se exprime, chegando mesmo ao poder em algumas repúblicas. Também declara o fim do regime de partido único, subtrai o Estado ao domínio do partido, e faz-se eleger para presidente da URSS. Também retirou a censura à imprensa, autorizou a liberdade religiosa e propôs aos

304 Cf. Suny, Ronald Grigor, *op cit.*, pp.127-131.

305 *Idem, ibidem*



camponeses arrendamentos de longa duração em detrimento da exploração colectiva de terras.³⁰⁶

As reformas de Gorbachov até começavam a ter algum apoio popular, no entanto o facto de terem contribuído para uma ainda maior desorganização da economia tornavam necessário que esta caminhasse no sentido, pelo menos de um Socialismo de mercado.³⁰⁷

Tal como um sociólogo Estoniano escreveu no jornal *Pravda*, no dia 7 de Junho de 1989, aquando do início da *Perestroika*, “nem os seus principais arquitectos nem mesmo o público em geral estavam preparados para a possibilidade do emergir dos movimentos nacionalistas”, Gorbachov não ponderava essa hipótese devido a esta poder implicar um quase inevitável colapso da União Soviética.³⁰⁸ No entanto o crescimento do nacionalismo na sequência do ciclo mobilizacional da *Glasnost* que fomentou uma crescente resistência popular apoiada numa interacção entre condições estruturais pré-existentes – desde problemas relacionados com a língua, com a cultura, com a falta de verdade em relação ao passado, com o ambiente, a economia, a autonomia política, restrições institucionais, além de outros processos específicos – e o objectivo da soberania em várias repúblicas que “infectadas” pela liberalização do Outono de 1989 dos países do Pacto de Varsóvia eram palco de manifestações nacionalistas, tornou-o inevitável. O Estado Soviético dissolveu-se em 1991.³⁰⁹

6. O Nacionalismo como Estratégia de Subversão do Estado Soviético

Durante a maior parte do século XX, o conceito de subversão política e a sua capacidade de ser um poder organizadamente desorganizador (confusão na clareza - clareza na confusão), foi quase sempre visto como sendo essencialmente um fenómeno de carácter

306 Cf. René Rémond, *op cit*, p.403.

307 Cf. Faure, Justine, e, Prost, Yannick, *Relations Internationales – Histoire, Questions Régionales et Grands Enjeux*, Editions Ellipses, Paris, 2006. pp.132-133.

308 Cf. Hallik, K.S, Citado no Jornal *Pravda*, 7 de Junho, 1989, p.2. *Apud* Beissinger, Mark, *op.cit.*, p.47.

309 A *Glasnost* não começou como uma explosão nacionalista, mas tornou-se uma, isto porque não foi uma mobilização nacionalista, mas sim outros tipos de mobilização – democratização, trabalho, e económico estiveram presentes e foram vectores autónomos – que constituíram a base vectorial autónoma da mobilização popular nas RSS da Transcaucásia. Vide: Beissinger, Mark, *op cit*, pp.49-51.



Marxista-Leninista, e, conseqüentemente como uma aceção internacional do comunismo, em que a URSS era vista como uma autêntica escola de agentes de subversão.³¹⁰

Prova disso, o facto das potências coloniais europeias durante o período que antecedeu a II Guerra Mundial associarem a militância trabalhista e os movimentos nacionalistas e estudantis, bem como qualquer oposição dos povos colonizados, como sendo movimentos subversivos que punham em causa o domínio colonial.³¹¹ Estes movimentos subversivos eram posteriormente sempre associados a Moscovo pela classe política Ocidental, chegando Winston Churchill a descrever Leon Trotsky³¹² como “o monstro da subversão internacional”.³¹³

Com efeito, durante a Guerra-fria era comum no mundo Ocidental associar o conflito e a desordem às áreas Soviéticas e do Terceiro Mundo, relacionando o fenómeno da subversão quase em exclusivo com os Soviéticos, afastando o conceito subversivo do mundo capitalista Ocidental.³¹⁴

Apenas após o colapso da URSS a sovietação do conceito de subversão acabou por amenizar, até porque qualquer estratégia visando a subversão de um Estado moderno teria de envolver contornos completamente diferentes do que uma estratégia que visasse subverter qualquer Estado antes do colapso da URSS.³¹⁵ Daí que a maior parte dos investigadores e cientistas políticos tenha começado a diferenciar o conceito de subversão, da Guerra e da Revolução, embora a subversão possa sustentar ambos.

Uma população normalmente expressa inconscientemente um elevado grau de consciência nacional sem ter nada que se assemelhe a uma ideologia ou uma doutrina da nação, e muito menos a um movimento nacionalista. No entanto o uso do movimento

310 Cf. Fontoura, Luís, Lição de Estratégia de Subversão, Instituto de Ciências Sociais e Políticas, Novembro de 2009.

311 Cf. Clutterbuck, Lindsay, e Rosenau, William, *Subversion as a Facet of Terrorism and Insurgency: The Case of a Twenty-First Century Approach, in Strategic Insights*, Volume VII, Issue 3, Agosto de 2009. p.2.

312 Sobre o papel de Trotsky na Revolução Bolchevique, vide; Nelson, Harold Walter, *Leon Trotsky and the Art of Insurrection 1905-1917*, Frank Cass and Company Limited, Londres, 1988.

313 Cf. Artigo de Vestey, Michael, *An Ogre, Nonetheless*, The Spectator, Londres, 19 de Agosto de 2006, *Apud* Clutterbuck, Lindsay, e Rosenau, William, *op cit.*, p.2.

314 Vide; Greig, Ian, *Subversion: Propaganda, Agitation and the Spread of People's War*, Tom Stacey Ltd, Londres, 1973.

315 Cf. Schecter, Darrow, *Two Views of the Revolution: Gramsci and Sorel (1916-1920)*, in Martin, James, *Antonio Gramsci: Critical Assessments of Leading Political Philosophers*, Routledge, Londres, 2002.



nacionalista³¹⁶ em termos sociais e políticos para alcançar os objectivos da nação e realizar a sua vontade nacional está estreitamente ligado à ideologia nacionalista, que pretende assegurar a autonomia, a unidade e a identidade em nome de uma população que alguns dos seus membros consideram constituir uma nação real ou potencial.³¹⁷

Com efeito, as nações reais defendidas pelos nacionalistas em nada se assemelhavam à URSS. Como alude José Adelino Maltez a propósito do Estado, *marcado apenas pela lealdade a uma dinastia, sem qualquer nação que o suporte*,³¹⁸ também na URSS, esta situação era uma realidade. A União Soviética nunca conseguiu fazer a transição de um simples Estado-administração para um verdadeiro Estado Nação, apesar de ter o Comunismo como elemento susceptível de suportar durante décadas a unidade do Estado, no que constituía numa dinastia, embora de uma dinastia partidária.

O facto de a URSS não ser um Estado Nação era um facto que dificilmente poderia mudar sabendo-se que tanto no Leste Europeu como na Eurásia os factores étnicos se superiorizaram a quaisquer outros no que respeita à construção da nação já desde o Império Russo.³¹⁹

Após a morte de Leonid Brezhnev em 1982 a história da URSS parecia congelada e a sociedade consternada, particularmente quando comparada com o período turbulento e de convulsão vivido durante a liderança de Estaline. Porém no final de 1986 com o abrandar das velhas regras que impunham a falta de liberdade de expressão, citando Mark R Beissinger, “teve início a chamada Revolução Francesa na URSS, não na forma de uma luta de classes nem de nacionalismo, mas de ambas”.³²⁰

Durante 74 anos os líderes Soviéticos desencadearam esforços para impor uma visão nacional numa população multi-étnica, que os levou a afirmar sempre que não existiam quaisquer atritos entre as muitas nacionalidades da União Soviética, sustentando até que os povos da URSS constituíam uma autêntica família de nações que coabitava harmoniosamente, conforme o refrão de uma das músicas mais conhecidas nos anos 1960 na URSS “a minha casa não é o espaço que habito numa determinada rua, mas a União

316 Ver Breuill, John, *Nationalism and the State*, Manchester University Press, Manchester, 1982.

317 Cf. Isiksal, Husseyin, *Two Perspectives on the Relationship of Ethnicity to Nationalism: Comparing Gellner and Smith*, in *Turkish Journal of International Relations*, Vol.1.Nº1 (Primavera 2002).

318 Cf. Maltez, José Adelino, *op cit.*, p.401.

319 Cf. Smith, Anthony D., *The Ethnic Origin of Nations*, Blackwell Publishers Ltd, Oxford, 1986. pp.34-35.

320 Cf. Beissinger, Mark R, *op cit*, p.47.



Soviética”. Facto que seria desmentido pela forte incidência de movimentos nacionalistas por toda a URSS durante a década de 1980, e que apenas provava que o regime comunista havia falhado na tarefa a que se tinha proposto, a criação do *sovetskii narod* (povo soviético), ou seja, a erradicação das diferenças étnicas e nacionais, as ideias de tribos e de clã.

Mas a prioridade dos Soviéticos neste período já não era a construção de um Estado Nação, mas sim a preservação do Estado face aos movimentos nacionalistas, e principalmente aos conflitos étnicos. Até porque Estaline, sendo um georgiano que antes da guerra adoptara a Rússia como sua pátria política, sempre tinha defendido que uma nação não tinha um carácter racial ou tribal, assentando antes em valores históricos e não biológicos – A nacionalidade manifestava-se através de uma língua comum, da unidade territorial, de uma vivência económica partilhada e, sobretudo, de uma mentalidade comum.³²¹

No entanto, com um tão grande número de pessoas pertencentes a diferentes grupos étnicos a viver fora dos seus países, não se afigurava difícil a eclosão de conflitos étnicos no seio da URSS. Com efeito, a primeira faísca para o incendiar dos ânimos entre os povos Soviéticos, foi o colapso da economia do país, que fez com que o nível de vida das populações começasse a cair a pique.³²² As pessoas começaram a tornar-se cada vez mais egoístas e invejosas em relação aos habitantes das outras repúblicas que consideravam terem melhores condições de vida. Os russos foram os primeiros a aperceberem-se que eram, de facto, um dos povos mais pobres de toda a URSS, ao que responderam com manifestações e protestos públicos.³²³

Contudo, também as Repúblicas Soviéticas mais ricas, como os Estados bálticos, começaram a manifestar-se publicamente devido a sentirem-se lesados economicamente pelo resto da URSS.³²⁴ Apenas, um ano e meio, após o início da *Glasnost*, foi o período que decorreu entre as numerosas manifestações contra as débeis situações económicas, que o

321 Cf. Overy, Richard, *op cit.*, pp.608-609.

322 Sobre a pobreza e as débeis condições sociais na URSS, Vide: McAuley, Alastair, *Economic Welfare in the Soviet Union: Poverty, Living Standards, and Inequality*, University of Wisconsin Press, 1979; Matthews, Mervyn, *Poverty in the Soviet Union: The Lifestyles of the Underprivileged in Recent Years*, Cambridge University Press, Cambridge, 1986

323 Cf. Graham, James, *op cit.*

324 *idem, ibidem*



governo encarou como estando de acordo com as políticas liberalizadores e reformistas da *Glasnost*, e as primeiras manifestações nacionalistas e anti-Soviéticas, ocorridas no Cáucaso – em Fevereiro de 1988 na Arménia e no Azerbaijão³²⁵ – durante um período turbulento em que o sucesso das primeiras manifestações nacionalistas instigava a realização de outras, ao ponto de, citando um jornalista Soviético ter afirmado que “todo o país saiu para uma manifestação, apenas uma só manifestação”.³²⁶

7. A Eclosão do Conflito do Alto Carabaque

A primeira crise que o sistema soviético se revelou incapaz de travar, tendo estado por isso na origem do seu colapso, foi a eclosão do conflito do Alto Carabaque, que envolveu o exército Arménio e o Exército Vermelho numa luta armada no território entre 1989 e 1991, que continuaria mesmo após o colapso da URSS ainda em maior dimensão entre as tropas arménias e do Carabaque e as da recém independente República do Azerbaijão.³²⁷

Nesta região sempre houve problemas de fronteiras que acabaram por ser a causa do conflito. O Império Russo, em inícios do século XIX conseguiu assegurar o controlo da região da Transcaucásia graças ao resultado das guerras contra a Pérsia que resultaram nos Tratados do Gulistão em 1813, e do Turkmanchai em 1828. Consequentemente as fronteiras dos novos Estados seriam traçadas de acordo com os interesses estratégicos da Rússia, que temia uma futura penetração da Pérsia ou da Turquia.³²⁸

Posteriormente, quando foram desenhadas as fronteiras, Estaline, numa tentativa de apaziguar a Turquia, atribuiu ao Azerbaijão, em 1921, a região do Alto Carabaque (enclave arménio no Azerbaijão), e, em 1923, a região de Naquichevão, apesar de em 1920 Ordzhonikidze à revelia de Nariman Narimanov ter anunciado que as duas regiões bem como a região de Zangezour (território azeri todavia separado do Azerbaijão pela Arménia,

325 As citadas manifestações na Transcaucásia não estiveram directamente ligadas com as questões secessionistas que puseram fim ao Estado Soviético.

326 Cf. Beissinger, Mark, *op.cit.*, pp.49-53.

327 Estima-se que entre acções de Guerra military, e de limpeza étnica, terão morrido entre 10 mil e 20 mil pessoas, e ficado desalojadas cerca de 1,5 milhões no território do Alto Carabaque.

328 Sobre a dimensão da expansão russa no sul do Cáucaso, Vide: Atkin, M., *Russia and Iran 1780-1828*, Minneapolis: Minnesota University Press, 1980; Kazemzadeh, F., *Russian Penetration of the Caucasus in Russian Imperialism from Ivan the Great to the Revolution*, ed. T. Hunczak, New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1974, pp.239-283.



que tem também fronteiras com a Turquia e com o Irão) seriam doadas à Arménia pelo *Revkom Azeri*.³²⁹

Porém a decisão foi cancelada em Julho de 1921 devido à instabilidade anti-soviética no Azerbaijão devido ao problema das terras usadas pelos muçulmanos nómadas situadas entre a Arménia e o Alto Carabaque bem como com o facto de muitos Arménios terem acabado por ficar em território do Azerbaijão sendo até acusados de “chauvinismo” pelos Bolcheviques. Mas foi a oposição dos Bolcheviques Georgianos à abertura de um precedente no Alto Carabaque, que temiam poder alastrar-se a outros territórios nas suas fronteiras nomeadamente as regiões da Ajária, da Ossétia do Sul e da Abecásia, que fez com que o Alto Carabaque e o Naquichevão³³⁰ continuassem a incorporar nas fronteiras da RSS do Azerbaijão tendo-se tornado enclaves autónomos pelos Soviéticos de forma a lidar com a delicada questão dos direitos culturais.³³¹ No entanto a RSS da Arménia conseguiu assegurar o controlo da região do Zangezur.³³²

Em 70 anos de domínio soviético, a região do Alto Carabaque foi forçadamente entregue pelos Soviéticos à República Soviética do Azerbaijão. Durante este período toda uma cultura secular arménia existente no território sofreu bastantes privações. Sob domínio do Azerbaijão, com patrocínio soviético, foi autenticamente erguido uma espécie de “muro de Berlim” no sentido de tentar destruir a todo o custo a unidade cultural orgânica existente que unia o Alto Carabaque á Arménia.³³³

Na década de 1920, foi quando a questão da eminência da eclosão de um conflito em Alto Carabaque foi levantada pela primeira vez através de inúmeras petições, cartas abertas, e

329 Cf. Marshall, Alex, *op.cit.*, pp.143-144.

330 “O Naquichevão, maior quer em população quer em área do que o Alto Carabaque, envolveu negociações internacionais. O Tratado de Amizade de Moscovo, de Março de 1921, além de normalizar as relações entre a URSS e o regime de Ankara, era principalmente a cedência Soviética ao desejo da Turquia em ter uma ligação ao território Arménio. Uma das cláusulas do tratado estatua que Naquichevão não seria incluído na Arménia Soviética, mas sim seria constituído como unidade administrativa sob jurisdição do Azerbaijão, mesmo que se encontrasse separado daquela república por uma faixa de território arménio” in Malik, Hafeez, *Central Asia: Its Strategic Importance and Future Prospects*, St. Martin’s Press, Nova Iorque, 1994. pp.147-148.

331 Cf. Fossati, Fabio, *I Conflitti Armati Contemporanei: Quali Soluzioni?*, ISIG, Trento, 2008. pp.72-73.

332 Vide *Nagorno Karabakh Republic Artsakh, State Building: Progress Toward Freedom, Democracy and Economic Development*, Assembleia Nacional de Nagorno-Karabakh, Stepanakert, 2005. pp.36-43; Cornell, Svante E., *The Nagorno-Karabakh Conflict*, Report no. 46, Department of East European Studies, Universidade de Uppsala, Uppsala, 1999. pp.3-12.

333 “Por exemplo através da imigração forçada de azeris para Nagorno-Karabakh, “A significant in-migration of Azerbaijanis into Karabakh over the ensuing years diluted the population from 95 percent Armenian in the 1920s to 76 percent by 1979” in Beissinger, Mark R., *op cit.*, pp.64-65.



até mesmo através de apelos oficiais por parte dos oficiais locais do partido. Por esta altura, através de processos legais e pacíficos, a maioria arménia do Alto Carabaque queixava-se de uma alegada discriminação em variadas vertentes, quer em termos de dificuldades em investir economicamente no território, quer até à não existência de imprensa em língua arménia.³³⁴ No entanto as suas queixas e apelos a uma eventual melhoria da situação foram sempre ignorados por Moscovo, e os impulsionadores deste movimento de descontentamento foram alvo de perseguições por parte das autoridades azeris.³³⁵

As erupções massivas de violência sob forma de massacres mútuos, entre arménios e azeris, tiveram início em 1905, com a Revolução Russa, e reemergia cada vez que o Estado Russo se encontrava numa situação de crise – durante a Guerra Civil em 1918 e durante a *Perestroika* a partir de 1988. Contudo, para os Soviéticos a questão do Alto Carabaque nunca foi considerada de primordial importância nem nunca foi vista como uma ameaça real, e durante esses períodos, o governo russo não só se revelava incapaz de assegurar a paz, como ainda incitava, directa ou indirectamente as duas comunidades à violência.³³⁶ Mas as possibilidades do Alto Carabaque, já um dos centros de luta entre as duas comunidades aquando da Revolução de 1905, poder vir de facto a tornar-se um enorme problema para os Soviéticos tornaram-se reais após a declaração da *Glasnost*.

Desde o final da década de 1980 que os arménios exigiam a unificação do Alto Carabaque³³⁷, e em 1988 a eventualidade de vir a registar-se um conflito armado entre a República Soviética da Arménia e o exército da URSS era de tal forma grande que se verificou uma estratégica troca populacional entre a República Soviética do Azerbaijão e a República Soviética da Arménia, que proporcionou que um ano depois, em 1989, no início da guerra armada, praticamente todos os azeris estivessem já fora de território do Carabaque,

334 Durante a ocupação Soviética, em Nagorno-Karabakh existiam apenas dois veículos de expressão da herança cultural arménia, existiam apenas dois exemplos em Nagorno-Karabakh: o teatro dramático de Stepanakert, e um grupo de música e dança arménia.

335 Cf. Chorbajian, Levon, Donabedian, Patrick, e Mutafian, Claude, *The Caucasian Knot: The History and Geopolitics of Nagorno-Karabakh*, Zed Books, Londres, 1994, pp.144-147., *Apud* Beissinger, Mark R., *op cit.*, p.65.

336 Para os cálculos do conflito, Vide: Villari, L., *The Fire and Sword in the Caucasus*, Londres, 1906); J. D. Henry, *Baku: An Eventful History*, Londres, 1905; Para uma visão do lado do Azerbaijão, Vide: Ordubadi, M. S., *Ganli illar* (Baku: Karabagh Yardim Komitasi, 1991).

337 Todavia em 1992 passaram a apoiar a independência do enclave em detrimento da anexação do mesmo.



evitando assim um massacre como aquando da invasão russa aos territórios do norte do Azerbaijão em 1918.³³⁸

O conflito do Alto Carabaque, serviu como uma forma de mobilização nacional tanto no Azerbaijão como na Arménia. Os respectivos movimentos nacionais emergiram ambos de paixões surgidas da luta étnica³³⁹, que cresceram fortemente, dando lugar a fortes desejos independentistas.³⁴⁰

Moscovo ainda tentou reduzir as tensões e de restaurar a ordem através de várias medidas extraordinárias. Foi enviado um pacote de ajudas económicas para Alto Carabaque, e um grande número de oficiais graduados foram demitidos, incluindo os primeiros secretários das organizações de ambos os partidos republicanos – Kamran Baghirov no Azerbaijão, e, Karen Demirchyan, na Arménia. Foram introduzidas tropas Soviéticas na área, e o *Oblast* do Alto Carabaque foi colocado sob controlo directo de Moscovo através da designação de um comité especial presidido por um oficial russo, Arkadii Vol'skii.³⁴¹

No entanto parecia ser tarde demais, já que a mobilização arménia em torno da questão do Alto Carabaque em Fevereiro de 1988, tinha posto a descoberto o declínio vertiginoso da URSS. Os protestos dos arménios em relação à questão do Alto Carabaque pareciam enquadrar-se no espírito da *Perestroika*, mas eram mais do que isso. Era a primeira vez que uma verdadeira onda de protesto conseguia materializar-se e surpreender a URSS já na era da *Glasnost*, e a magnitude destes protestos e a sua relação com actos de contenção por parte de outros grupos tornava-se uma evidência clara de que uma teia de nacionalismo começava a emergir no seio da URSS, sem que esta a pudesse conter.³⁴²

338 Vide; Arzumanli, Vagif, *The Bloody March of 1918*.

Disponível em língua inglesa em: <http://karabakh-doc.azerall.info/ru/articles/artc101eng.htm> [Consultado dia 11 de Janeiro de 2014 às 19:00]

339 “O antagonismo entre arménios e azeris, com o tempo, acabou por transcender-se às diferenças culturais e até religiosas. Segundo alguns observadores ocidentais, a posição dos arménios no Azerbaijão pode equiparar-se à dos Judeus em algumas partes da Europa onde eram ameaçados” in Swietochowski, Tadeusz, *The Problem of Nagorno-Karabakh: Geography versus Demography under Colonialism and in Decolonization*, in Malik, Hafeez, *Central Asia: Its Strategic Importance and Future Prospects*, St. Martin's Press, Nova Iorque, 1994. pp.143-144.

340 Cf. Swietochowski, Tadeusz, *op.cit.* p.154.

341 *idem, ibidem*

342 Cf. Beissinger, Mark R., *op cit.* p.64.



8. A Ascensão do Nacionalismo e o Colapso da URSS na Transcaucásia

*In 1991 democracy swept over the republics of this once oppressive Communist empire. It was time of immense change and upheaval, yet the majority of the populace seemed up for the challenge. For many, it was the realisation of a lifelong dream. They were free, once and for all, to live as individual nations.*³⁴³

8.1. Arménia

O território da Arménia é muito montanhoso são as suas poucas florestas e escassas terras aráveis, as principais das poucas fontes de riquezas do país que permite a auto-suficiência dos habitantes que ali cultivam batatas e criam gado embora as terras sejam duras e secas mas férteis ao ponto de na era Soviética terem uma produção quer de frutos quer vegetais que tornava o país auto-suficiente e ainda o permitia exportar parte da produção para a Geórgia e para a Rússia. Todavia, devido ao seu isolamento, é muito difícil viver no território da Arménia para onde muito pouca gente imigrou proveniente de outras repúblicas Soviéticas, ao contrário dos seus vizinhos Geórgia e Azerbaijão, daí a população do país ser quase completamente homogénea.³⁴⁴

No período Estalinista (1926-1953) a sociedade e a economia arménia sofreram mudanças radicais impostas pelos decisores de Moscovo. Durante este período de 25 anos a Arménia sofreu um processo de industrialização e de educação, que lhe possibilitou uma evolução a estes níveis como nunca se havia verificado durante o domínio da Rússia Imperial, embora moldado sob certas condições. Na Arménia, a era Estalinista que ficaria marcada pelo culminar de um breve período ligeiramente democrático que viria a transformar-se num regime de terror fomentado pelo Partido Comunista Arménio no

343 Cf. Malarek, Victor, *The Natashas: The New Global Sex Trade*, Ontario, Canadá, 2003. pp.2-3.

344 Embora os Arménios sejam um povo homogéneo, existem algumas pessoas que vivem nas montanhas e não partilham uma típica herança Arménia. Os cerca de 60 000 Curdos Yezdi que vivem nas áreas próximas dos cumes de Aragat e Hoktemberian mantem-se isolados e praticam o Yezdijismo uma fé fortemente influenciada pelo Islão mas também devota das antigas religiões do Mitraísmo e Zoroastracionismo.



sentido de assegurar o seu domínio político sob a população, e de extinguir qualquer forma de nacionalismo.³⁴⁵

Sob o sistema planificado central soviético a Arménia desenvolveu um sector industrial moderno que abastecia bens manufacturados as outras Repúblicas Soviéticas por troca com matérias-primas e energia.³⁴⁶ Isto criou um sistema comercial artificial para o país porque embora a força de trabalho fosse qualificada e especializada, os produtos eram manufacturados usando materiais importados sendo depois enviados para países que não tinham outra escolha senão aceitar os materiais arménio.

Em termos político-sociais, na República Soviética da Arménia, o facto da estrutura federal da URSS permitir a existência legal de uma formação política arménia, e da política da *Korenizatsiya* encorajar uma distinção étnica através de um controlo local, levou a que as históricas divergências étnicas e territoriais entre arménios e azeris entrassem num período de hibernação durante quase 70 anos de domínio soviético. No entanto, a Arménia era a mais pequena e a mais homogénea de todas as repúblicas da URSS, onde mesmo após sessenta e cinco anos de domínio soviético, a maioria dos arménios, na Arménia, continuavam a preferir comunicar em língua arménia.

Apenas no período de Khrushchev, em que a Arménia passou a contar com uma maior autonomia e poder de decisão em relação a Moscovo, os arménios voltaram ocasionalmente a manifestar-se em público.³⁴⁷ Dia 24 de Abril de 1965, aquando do cinquentenário das deportações arménias pelos Otomanos, uma multidão de 100 mil pessoas saiu às ruas de Erevã exigindo a restauração dos “territórios”, termo que se referia às províncias do leste da Turquia e também a Alto Carabaque e a Naquichevão.³⁴⁸ Os arménios queriam que os Russos

345 “Na época do Grande Terror imposta por Estaline entre 1936 e 1937, as fileiras do Partido Comunista Arménio, quer líderes, quer intelectuais, foram dizimadas por Lavrenti Beria, o Comissário Político das Repúblicas da Transcaucásia” in Curtis, Glen E., *Armenia, Azerbaijan and Georgia: Country Studies*, Federal Research Division, Washington, 1994. pp.17-18.

346 A Arménia fornecia ferramentas para produção de maquinas, têxteis, e outros bens manufacturados como vestuário, máquinas de lavar, vidro, electrónica, automóveis, materiais de construção, produtos químicos e eléctricos.

347 “Após as políticas levadas a cabo por Estaline na Arménia, os arménios revelavam-se muito preparados no sentido de poder vir a beneficiar das políticas menos repressivas do seu sucessor Nikita Khrushchev. (...) os anos de industrialização tinham promovido uma certa mobilidade social (...) camponeses converteram-se em trabalhadores, trabalhadores converteram-se em gerentes, e os gerentes converteram-se em funcionários do Estado ou do Partido” in Curtis, Glen E., *op cit.*, p.18.

348 Sobre os acontecimentos de 1964 em Erevã, Vide: Nahaylo, B. e Svoboda, V., *Soviet Disunion: A History of the Nationalist Problem in the URSS*, New York: The Free Press, 1990, pp.147-148.



os ajudassem a recuperar o que consideravam ser seu, e nem os funcionários governo se revelaram capazes de acalmar uma situação de revolta, que nem Vazgen I³⁴⁹, um homem considerado por muitos como verdadeiro chefe da nação, se revelou capaz de conter.³⁵⁰ A revolta seria contida pelos Soviéticos sem o recurso às armas, mas as consequências não se fizeram esperar. O líder do partido Arménio, Iakov Zarobian, foi demitido, e o seu sucessor, Anton Kochinian, acusou-o de permitir um nacionalismo local, e de tolerar uma situação ideológica deplorável na Arménia.³⁵¹

O regime comunista na Arménia foi assombrado desde o início pelo espectro do nacionalismo arménio, porém a principal mobilização da comunidade foram as manifestações de antagonismo/nacionalismo étnico e de reivindicações de vingança, particularmente as relacionadas com Alto Carabaque. Outra forma de acção foi a petição para que se efectuasse a transferência do OA do Alto Carabaque, da República Soviética do Azerbaijão, para a República Soviética da Arménia.³⁵²

A resposta Soviética à petição arménia foi negativa, com o argumento de que a satisfação dos desejos arménios criaria precedentes no que respeitava a outras disputas territoriais existentes no seio da URSS. Mas não obstante o não soviético, a agitação e a revolta eram já uma realidade que tinha cimentado os fundamentos para a afirmação do movimento dissidente arménio, um dos primeiros desta estirpe em toda a URSS.³⁵³ Na sequência do não soviético á exigência arménia da incorporação do enclave do Alto Carabaque no seu território, desencadeava-se uma nova onda de protestos massivos em Erevã envolvendo manifestações de rua, greves industriais, e boicotes às escolas. Ao mesmo tempo que eventos semelhantes se propagavam noutras cidades da Arménia e também do Alto Carabaque.

A oposição política continuava proibida, mas a expressão nacionalista moderada era aceite, e o Governo Comunista Arménio acabava por conceder algumas exigências dos nacionalistas arménios. Nesta fase os Soviéticos revelavam-se tolerantes às manifestações

349 Chefe da Igreja Apostólica Arménia entre 1955 e 1994.

350 Cf. Armenica, *History of Armenia, Soviet Armenia - The Rise of the New Nationalism*. p.501.
Disponível em: <http://www.armenica.org/> [Consultado dia 9 de Janeiro de 2010 às 11:00]

351 *Idem, ibidem*

352 “Em 1966, um documento com 45 mil assinaturas foi encaminhado para Moscovo, bem como uma carta assinada por inúmeras pessoas enviada para o 27º Congresso do Partido Comunista da URSS.” in Swietochowski, Tadeusz, *op cit.* pp.148-149.

353 *Idem, ibidem*



desde que o nacionalismo Arménio não constituísse uma ameaça a unidade da URSS – o que só aconteceria caso ganhassem contornos militares.

Por volta de 1988 eram três os factores que combinados, contribuía em muito para o fortalecimento do nacionalismo arménio. Em primeiro lugar, a urbanização e a industrialização tinham trazido sérios problemas ecológicos, em segundo lugar a questão da supracitada corrupção endémica vigente na elite comunista, e por último, a questão do Alto Carabaque, que viria posteriormente a transformar-se numa questão nacional. Estes três aspectos geravam grande apreensão na população arménia que cada vez dava maior voz aos seus desejos independentistas.

Acabou por ser a questão do Alto Carabaque a revelar-se o factor mais importante na luta pela independência arménia. Os movimentos nacionalistas apoiavam a causa do Alto Carabaque e uniram-se numa organização política, o Comité de Carabaque, uma associação anticomunista que pretendia a democracia e a soberania nacional. Os Soviéticos tentaram conter a associação dos movimentos nacionalistas através da detenção dos líderes do Comité, de forma a manter a ordem na República Soviética mesmo sem o apoio dos nacionalistas, mas essa situação apenas viria a agudizar a crise política no país.³⁵⁴

Após dois anos de luta no Alto Carabaque, em Janeiro de 1990, os Soviéticos resolveram entrar em território azeri de forma a parar os *pogroms* contra os arménios em Baku. Esta acção agradou aos arménios, mas a renitência que Gorbachov continuava a revelar em entregar o enclave aos arménios, não impediu a contenção da escalada do sentimento anti-soviético em território arménio.³⁵⁵

O resignar do Primeiro Secretário do Partido Comunista Arménio, Suren Harutinian, abriu caminho á realização de eleições em 1990. As eleições seriam ganhas por Ter-Petrossian, um líder moderado do Partido Nacionalista, o que significava o fim da hegemonia da elite comunista que passava a dar lugar a uma nova classe política. O recém-eleito Parlamento Arménio, escolheria também Ter-Petrossian, em vez do Primeiro Secretário Comunista, para

354 “Em Março de 1989 muitos votantes boicotou as eleições para o Congresso dos Sovietes. Desencadearam-se grandes manifestações que exigiam a libertação dos membros do Comité de Carabaque detidos pelos Soviéticos. Posteriormente, em Maio, aquando das eleições para o Supremo Soviético Arménio, o corpo legislativo arménio escolheria para delegados, pessoas identificadas com a questão do Alto Carabaque (...) após as eleições de 1989 foram libertados os líderes do Comité que estavam detidos (...) nos seis meses seguintes o Comité de Carabaque trabalhou em conjunto com os Comunistas Arménios na questão de Alto Carabaque” *in* Curtis, Glen E., *op cit.*, p.20.

355 Cf. Glen E. Curtis, *op cit.*, pp.21-22.



liderar os destinos da república. Com os nacionalistas no poder e os Comunistas na oposição, dava-se início a uma transição de um governo de estilo soviético para um Estado independente e democrático.

Em Agosto de 1990, a Arménia declarou formalmente a sua intenção de vir a ser independente e soberana, e de integrar Alto Carabaque no seu território. Essa intenção tornou-se uma realidade um ano depois, em Janeiro de 1991, quando o Supremo Soviético Arménio recusou participar no referendo planeado por Gorbachov acerca da continuidade da URSS. Em contrapartida, os arménios decidiram realizar o seu próprio referendo que de acordo com a Constituição Soviética era o procedimento que permitia a sua secessão face à URSS.³⁵⁶

O golpe de Estado em Moscovo convenceu Ter-Petrossian de que aquele seria o melhor momento para a Arménia se separar da URSS. Apenas dois meses após este acontecimento, os Arménios seriam chamados às urnas por duas vezes, em Setembro de 1991, quando 99% dos eleitores escolheu a independência face à URSS, que culminaria na declaração da independência total da República da Arménia pelo Supremo Soviético Arménio. Em Outubro de 1991, os arménios elegiam Ter-Petrossian como Presidente da República.³⁵⁷

8.2. Azerbaijão

Com origem na palavra persa *azar*, que significa fogo, o Azerbaijão é o maior dos três países do Cáucaso, e embora a maioria do seu território seja árido e desértico, a península de Baku alberga abundantes reservas de gás e petróleo que permitiram que o país se tornasse uma das primeiras potências petrolíferas do mundo.

Ao contrário dos seus países vizinhos, o Azerbaijão não tinha uma classe intelectual antes da URSS e a sua cultura popular resumia-se a recitações orais de história proveniente do século XI chamadas *dastans*, muito influenciadas por obras zoroastracionistas e textos pré-islâmicos.³⁵⁸ Apesar da identidade nacional dos azeris não ser forte devido às muito fortes influências persas, e posteriormente turcas, e as suas técnicas de arte usarem estilos e

³⁵⁶ *Idem*, pp.22-24.

³⁵⁷ *Idem*, *ibidem*

³⁵⁸ Epopeias antigas como as de Dada Qorqut do século XII cujas crónicas citam a luta pela liberdade das tribos azeris e autores como Nizami Gancavi do século XIV e um icone e fuzuli cuja poesia e prosa influenciou a dramaturgia no país.



técnicas persas e islâmicas, a língua azeri é única apesar da sua proximidade com o turco; foi escrita em Árabe até aos anos 1920 quando o alfabeto romano foi introduzido no país, sendo substituído em 1939 pelo alfabeto cirílico.

Durante a era Estalinista, o Azerbaijão embora tivesse sofrido uma colectivização forçada, acabou por registar significativas melhorias em termos de industrialização e de principalmente da taxa de alfabetização, que era incomparavelmente superior á de qualquer outro país muçulmano. Porém em termos económicos o facto de A URSS não ter desenvolvido muitos esforços no sentido de modernizar os campos petrolíferos do Azerbaijão, optando por se concentrar na Sibéria, fez com que a produção petrolífera tenha baixado de 8% da produção total da URSS, em 1965, para 0,6% em 1988.

Com a morte de Estaline as interferências Soviéticas no Azerbaijão deixaram de ser tão radicais, embora não menos exigentes. Várias figuras do Partido Comunista do Azerbaijão foram saneadas por Khrushchev alegadamente devido a actos corruptos, gestão danosa, e a tendências nacionalistas. Também Leonid Brezhnev saneou vários líderes do Partido Comunista do Azerbaijão e colocou na liderança do partido um homem da sua confiança, Heydar Aliyev, em 1969.³⁵⁹

O Partido Comunista do Azerbaijão, era uma estrutura tremendamente burocrática, que se revelava incapaz de fornecer uma liderança no âmbito do que consistia uma verdadeira emergência nacional. Desta forma, começou a abrir-se espaço para variadas iniciativas populares sob diversas formas.³⁶⁰

Entre os novos grupos políticos, aquele que se revelava mais viável e com maior apoio popular era a Frente Popular do Azerbaijão (FPA), uma associação com a “porta aberta” para os seguidores de qualquer tendência política, incluindo mesmo comunistas. A FPA rejeitava os princípios do centralismo, disciplina estrita, e, de prestação de contas, aceitando a luta de ideias dentro das suas fileiras. A Frente afirmou-se rapidamente numa posição central da actividade política no país, primeiro rivalizando e depois ultrapassando mesmo a popularidade do Partido Comunista.

359 “Por sua vez Gorbachov retiraria Aliyev do cargo alegadamente devido a razões de saúde, embora Aliyev tivesse sido posteriormente acusado de corrupção.” in Curtis, Glen E., *op cit.*, pp.92-93.

360 “desde vários comités *had-hoc*, reunião de fundos, distribuição de panfletos e de publicações samizdat.” in Swietochowski, Tadeusz, *op cit.* pp.148-149.



O chefe do Partido Comunista do Azerbaijão, Abdurrahman Varizov, sentiu-se mesmo na necessidade de assinar em 1989 uma série de acordos com os líderes regionais da Frente para que estes abandonassem a onda de greves e protestos, levados a cabo por milhares de trabalhadores, e cancelassem o boicote à circulação ferroviária para a Arménia. De forma a negociar, o regime acedeu em conceder à Frente uma série de reivindicações como o levantamento do recolher obrigatório, a elaboração de legislação no sentido de assegurar a independência económica da República Soviética do Azerbaijão, a realização de eleições livres, e a legalização da Frente Popular do Azerbaijão.³⁶¹

Em Setembro de 1989, o Supremo Tribunal do Azerbaijão aprovou uma resolução de soberania, uma das primeiras resoluções deste tipo em todas as Repúblicas Soviéticas. A resolução proclamava a soberania azeri sobre o seu território, as suas águas, os seus recursos naturais, e o seu direito de secessão face à URSS através da realização de um referendo. No entanto o direito à soberania do Azerbaijão era visto pelos Soviéticos como uma declaração de independência, e por isso o Supremo Soviético acabaria por declarar a resolução como inválida, em Novembro de 1989.

A resposta não se fez esperar, em Janeiro de 1990, desencadearam-se em Baku motins sangrentos anti-arménios. Estes eventos serviram como pretexto para a intervenção militar Soviética que teve lugar após os motins, e de que resultaram inúmeras vítimas, tanto azeris como arménios. Posteriormente registaram-se inúmeras prisões de activistas políticos, que fizeram com que tanto a Frente Popular como a oposição em geral experienciassem um declínio dramático de adesão popular. Contrariamente o Partido Comunista parecia recuperar alguma da confiança dos cidadãos azeris. E apesar de sob circunstâncias que levantaram enormes suspeitas da existência de uma fraude generalizada, os comunistas ganharam esmagadoramente as eleições parlamentares realizadas em Setembro de 1990.³⁶²

Aproximadamente um ano mais tarde, o líder do Partido Comunista do Azerbaijão, Ayaz Mutalibov, apoiou os perpetradores do Golpe de Estado em Moscovo, em Agosto de 1991. Poucos dias depois, no dia 30 de Agosto, presidia à Declaração de Independência do Azerbaijão, ao mesmo tempo que a URSS entrava na última etapa da sua desintegração.

361 Cf. Curtis, Glen E., *op cit.*, p.94.

362 Cf. Curtis, Glen E., *op cit.*, pp.93-95.



8.3. Geórgia

A Geórgia tem uma cultura muito rica que deriva das antigas religiões praticadas no país bem como da sua localização geográfica entre a Europa e a Ásia. Mesmo após séculos sob domínio estrangeiro a Geórgia conseguiu preservar a sua identidade cultural única e as suas tradições que juntam os diversos elementos das suas populações.³⁶³

Em 1891 a Geórgia foi anexada pelo império Russo, que renegou completamente a cultura georgiana, tentando erradicar a língua do país, bem como as suas mais antigas tradições, incluindo as religiosas - quase todos os frescos em todas as catedrais da Geórgia foram caiados de branco e o estatuto do Patriarca e de toda a estrutura da Igreja foram abolidos.³⁶⁴

O período sob domínio da Rússia Imperial conheceria o seu fim no mês de Fevereiro de 1917. A Revolução Bolchevique na Rússia intensificou a luta entre os Bolcheviques e Mencheviques georgianos que culminou com a conquista da Geórgia pelo Exército Vermelho. Consequentemente, durante os 70 seguintes, a Geórgia esteve completamente integrada quer económica quer politicamente na estrutura central da URSS, mas as instituições culturais e sociais do país acabaram por sobreviver assegurando mesmo alguma independência em relação aos órgãos centrais, muito em parte devido à grande distância geográfica existente em relação a Moscovo.

Durante a ocupação Soviética a Geórgia foi acusada por outras Repúblicas Soviéticas de beneficiar de alguns privilégios que não eram comuns a todas as Repúblicas Soviéticas principalmente o facto da fundamentalista e conservadora igreja georgiana ortodoxa, ao contrário de outros países onde os líderes religiosos foram perseguidos e as igrejas fechadas, sem qualquer explicação plausível ter obtido a permissão do regime Soviético para continuar a funcionar abertamente.

Durante o período soviético a Geórgia sustentou a sua economia principalmente na indústria da água mineral e do vinho, bem como no turismo, de recreio nas praias do Mar Negro, mas principalmente o turismo termal nas suas montanhas da Geórgia que lhe concediam o título de Sanatório da URSS, em virtude das inegáveis propriedades termais das

363 A identidade georgiana esta ligada à religião desde a introdução do Cristianismo no princípio do século IV. Cerca de 60% dos Georgianos são cristãos da igreja ortodoxa arménia ou georgiana.

364 Cf. Governo da República da Geórgia, *Historical Outline*.

Disponível em: <http://www.government.gov.ge> [Consultado dia 16 de Março de 2010 às 13:00]



regiões de Borzhom, Abastuman, Tshhaltubo, Gulrinsh, Gagri, Kobuleti e Bakuriani.³⁶⁵ Porém o país era também um grande fornecedor de locomotivas eléctricas e aviões a jacto e outro material bélico embora estes produtos não fossem fabricados através de matérias-primas oriundas do seu território.

Como nas outras duas Repúblicas do Transcaucásia, também na Geórgia foi notório o rápido desenvolvimento ao nível da urbanização e da industrialização, e o crescimento da taxa de alfabetização. Porém os resultados foram ainda melhores sendo que durante os anos de governação de Estaline a Geórgia teve a melhor média de educação na URSS bem como o maior número de médicos.

Após a morte de Estaline começou a registar-se o ressurgimento do nacionalismo georgiano, mas apenas em 1972 a situação acabou por de descontrolar levando a que Moscovo reconhecesse a incapacidade dos líderes comunistas georgianos nomeando Eduard Shevardnadze, como Primeiro Secretário do Partido Comunista Georgiano, que encetou, entre 1972 e 1980, um saneamento de inúmeros membros do Partido alegadamente devido a actos de corrupção, de forma a sustentar a sua situação política de acordo com as directivas de Moscovo, relegando para segundo plano os desejos de autonomia dos Georgianos.

As primeiras acções de descontentamento por parte dos georgianos face ao domínio da URSS foram em 1978, quando as autoridades Soviéticas consideraram remover das constituições da Geórgia a cláusula que instituía a língua georgiana como língua oficial do Estado. Os protestos iniciados em Tbilisi forçaram o governo a recuar na decisão. Mas Shevardnadze sempre soube lidar com o nacionalismo, o que ficou bem patente aquando do início das disputas étnicas na Abecásia. Os abecásios alegavam querer separar-se da Geórgia devido a restrições culturais, linguísticas, políticas e económicas, que consideravam injustas. A esta questão Shevardnadze respondeu com a atribuição de cargos de maior importância na Geórgia às elites naturais da Abecásia. Eduard Shevardnadze deixaria o seu cargo, em 1985, tendo sido convocado pelos Soviéticos para Ministro dos Negócios Estrangeiros. A

365 Cf. Beriiia, Lavrentiĭ Pavlovich, *Fifteen years of soviet Georgia*, Co-operative Publishing Society of Foreign Workers in the USSR, 1936, p.24.



imagem deixada na Geórgia por Shevardnadze, uma imagem de político honesto e de grande popularidade, foi um enorme problema para o seu sucessor, Jumber Patiashvili.³⁶⁶

As acções mais significativas patrocinadas pelo nacionalismo georgiano foram as manifestações anti-Soviéticas do dia 9 de Abril de 1989, que conduziram a uma brutal intervenção dos militares Soviéticos em Tbilisi vitimando 21 pessoas, levando a que a situação ficasse insustentável, levando mesmo a que Shevardnadze fosse enviado para a Geórgia numa tentativa de restaurar a calma e a ordem no país. Shevardnadze optou então por substituir Patiashvili por Givi Gumbaridze, o chefe do KGB georgiano.³⁶⁷

A descredibilização do Partido Comunista Georgiano e o desejo quase unânime de independência entre a população foram factores que contribuíram para a continuação das manifestações anti-Soviéticas em território georgiano encabeçadas por Zviad Gamsakhurdia. A pressão da oposição forçou a realização de eleições multipartidárias no dia 28 de Outubro de 1990, que ditaram a vitória do partido “Geórgia Livre” liderado por Zviad Gamsakhurdia. Um ano depois, realizaram-se as primeiras eleições multipartidárias na Geórgia que apontavam para o final da Geórgia Soviética, que se efectivou em Março do mesmo ano aquando da aprovação, por referendo, da restauração da independência do país.³⁶⁸

366 Cf. Curtis, Glen E., *op cit.*, pp.163-165.

367 *Idem, ibidem*

368 Cf. Governo da República da Geórgia, *op cit*



CONSIDERAÇÕES FINAIS

As concessões atribuídas aos povos nacionais e a autonomia limitada tolerada nas repúblicas da URSS durante o ano de 1920 levaram ao desenvolvimento das elites nacionais e de um sentido de identidade nacional. Mas as posteriores acções de repressão e russificação impostas para levar avante a Social-democracia de uma forma barbárica provocaram um ressentimento contra ao domínio de Moscovo e promoveram um maior crescimento de consciência nacional no Cáucaso onde lado a lado sempre estiveram nacionalismos e ácidas animosidades raciais e religiosas.

Após a criação da URSS as divisões étnicas e os movimentos nacionalistas continuaram a existir no seio das repúblicas Soviéticas mas a melhoria das condições de vida ao nível do trabalho e do ensino pareciam ser factores suficientes para coibir as manifestações de foro nacionalista a grande escala. Porém, as transformações geopolíticas profundas potenciadas pelo fim da Guerra-fria, aliadas à renitência de Gorbachov em usar a violência do exército para impedir manifestações nacionalistas, trouxeram grandes problemas ao Estado Soviético.

A maneira como as políticas Soviéticas no Cáucaso, particularmente nos anos 20 e 30 interagiram com as tendências regionais de forma a criar modernas e novas identidades nacionais que continuam a existir ainda na região tiveram especial ênfase nos períodos de Revolução Guerra Civil e no período entre pós-guerras, porque foi nestes períodos que os eventos chave e processos chave tiveram lugar, já que os acontecimentos dos anos 50 e 80 são significativos mas são desencadeados por padrões e fenómenos antecedentes. Daí que alguns acontecimentos dos anos 80 e 90 fazem lembrar os de 1917-20. Isto porque quando se tornaram independentes, Geórgia e Arménia e Azerbaijão adoptaram, cada um, com um simbolismo auto-consciente, as mesmas bandeiras que os Bolcheviques derrotaram 70 anos antes, quando estes estados foram brevemente independentes antes de serem incorporados na URSS.

As políticas Soviéticas no Cáucaso podem ser divididas em quatro fases. Na primeira fase entre 1921 e 192 os comunistas consolidaram a sua posição política na região através da fundação de novas instituições económicas e sociais. Na segunda fase, entre os anos de 1929 e de 1936, foi operada uma rápida transformação a nível social e cultural á medida que a



industrialização e a colectivização da agricultura iam sendo implementadas de forma forçada. Na terceira fase, entre 1937 e 1953, as elites tradicionais restantes foram destruídas, apesar de ainda terem sido feitas algumas concessões a instituições tradicionais. Por fim, a última fase que teve início após 1953, ano de morte de Estaline, em que teve início a chamada Nova Era durante a qual existiu uma grande especulação acerca do novo rumo que a sociedade Soviética deveria tomar.

Segundo a ideologia marxista-leninista tradicional as questões étnicas e nacionais estão subordinadas aos interesses da classe, sendo portanto incapazes de proporcionar um poderoso impulso suficiente para destruir a ordem social existente.³⁶⁹ Aliás, a questão da nacionalidade, também não constava entre as maiores preocupações da *Perestroika*. Contudo acabou por tornar-se verdadeiramente um fraco elo de toda a corrente que sustentava a URSS.

As tensões étnicas apareceram através de focos de confronto entre comunidades muito dispersas, primeiro contra os russos nas repúblicas bálticas e no Cazaquistão, e posteriormente em maior escala entre as comunidades nativas na Transcaucásia.

Não obstante, os setenta anos de domínio soviético tiveram, pelo menos, a virtude de manter as tensões étnicas sob um pulso de ferro em que os russos sob a repressão brutal de Estaline e Lenine e os anos de chumbo de Brezhnev a Gorbachov, praticaram uma política que era uma mistura de repressão brutal das elites tradicionais com tentativas a longo prazo de fazer eleger novos líderes. Também as religiões foram vítimas de grande repressão e encaradas como um “ópio para as massas”, de carácter reaccionário e anti-soviético, numa filosofia fiel a Marx³⁷⁰. Porém, ainda antes de a União Soviética se ter dissolvido, quando o poder soviético entrou em colapso nas repúblicas do sul, ao mesmo tempo que vastas áreas eram redistribuídas, a carnificina das “limpezas étnicas”, conforme cita Stuermer “propagavam-se como um incendio de proporções bíblicas” já que “os povos da Geórgia; do

369 Cf. Kremenjuk, Victor A., *Conflict Management in the Former USSR and World Experience*, in Rupesinghe, Kumar, e, Tishkov, Valery A., *Ethnicity and Power in the Contemporary World*, United Nations University Press, Paris, 1996.

Disponível em:

<http://www.unu.edu/unupress/unupbooks/uu12ee/uu12ee0g.htm#5%20ethnic%20conflicts%20in%20the%20former%20USSR:%20history%20and%20lessons> [Consultado dia 2 de Março de 2010 às 13:00]

370 “Já nos anos 70, os governantes Soviéticos começaram, lentamente, a reconhecer o Islão como um elemento impulsionador de melhorias sociais. Segundo Stanizai, entre 95 e 99% dos indivíduos das etnias uzbeque, turcomana, cazaque, tajique e quirguiz mantinham os rituais da sua vida familiar e social e sofriam o domínio soviético” in Stuermer, Michael, *Putin e o Despertar da Rússia*, p.157.



Azerbaijão; da Arménia; da Abecásia e da Ossétia” ainda não tinham esquecido os “mitos fundadores reclamando por isso toda a terra que julgam ser sua por direito histórico”.³⁷¹

Muitos ministros Soviéticos continuavam a defender o antigo plano de Lenine de um Estado multinacional que reunia várias nações e nacionalidades do país embora para alguns *sbizhenie* continuasse a significar russificação.³⁷² Todavia os sentimentos nacionalistas e religiosos silenciados durante décadas, quer por força das debilidades económicas que se traduziam num elevado nível de pobreza e débeis condições de vida na região, quer também pelas muitas vidas tiradas pela máquina repressiva Soviética, vieram à tona com o abrandar da força repressiva sob comando de Gorbachov nos anos 80.

A partir de 1988 começaram a registar-se em maior escala problemas étnicos relacionados com tentativas de secessão que começaram a colocar o Estado Soviético sob uma grande pressão à qual este se revelou incapaz de resistir. Conforme escrevia Richard Pipes, “a URSS enfrentava uma verdadeira situação revolucionária”. Porém, nem Pipes previa que essa situação não pudesse ser contornada pelos dirigentes Soviéticos. Para ele deveria ser implementado um federalismo mais genuíno e verdadeiro e ser entregue um papel mais importante às minorias étnicas, de forma a evitar que a URSS pudesse continuar a assegurar o controlo cada vez menos efectivo das suas repúblicas.³⁷³

As políticas de Gorbachov, *Glasnost* – abertura – e *Perestroika* – reestruturação económica –, altura exigiram um maior grau de independência face a Moscovo que impôs forçosamente mudanças na política do governo e nas instituições políticas principalmente ao nível da emergência de novas elites políticas. Estes factores incitaram a mobilização e o moral dos grupos menos privilegiados e aumentaram a credibilidade dos líderes etno-nacionais nas repúblicas fomentando a autodeterminação bem como as exigências dos grupos étnicos. Assim, os líderes nacionais puderam mais facilmente determinar os seus objectivos bem como o seu *timing* para uma acção política cada vez mais facilitada por uma crescente mobilização étnica e nacionalista nas repúblicas do Cáucaso.

371 Cf. Stuermer, Michael, *op.cit.* p.155.

372 Cf. Black, Joseph Laurence, *Soviet Transcaucasia and Central Asia: overview and prognosis*, Canadian Institute of International Affairs, 1987, p.15.

373 Cf. Pipes, Richard, *Can the Soviet Union Reform?*, *Foreign Affairs*, vol. 63, no. 1. (Primavera 1984) *Apud* Beissinger, Mark R., *op cit.*, p.2.



Os focos de conflito étnicos e de secessão no Cáucaso levavam a crer que a situação por que passava a URSS seria uma situação de conflito interétnico, mas ao mesmo tempo parecia tratar-se de uma espécie de crise de descolonização, algo semelhante ao fim da era colonial na Índia, no Palestina, no Chipre, ou até em Angola.³⁷⁴

Nas três repúblicas que formam a região da Transcaucásia, o problema étnico, e os conflitos em torno da auto-determinação das minorias, adquiriram dimensões sem precedentes. De tal forma, que o facto de os dirigentes das repúblicas terem optado por rejeitar a autoridade central completa, proposta por Moscovo, não se revelou surpreendente.

Com os movimentos nacionalistas fortemente activos nas três repúblicas, a grande crise estalaria apenas após ter sido votada em Alto Carabaque a união do enclave com a República Soviética da Arménia. Gerou-se um conflito entre arménios e azeris que há muito se temia, o que não se sabia era que este conflito se iria revelar decisivo para uma cada vez maior perda de influência de Moscovo na região do Cáucaso.

Como resposta à perda de influência cada vez mais eminente na região as autoridades Soviéticas deram início a uma campanha de ódio racial recordando às populações locais que, no passado, os exércitos do Czar haviam conquistado todo o Cáucaso e que, já no século XX, o exército vermelho tinha esmagado os basmachi – os rebeldes do sul, ou bandidos, que fundaram pequenos Estados de vida curta no tempo da guerra civil entre os “brancos” e os “vermelhos”.³⁷⁵

O eclodir do conflito em Alto Carabaque, impulsionou as manifestações públicas nas repúblicas do Cáucaso, como os distúrbios anti-arménios que se verificaram em Baku e em Sumgait. O caos na região também se estendia à Geórgia que se debatia com o problema das Osétias, após ter tentado contornar a subversão na Abecásia.

A URSS parecia transmitir sinais de abertura e de tolerância ao permitir a realização das primeiras eleições parlamentares em 1989. No entanto a forma brutal como acabou por intervir num motim pacífico na Geórgia acabou por deitar a perder a pouca confiança que as populações do Cáucaso tinham no regime soviético. O último passo para a independência

374 Vide: Mouradian, *Mountainous Karabagh Question*; Vide também : Saroyan M., *The Karabakh Syndrome and Azerbaijani Politics* in *Problems of Communism* (Setembro – Outubro 1990): 14-27.

375 Cf. Stuermer, Michael, *op.cit.*, p.158-159.



das nações do Cáucaso foi dado curiosamente pelas forças Soviéticas, através da sua intervenção em Alto Carabaque, onde acabam por registar-se vários mortos.

A desintegração da URSS aconteceu de forma pacífica, mas os esforços desencadeados durante anos para assegurar a manutenção do Estado Soviético não foram igualmente pacíficos. De forma a manter o seu império multi-étnico, o regime Soviético utilizou um misto de instrumentos quer económicos quer políticos, desenvolvido e aperfeiçoado quer ao longo das décadas vividas sob Comunismo, quer também sob domínio imperial Russo.

Na sequência do golpe de estado em Moscovo, embora este tivesse falhado, as Repúblicas Soviéticas do Cáucaso começam a declarar-se independentes. Primeiro a Geórgia, depois o Azerbaijão, e por fim a Arménia.



BIBLIOGRAFIA

- ALIEVA, Leila**, *Reshaping Eurasia: foreign policy strategies and leadership assets in post-Soviet South Caucasus*, University of California, 2000.
- ALTSTADT, Audrey L.**, *The Azerbaijani Turks: Power and Identity under the Russian Rule*, Stanford, California, 1992.
- AZRAEL, Jeremy R.**, *Soviet nationality policies and practices*, Praeger, 1978.
- BAMMATE, Haïdar**, *Le Caucase et la Révolution Russe: Aspect Politique*, Union Nationale des Émigrés de la République du Caucase du Nord, 1929.
- BARTH, Fredrik**, *Ethnic groups and boundaries: the social organization of culture difference*, Universitetet i Bergen, Little, Brown, 1969.
- BASSIN, Mark**, *Imperial Visions: Nationalist Imagination and Geographical Expansion in the Russian Far East, 1840-1865*, Cambridge University Press, Cambridge, 1999.
- BEISSINGER, Mark R.**, e **HAJDA, Lubomyr**, *The Nationalities factor in Soviet politics and society*, Westview Press, 1990.
- BEISSINGER, Mark R.**, *Nationalism Mobilization and the Collapse of the Soviet State: a tidal approach to the nationalism study*, Cambridge University Press, 2002.
- BLACK, Joseph Laurence**, *Soviet Transcaucasia and Central Asia: overview and prognosis*, Canadian Institute of International Affairs, Toronto, 1987.
- BLACKSTOCK, Paul W.**, *The Strategy of Subversion: Manipulating the Politics of Other Nations*, Quadrangle Books, Chicago, 1964.
- BLANCH, Lesley**, *The Sabres of Paradise: Conquest and Vengeance in the Caucasus*, Revised Edition, I.B.Tauris, Londres, 2004.
- BLANK, Stephen J.**, e **RUBINSTEIN, Alvin Z.**, *Imperial Decline: Russia's Changing Role in Asia*, Duke University Press, 1997.
- BOBROVSKI, P. O.**, *Istoria 13 letniaya vojna YErevã (L'histoire de guerre de treize ans d'Erevã)*, Vol. 4, São Petersburgo, 1893.
- BREYFOGLE, Nicholas B.**, *Heretics and Colonizers: Forging Russia's Empire In The South Caucasus*, Cornell University Press, 2005.



BUCHANAN, Allen, *Justice, Legitimacy, and Self-Determination: Moral Foundations for International Law*, Oxford University Press, USA, 2007.

BUKHARIN, Nikolay, *The Politics and Economics of the Transition Period*, Routledge Library Editions, Londres, 1979.

ÇAGLAYAN, Kaya Tuncer, *British Policy Towards Transcaucasia, 1917-1921*, Gorgias Press, 2010.

CAROL, Jean, *Colonisation Russe, Les Deux Routes Du Caucase: Notes D'Un Touriste*, BiblioBazaar, 2010.

CENTRO DE ESTUDOS POLITICOS E SOCIAIS – Universidade Técnica de Lisboa – ISCSPU, *Subversão e Contra-Subversão*, Junta de Investigações do Ultramar, 1963

CHANRE, Ernest, *Recherches anthropologiques dans le Caucase*, Volumes 1 e 2, C. Reinwald, 1885

CHAPMAN, Tim, *Imperial Russia, 1801-1905*, Routledge, Londres, 2001.

CHRISTIAN, David, *Imperial and Soviet Russia: Power, Privilege and the Challenge of Modernity*, Longman – Austria, Melbourn, 1994.

COENE, Frederik, *The Caucasus - An Introduction*, Taylor & Francis, Routledge, Londres, 2009.

CONNOR, Walter D., *The Soviet worker: social stratification and political perceptions*, The Wilson Center, Kennan Institute for Advanced Russian Studies, 1977.

CORNELL, Svante E., *Azerbaijan Since Independence*, M.E. Sharpe, 2010.

COUTO, Abel Cabral, *Elementos de Estratégia - Apontamentos para um Curso*, vol. II, pág. 211, Instituto de Altos Estudos Militares, Lisboa, 1989

CURETON, W.D.D., *Ancient Syriac Documents – The Earliest Establishment of Christianity in Edessa and Neighboring Countries, from the year after our Lord's Ascension to the beginning of the fourth century*, Williams and Norgate, Londres, 1864.

DAL VERME, Giulio Zileri, *U.R.S.S. e petrolio: nel Cáucaso petrolifero*, Vallecchi, 1929.

DELMAS, Claude, *A Guerra Revolucionária, Publicações Europa-América*, Coleção Saber, Lisboa, 1975.

DINH, Nguyen Quoc, PELLET, Alain, e, DAILLIER, Patrick, *Direito Internacional Publico*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2003.



DUBROVIN, Vladimir, *Istoria voeni i vladitchestva russkikh na kafkaze (Histoire de la guerre et la domination russe dans le Caucase)*, Tome 6, São Petersburgo, 1988.

DUMAS, Alexandre, *Le caucase: journal de voyages et romans*, Issue 1, 1859.

ERGASHEV, Bakhodyr, *Civil Forums in Central Asia: Goals, Specifics, and Potential*, Central Asia and the Caucasus Center for Social and Political Studies – Sweden 3(27), 2004.

FEDERAL RESEARCH DIVISION, *Azerbaijan A Country Study*, Kessinger Publishing, 2004.

FERRO, Marc, *O Ressentimento na História*, Teorema, Lisboa, 2008.

FOSSATI, Fabio, *I conflitti armati contemporanei quali soluzioni*, ISIG, 2008

GAMMER, Moshe, *Ethno-Nationalism, Islam and the State in the Caucasus: Post-Soviet Disorder*, Routledge, Londres, 2007.

GEUKJIAN, Ohannes, *Ethnicity, Nationalism and Conflict in the South Caucasus: Nagorno-Karabakh and the Legacy of Soviet Nationalities Policy*, Ashgate Publishing, Ltd., 2012.

GIAP, Vo Nguyen, *Guerre de Liberation – Politique – Strategie - Tactique*, Ed. Sociales, Paris 1970.

GOUDAKOV, Vladimir, *Caucasiens, cosaques et empires: Les relations interculturelles au Caucase du Nord-Ouest XVe-XVIIIe siècle*, Harmattan, 2009.

GRAUBARD, Stephen R., *Exit from Communism*, Transaction Publishers, Nova Jérσία, 1993.

GREZHEGORSKY, I., *Otcherk voennikh sobitii na kafkaze, 1818-1850 (Croquis d'événements militaires dans le Caucase, 1818-1850)*, Tome XI, livre 11, Moscovo, 1874.

GULBENKIAN, Calouste S., *La Transcaucasie et la Péninsule D'Apchéron – Souvenirs de Voyage*, Librairie Hachette et C., 1891.

HAFEEZ, Malik, *Central Asia: Its Strategic Importance and Future Prospects*, Edição do Autor, 1996.

HAXTHAUSEN, August, *Transcaucasia: Sketches of the nations and races between the Black sea and the Caspian*, Chapman and Hall, Londres, 1854.

HENZE, Paul B., *The Transcaucasus in transition*, RAND, 1991.

HILLE, Charlotte Mathilde Louise, *State Building and Conflict Resolution in the Caucasus*, Eurasian Studies Library – Historical, Political and Social Studies of Slavic and Islamic Cultures in the Eurasian Region, BRILL, Leiden – Holanda, 2010.



HIRSCHMAN, Albert O., *Auto-Subversão: Teorias Consagradas em Xequre*, Companhia das Letras, 1996.

HOPKIRK, Peter, *The Great Game*, Hachette UK, Londres, 2006.

HUGHES, James, e, SASSE, Gwendolyn, *Comparing Regional and Ethnic Conflicts in Post-Soviet Transition States: An Institutional Approach*, ECPR Joint Sessions, Grenoble, Abril, 2001

HUTCHINSON, John, *Modern nationalism*, Fontana Press, 1994.

ISGENDERLI, Anar, *Realities of Azerbaijan 1917-1920*, Xlibris Corporation, 2011

IVEKOVIC, Ivan, *Ethnic and regional conflicts in Yugoslavia and Transcaucasia: a political economy of contemporary ethnonational mobilization*, Longo, 2000.

KATSIAFICAS, George, *The Subversion of Politics: European Autonomous Social Movements and the Decolonization of Everyday Life*, Humanities Press International, 2006.

KAZBEK, G., *Voennaya istoria grouzinskova grenaderskava polka (Histoire militaire du régiment de Géorgie)*, Tbilissi, 1865.

KAZEMZADEH, Firuz, *The struggle for Transcaucasia, 1917-1921*, Hyperion Press, 1981.

KELLY, Laurence, *Diplomacy and Murder in Tehran: Alexander Griboyedov and Imperial Russia's Mission to the Shah of Persia*, Tauris Parke Paperbacks, 2006.

KENNEDY, Michael D., *Cultural Formations of Postcommunism: Emancipation, Transition, Nation and War*, University of Minnesota Press, Minnesota, 2002.

KÉVORKIAN, Raymond H., *Le Génocide des Arméniens*, Odile Jacob, 2006.

KHACHATURIAN, Lisa, *Cultivating Nationhood in Imperial Russia: The Periodical Press and the Formation of a Modern Armenian Identity*, Transaction Publishers, New Jersey, 2009.

KHORÈNE, Moïse de, *Histoire d'Arménie*, Typographie Arménienne de Saint-Lazare, Veneza, 1841.

KING, Charles, *The Ghost of Freedom: A History of the Caucasus*, Oxford University Press, Oxford, 2008.

KISSINGER, Henry, *Diplomacy*, Simon & Schuster, Nova Iorque, 1994.

KLAPROTH, Julius Von, *Travels in the Caucasus and Georgia, performed in the years 1807 and 1808 in Command of The Russian Government*, Henry Colburn, Londres, 1814.



LAPIDUS, Gail Warshofsky, *The "Nationality" question in the Soviet Union*, Garland Pub., 1992.

LAWSON, Colin, e **WILES, Peter John de la Fosse**, *The Soviet-type economy as a generator of economic disturbances*, The Wilson Center, Kennan Institute for Advanced Russian Studies, 1978.

LEDONNE, John P., *The Grand Strategy of the Russian Empire, 1650-1831*, Oxford University Press, Oxford, 2003.

LEEUW, Charles Van Der, *Azerbaijan: A Quest for Identity : a Short History*, Palgrave Macmillan, 2000.

LENINE, Vladimir Ilitch, *O Marxismo e a Insurreição*, Biblioteca do Socialismo Científico, Ed. Estampa, Lisboa, 1975.

LINOTTE, Daniel, e **AUNE, Leif Erik**, *The Economic of Conflicts (Civil War, Terrorism, and Separatism): Selected Issues, Findings and Preliminary Lessons*, Central Asia and the Caucasus Center for Social and Political Studies, Suécia, 2004.

MAC FARLANE, Charles, *The Armenians – A Tale of Constantinople*, Vol I, Carey and Lea – Chesnut Street, Philadelphia, 1830.

MADATOV, Valérien G., *1782-1829 Na voennoy sluzhbe v persii (1782-1829 sur le service militaire en Perse)*, éd. Mir, Moscovo, 1977.

MALTEZ, José Adelino, *Princípios de Ciência Política – Introdução à Teoria Política*, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa, 1996.

MARSHALL, ALEX, *The Caucasus under Soviet Rule*, Taylor and Francis, Londres, 2009

MARTINSEN, Deborah A., *Literary Journals in Imperial Russia*, Cambridge University Press, Cambridge, 1998.

MASTNY, Vojtech, *The Cold War and Soviet Insecurity: The Stalin Years*, Oxford University Press, Oxford, 1998.

MATOSSIAN, Mary Kilbourne, *The Impact of Soviet Policies in Armenia*, E.J.Brill, Leiden – Holanda, 1962

McFAUL, Michael, e **STONER-WEISS, Kathryn**, *After the Collapse of Communism: Comparative Lessons of Transition*, Cambridge University Press, Cambridge, 2004.



MINAHAN, James, *One Europe, Many Nations: A Historical Dictionary of European National Groups*, Greenwood Publishing Group, 2000.

MIRANDA, Jorge, *Escritos Vários Sobre Direitos Fundamentais*, Principia, 2006

MOREIRA, Adriano, *Ciência Política*, Livraria Almedina, Coimbra, 1984

MORGAN, Jacques, *Histoire du peuple arménien depuis les temps les plus reculés de ses annales jusqu'à nos jours*, Berger-Levrault, Paris, 1919.

MORGAN, Jacques, *Les premières civilisations: études sur la préhistoire et l'histoire jusqu'à la fin de l'empire macédonien*, E. Leroux, Paris, 1909.

MORGAN, Jacques, *Recherches sur les origines des peuples du Caucase*, Ministère de l'éducation nationale, E. Leroux, Paris, 1889.

MOSTASHARI, Firouzeh, *On the Religious Frontier: Tsarist Russia and Islam in the Caucasus*, I.B.Tauris, Londres, 2006.

NAUMKIN, Vitaliĭ Viacheslavovich, *Central Asia and Transcaucasia: ethnicity and conflict*, Greenwood Press, 1994.

O'ROURKE, Shane, *Warriors and Peasants: The Don Cossacks in Late Imperial Russia*, Palgrave Macmillan, 2000.

OHANIAN, Pascual Carlos., *La Cuestion Armenia y las Relaciones Internacionales – Tomo 6 – 1920*, Academia Nacional de Ciências de la República de Armenia, Buenos Aires, 2010.

OLCOTT, Martha Brill, HAJDA, Lubomyr, e OLCOTT, Anthony, *The Soviet multinational state: readings and documents*, M.E. Sharpe, 1990.

ORSOLLE, Ernest, *Le Caucase et la Perse*, E. Plon, Nourrit et cie, Paris, 1885

QUIMET, Matthew J., *The Rise and Fall of the Brezhnev Doctrine in Soviet Foreign Policy*, University of North Carolina Press, North Carolina, 2003.

PINHEIRO, Joaquim Franco, *Subversão e Contra-Subversão*, Estudos de Ciências Políticas e Sociais, nº. 62, Junta de Investigação do Ultramar, Lisboa, 1963.

RAFFASS, Tania, *The Soviet Union - Federation or Empire?*, Routledge, Londres, 2012.

ROSENAU, James N., *Turbulence in World Politics*, Princeton University Press, 1990.

RUSSKI MIR, (Monde russe), No 11, 1873.



SAROYAN, Mark, e **WALKER, Edward W.**, *Minorities, mullahs, and modernity: reshaping community in the former Soviet Union*, International and Area Studies, University of California, 1997.

SCHROEDER, Gertrude E., *Transcaucasia since Stalin: the economic dimension*, Kennan Institute for Advanced Russian Studies, Woodrow Wilson International Center for Scholars, 1980.

SCHROEDER, Gertrude E., *Transcaucasia within the economy of the USSR: a preliminary assessment*, United States. International Communication, The Wilson Center, Kennan Institute for Advanced Russian Studies, 1979.

SHAUMIAN, Suren, *Bakinskaya Kommuna (The Baku Commune)*, Baku, 1927.

SHAVROV, N. N., *Novaia ugroza russkomu delu v Zakavkaz'e. Predstoiashaia rasprodazha Mugani inorodstan (The New Threat to the Russian Cause in Transcaucasia. The Forthcoming Sale of Mughan to Aliens)*, Baku, 1990.

SILVER, Brian D., *Ethnic identity change among Soviet nationalities: a statistical analysis*, University of Wisconsin--Madison, 1972.

SILVER, Brian D., *Population redistribution and the ethnic balance in Transcaucasia*, Kennan Institute for Advanced Russian Studies, 1980.

SMITH, Anthony D., e **HUTCHINSON, John**, *Nationalism: Critical Concepts in Political Science*, Volume 5, Routledge, Londres, 2000.

SMITH, Anthony D., *Theories of nationalism*, Harper & Row, 1971.

STARR, S. Frederick, *The Legacy of History in Russia and the New States of Eurasia*, M.E. Sharpe, 1994.

SUNY, Ronald G. e **CURTINS, Glenn E.**, *Armenia, Azerbaijan, and Georgia: Country Studies*, Diane Publishing, 1996.

SUNY, Ronald Grigor, *The Making of the Georgian Nation*, Indiana University Press, Indiana, 1994.

SUNY, Ronald Grigor, *Transcaucasia, nationalism and social change: essays in the history of Armenia, Azerbaijan, and Georgia*, University of Michigan Press, Michigan, 1996.

TOLSTOY, Leo, *The Cossacks, and other tales of the Caucasus*, Oxford University Press, Humphrey Milford, 1929



TSAROEVA, Mariel, *Peuples et religions du Caucase du Nord*, Karthala Editions, Paris, 2011

TUTAEFF, David, *Soviet Caucasus*, Read Books, 2011.

UNITED STATES DEPARTMENT OF STATE, *Central Asia and Transcaucasia: Minority problems and general conditions: a selected bibliography*, External Research Division, 1964.

VILLARI, Luigi, *Fire and sword in the Caucasus*, T. F. Unwin, Londres, 1906.

WALDRON, Peter, *The End of Imperial Russia, 1855-1917*, Palgrave Macmillan, 1997.

WERTH, Nicolas, *Storia della Russia nel Novecento. Dall'Impero russo alla Comunità degli Stati indipendenti 1900-1999*, Il Mulino, 2000.

WHEATLEY, Jonathan, *Georgia from National Awakening to Rose Revolution: Delayed Transition in the Former Soviet Union*, Ashgate Publishing, Ltd., Hampshire, 2005.

YEMELIANOVA, Galina M., *Russia and Islam: A Historical Survey*, Palgrave Macmillan, 2002.

ZANZUCCHI, Michele, *Sull'ampio confine. Storie di cristiani nel Cáucaso*, Città Nuova, 2010.



INDICE DE ANEXOS

Cronologia	135
Gráficos	140
1. Repressão Soviética em Manifestações de Protesto (1987-1992).....	140
2. Evolução das Maiores Formas de Violência em Massa na URSS.....	140
Mapas	141
1. Mapa Administrativo das Possessões Russas na Transcaucásia	141
2. Mapa da Expansão do Império Russo (1533-1914).....	141
3. Mapa da Anexação do Cáucaso ao Território Imperial Russo.....	142
4. Mapa da Região da Transcaucásia com as fronteiras actuais.....	142
5. Mapa Étnico-Línguístico do Cáucaso	143
6. Mapa da Região do Alto Carabaque.....	143
Fotografias	144
1. Cartazes de Propaganda Soviética	144
2. Fotografias da vida urbana na Transcaucásia – Final do Século XIX.....	144
3. Marcas da Geografia da Transcaucásia – Final do Século XIX.....	145
4. Fotografias Étnicas da Transcaucásia – Final do Século XIX.....	1



**Instituto Superior
de Ciências Sociais e Políticas**
UNIVERSIDADE DE LISBOA

ANEXOS



CRONOLOGIA

- 1556** – O Principado de Moscovo conquista o Canato de Astracã.
- 1700** – Império russo chega ao norte do Azerbaijão aproveitando-se da decadência do Império Persa.
- 1722-23** – Campanha Persa de Pedro o Grande no Mar Cáspio.
- 1762** – Unificação dos Reinos Georgianos do Leste (Kartli e Kakheti).
- 1763** – Rússia constrói fortificação em Mozdok, na Ossétia.
- 1768-74** – Guerra Russo-Turca.
- 1783** – O Reino de Kartli-Kakheti é colocado sob protecção da Rússia.
- 1787-92** – Guerra Russo-Turca.
- 1795** – Agha Muhammad Khan, invade e saqueia Tíflis.
- 1801** – Império Russo força a abolição da Dinastia Bagratid e anexa a Geórgia.
- 1804-13** – Guerra Russo-Persa.
- 1806-12** – Guerra Russo-Turca.
- 1811** – Igreja Ortodoxa Georgiana perde o estatuto autocéfalo durante o período de russificação.
- 1813** – Tratado do Gulistão divide oficialmente o Azerbaijão entre russos (parte norte) e persas (parte sul).
- 1818** – Fundação da cidade de Grozny.
- 1826-28** – Guerra Russo-Persa.
- 1828** – Tratado de Turkmanchai “entrega” o enclave de Naquichevão e a área em torno de Erevã à Rússia Imperial, que assim fortalece o controlo da região da Transcaucásia.
- 1828-29** – Guerra Russo-Turca.
- 1844-55** – Mikhail Vorontsov como Vice-rei do Cáucaso.
- 1853-56** – Guerra da Crimeia.
- 1872** – Indústria do Petróleo estabelece-se na área de Baku, e expande-se em pouco tempo.
- 1877-78** – Guerra Russo-Turca.
- 1878** – A “questão” da Arménia é debatida no Congresso de Berlim e torna-se um assunto relevante do foro Europeu.



- 1891** – Fundação do primeiro Partido Revolucionário na Arménia.
- 1895** – Turcos Otomanos massacram 300 mil arménios.
- 1900** – Organizações políticas radicais começam a formar-se no Azerbaijão.
- 1904-06** – Violência entre Arménios e Muçulmanos em Baku.
- 1908** – “Novos Turcos” começam a controlar o Império Otomano e promulgam reformas apoiadas pela população arménia.
- 1914** – Início da I Guerra Mundial
- 1915** – “Novos Turcos” levam a cabo um massacre que vitima 600 mil arménios . A maior parte dos sobreviventes deixam a região leste da Anatólia.
- 1917** – Arménia, Geórgia e Azerbaijão formam a Federação Independente da Transcaucásia. Czar Nicolau II abdica do Trono Russo. Bolcheviques conquistam o poder na Rússia.
- 1918** – A derrota do Império Otomano na I Guerra Mundial dá origem à independência da Arménia, da Geórgia e do Azerbaijão.
- 1920** – O Exército Vermelho invade o Azerbaijão transformando o país numa República Soviética, e força a Arménia a aceitar um governo dominado pelo comunismo.
- 1921** – Exército Vermelho invade a Geórgia pondo fim ao governo de Zhordania.
- 1922** – Instauração da URSS. É instaurada a Federação Socialista das Repúblicas Soviéticas da Transcaucásia, que junta a Arménia, a Geórgia e o Azerbaijão numa só República Soviética.
- 1924** – Morte de Lenine. Luta da liderança ganha por Estaline que o substitui.
- 1928** – Início do primeiro plano quinquenal; Industrialização e colectivização forçada.
- 1931-38** – Lavrenti Beria lídera o Partido Comunista Georgiano.
- 1936** – Aprovação da Constituição que declarava a URSS uma sociedade socialista, da qual faziam parte 11 Repúblicas Socialistas. A Arménia, a Geórgia e o Azerbaijão passam a constituir diferentes Repúblicas Socialistas Soviéticas.
- 1937** – Os saneamentos e purgas levadas a cabo pelo comissário político Lavrenti Beria atingem o seu auge na Arménia, Geórgia e Azerbaijão.
- 1939** – O pacto Hitler-Estaline concede à URSS os Estados Bálticos, a Polónia Oriental e a Bessarábia.
- 1941** – Alemanha ataca a URSS. Estaline não estava preparado. Em Dezembro, a batalha de Moscovo é a primeira derrota alemã.



- 1943** – Grande vitória Soviética em Estalinegrado. Igreja Ortodoxa Georgiana recupera a sua autonomia.
- 1943-44** – Deportações a grande escala no Cáucaso do Norte.
- 1945** – Azerbaijão tenta invadir a região azeri do Irão.
- 1945 (Janeiro)** – O acordo de Ialta reconhece a Europa de Leste e de Sudeste como zonas de influência Soviéticas; ocupação da Alemanha pelas quatro potências aliadas.
- 1945 (Agosto)** – Acordo de Potsdam. Divisão da governação da Alemanha como um todo, mas rapidamente se divide num bloco oriental e outro ocidental.
- 1946** – Ocidentais forçam a URSS a abandonar o governo autónomo do Azerbaijão, constituído em 1945 após a ocupação Soviética da parte noroeste do Irão.
- 1947** – Início da Guerra Fria.
- 1953** – Morte de Estaline e execução de Lavrenti Beria.
- 1953 (17 de Junho)** – Revolta de operários em Berlim Leste. Primeira repressão Soviética sobre os “trabalhadores”
- 1956** – Manifestações na Hungria e Polónia.
- 1957** – Khrushchev consolida o poder. Lançamento do Sputnik
- 1959** – Khrushchev purga o Partido Comunista do Azerbaijão.
- 1964** – Khrushchev é afastado com um golpe de Estado, substituído por Leonid Brejnev
- 1968** – Invasão da Checoslováquia pelos exércitos do Pacto de Varsóvia
- 1969** – Heydar Aliyev é nomeado presidente do Partido Comunista do Azerbaijão.
- 1970** – Zviad Gamsakhurdia começa a organizar acções dissidentes relacionadas com o nacionalismo georgiano.
- 1972** – Eduard Shevardnadze é nomeado Primeiro Secretário do Partido Comunista Georgiano.
- 1974** – Moscovo instala o regime de Karen Demierchian na Arménia com vista a acabar com a corrupção instalada no Partido. O regime é posteriormente removido devido à corrupção institucionalizada.
- 1978** – Eleição de um polaco como Papa – João Paulo II. Manifestações massivas não permitem que Moscovo leve avante os seus planos de tornar o russo na língua oficial da Geórgia.



1982 – Morte de Brejnev. Yuri Andropov toma o poder. Aliyev do Azerbaijão é nomeado membro completo do *Politburo* do Partido Comunista da URSS.

1984 – Morte de Andropov. Substituído por Chernenko

1985 – Morte de Chernenko. Gorbachov no poder. A *Perestroika* inicia a abertura política e a desagregação da URSS. Shevardnadze é nomeado Ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS e deixa o cargo de Primeiro Secretário do Partido Comunista Georgiano.

1988 (Fevereiro) – Governo do Alto Carabaque vota a unificação desta região autónoma do Azerbaijão, com a Arménia.

1988 (18-20 de Setembro) – Alto Carabaque tenta unificação com a Arménia. Primeiros confrontos étnicos no Alto Carabaque. Movimentos nacionalistas arménios ganham novo ânimo.

1989 (Abril) – Tropas Soviéticas esmagam uma manifestação de civis em Tbilisi³⁷⁶.

1989 (Março) – Manifestações massivas na Arménia a favor da libertação do Comité governativo do Alto Carabaque que tinha sido detido pelo Soviéticos de forma a travar o nacionalismo.

1989 (Setembro) – Azerbaijão inicia um bloqueio ao transporte de combustível que visava abastecer as tropas arménias em Alto Carabaque.

1989 (Outubro) – Partidos da Oposição do Azerbaijão lideram protestos em massa contra o domínio soviético. Proclamação oficial da soberania nacional do Azerbaijão.

1989 (Novembro) – Conselho Nacional do Alto Carabaque declara a unificação do território com a Arménia.

1990 – Tropas Soviéticas avançam em resposta à tentativa de secessão do Alto Carabaque. Gorbachov torna-se Presidente. Primeiras eleições de um Parlamento de eleição parcialmente livre. Levon Ter-Petrossian é escolhido para Presidente do Supremo Soviético Arménio. Nas primeiras eleições multipartidárias na Geórgia, Gamsakhurdia derrotas nas urnas os comunistas e é nomeado Presidente.

1991 – Boris Ieltsin é eleito Presidente da Rússia. Tentativa de golpe de Estado da ala direita contra Gorbachov, combatida com sucesso por Ieltsin e os moscovitas. Estabelecimento da CEI; Desmantelamento da URSS.

³⁷⁶ Até 1936 a cidade era oficialmente chamada de Tíflis.



1991 (Abril) – Geórgia, após a aprovação do referendo pelo Parlamento declara-se independente da URSS.

1991 (Agosto) – Azerbaijão declara-se independente da URSS.

1991 (Setembro) – Arménia declara-se independente da URSS.

1991 – Início da Guerra entre Arménia e Azerbaijão pela posse do território de Alto Carabaque.

1991 – Início da Guerra entre a Geórgia e a Ossétia (cessar-fogo em 1992)

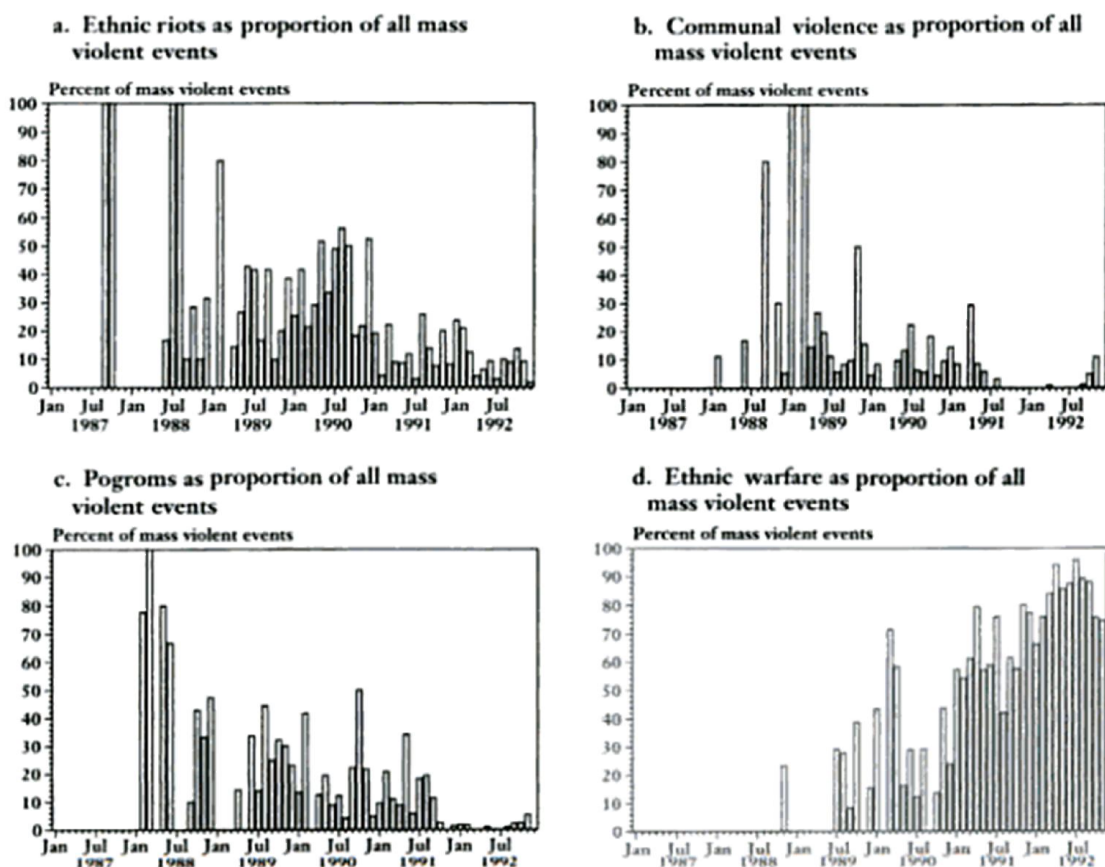
1991 – Início da Guerra entre Geórgia e a Abkhásia (cessar-fogo em 1994).

Gráfico 1: Repressão Soviética em Manifestações de Protesto (1987-1992)



Fonte: Beissinger, Mark R., *Nationalism Mobilization and the Collapse of the Soviet State: a tidal approach to the study of nationalism*, Cambridge University Press, 2002, p.336.

Gráfico 2: Evolução das Maiores Formas de Violência em Massa na URSS



Fonte: Beissinger, Mark R., *Nationalism Mobilization and the Collapse of the Soviet State: a tidal approach to the study of nationalism*, Cambridge University Press, 2002, p.308.

Mapa 1: Mapa Administrativo das Possessões Russas na Transcaucásia



Fonte: Andersen, Andrew, Maps History and Corporate Interests, *Vintage Map of Russian Possessions in the Caucasus*, Printed in London at the end of the XIX century

Mapa 2: Mapa da Expansão do Império Russo (1533-1914)



Fonte: Chaliand, G., Rageau, J-P, *Atlas des Empires*, Payot, 1993; Cagnat et Jan, M., *Le Milieu des Empires*, R. Laffont, 1981 e 1990; Duby, G., *Grand Atlas Historique*, Larousse, 1997.

Mapa 3: Mapa da Anexação do Cáucaso ao Território Imperial Russo



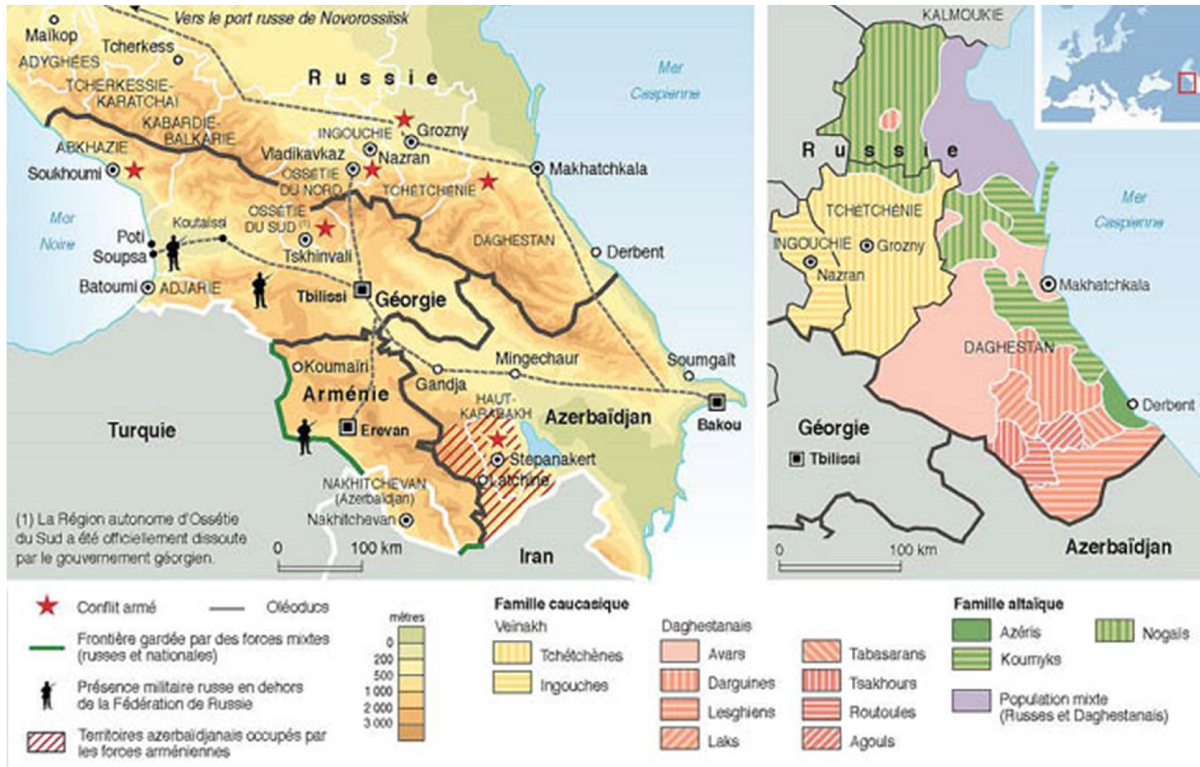
Fonte: Andersen, Andrew, Maps History and Corporate Interests, old Russian map that depicts incorporation of various parts of the Caucasus into the Russian Empire; Nota: 1801-Geórgia (kartlia), Shemakha, Dagestão conquistados à Pérsia; 1803-Mingrelia; 1804-Imerícia, Guria; 1805-1806-Baku e outras regiões do Azerbaijão, 1810-Abecásia; 1813-Regiões de Lenkoran e Astara no Azerbaijão; 1819-Parte Leste do Dagestão; 1828-Arménia; 1829-Zona costeira da Circássia; 1858-Svaneti na Geórgia; 1859-Território Oeste do Dagestão e Chechénia; 1864-Região da Circássia; 1878-Regiões de Batumi, Kars e Ardahan.

Mapa 4: Mapa da Região da Trancaucásia com as fronteiras actuais



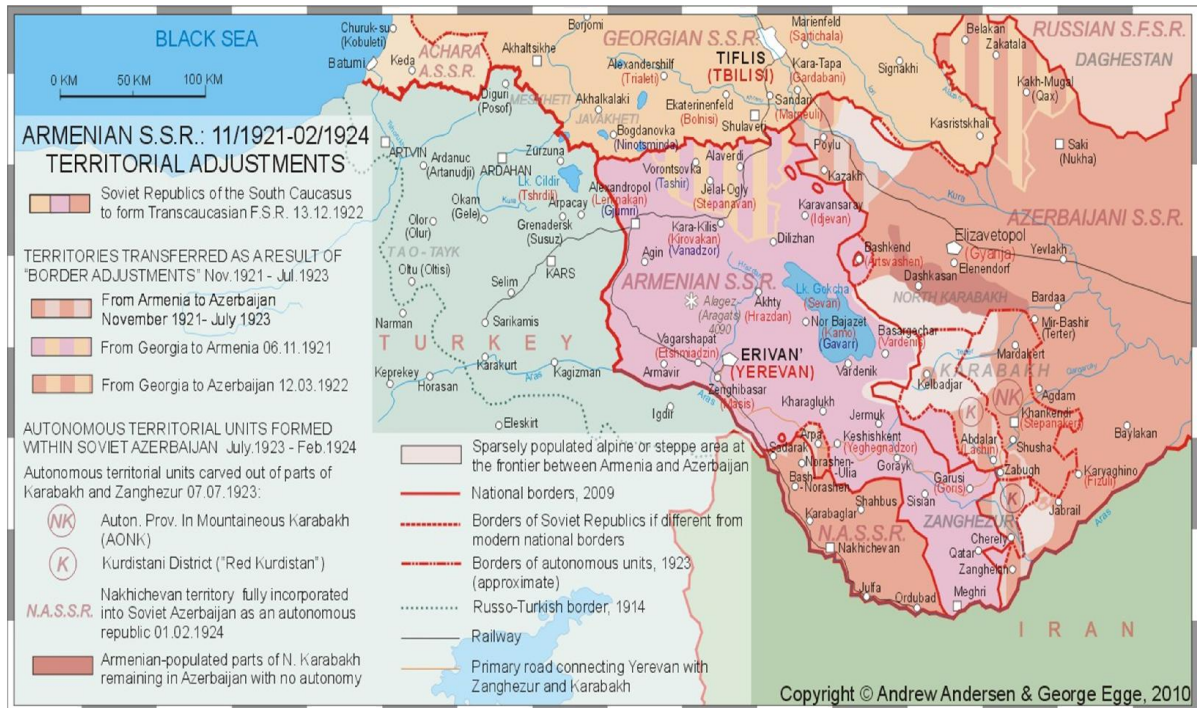
Fonte: Cf. Waal, Thomas de, *The Caucasus: An Introduction*, Oxford University Press, Londres, 2010

Mapa 5: Mapa Étnico-Linguístico do Cáucaso



Fonte: Beroutchachvili, Nicolas, Radvanyi, Jean, *Atlas géopolitique du Caucase*, Inalco, Paris, 1996; Central Intelligence Agency Maps and Publications.

Mapa 6: Mapa da Região do Alto Carabaque



Fonte: Andersen, Andrew, *The Struggle for Karabakh, Nakhichevan and other Territories disputed by Armenia and Azerbaijan (1918-1920)*

Imagem 1: Cartazes de Propaganda Soviética



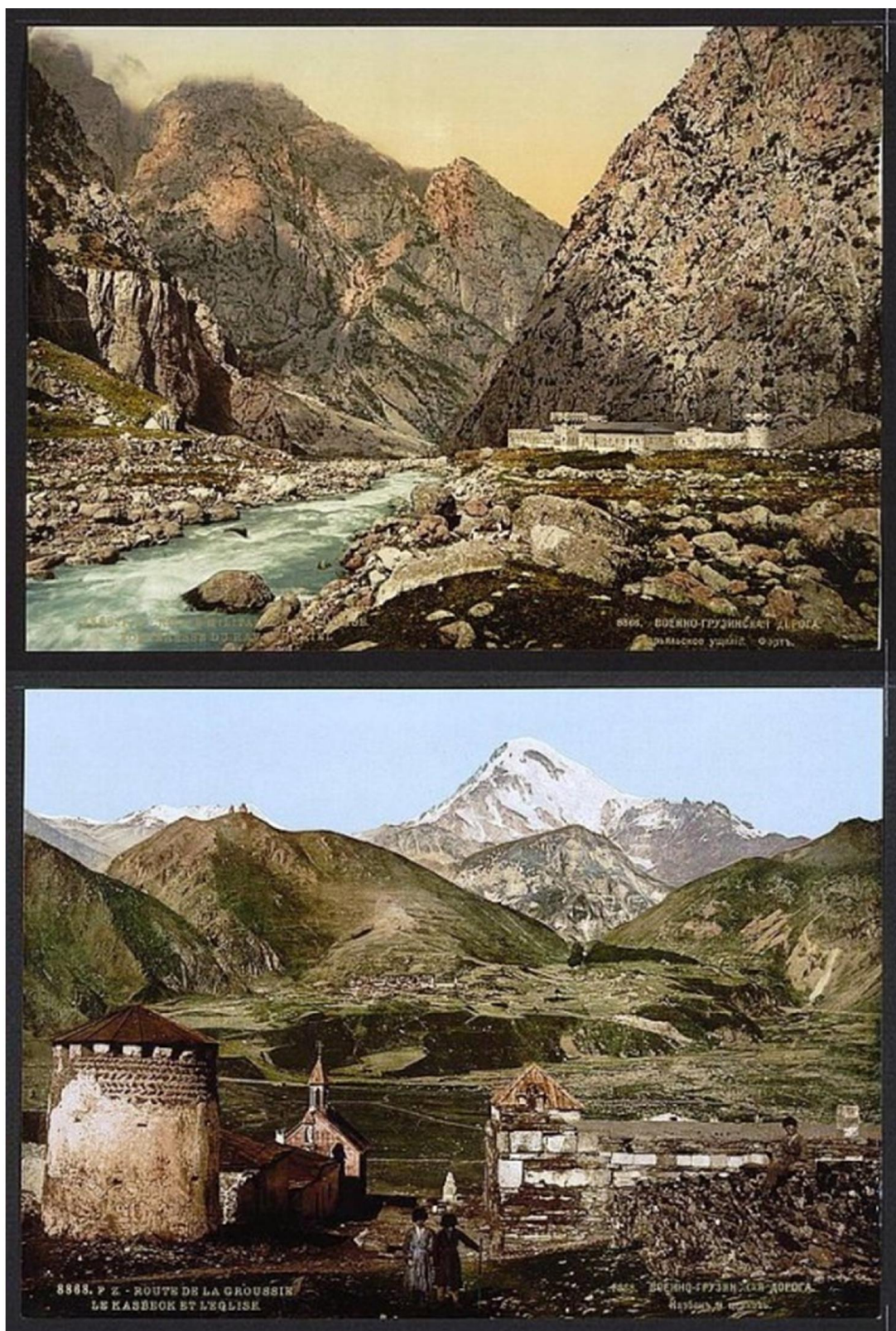
Fonte: Em cima; Poster de 1930 a congratular a indústria soviética in Photograph LLCOrbis; Cartaz turístico a propagandear a Arménia Soviética, por volta de 1933; in PhotographLLCCorbis; Cartaz turístico dos anos 1930 in Photograph David Pollack KJ Historical CORBIS;
Em baixo: A luta da juventude da URSS pela causa de Lenine, Lithograph, vintage undated, from a private collection, in PhotographCorbis; Poster de 1932 em honra da alfabetização, in PhotographSwim Ink 2, LLCOrbis; Cartaz turístico da década de 1930 publicita a cidade costeira de Batumi na Geórgia in Photograph David Pollack K.J. Historical Corbis.

Imagem 2: Fotografias da vida urbana na Transcaucásia – Final do Século XIX



Fonte: De cima para baixo; Mercado de Tapetes em Ganja no século XIX in Ermatov, *Caucasia and Transcaucasia Ethnic Photos from the 19th Century*, Vendedores de Tapetes Muçulmanos, in Ermatov *op.cit.*; Venda de produtos em barro em Elisavetopol, in Ermatov, *op.cit.*, Comércio em Tblisi, in Ermatov, *op.cit.*; Venda de aves domésticas em Tblisi, in Ermatov, *op.cit.*, Comerciantes em Tblisi, in Ermatov, *op.cit.*

Imagem 3: Marcas da Geografia da Transcaucásia – Final do Século XIX



Fonte: De cima para baixo; Estrada Militar da Geórgia escavada nos impressionantes desfiladeiros do Darial; A estrada e a igreja com a alta montanha Kasbekh ao fundo; *in Russia in color, a century ago*; Disponível em: http://www.boston.com/bigpicture/2010/08/russia_in_color_a_century_ago.html [consultado dia 4 de Fevereiro de 2013 às 17:00]

Imagem 4: Fotografias Étnicas da Transcaucásia – Final do Século XIX



Fonte:: de cima para baixo; O povo Laz integra um grupo étnico nativo das zonas costeiras do Mar Negro do nordeste da Turquia e sudoeste da Geórgia; Família Persa em Teerão; Um militar Curdo que integrou as fileiras militares da Rússia Imperial; Mulheres Chechenas; Trabalhador Grego; Príncipe Ovaljani fotografado em 1890, Patriarca da Igreja Apostólica Arménia; Judeu Arménio; Padre da Igreja Georgiana; Rabino da Imericia na Geórgia; Judeus Georgianos; Menina Tártara fotografada em Erevã; Homem mingrélio um grupo sub-étnico georgiano que vive principalmente em Samegrelo (Mingrelia) e também na região da Abecásia e em Tbilisi; Mulher natural da Imericia fotografada em Kutaisi, Auto-retrato do fotógrafo Ermatov, o autor das fotos. *in* Ermatov, *op cit.*